



**Universidade Federal de Uberlândia– UFU
Instituto de Letras e Linguística – ILEEL
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – PPGEL**

ANDRELINA HELOISA RIBEIRO RABELO

**LIBRAS E O FENÔMENO DA INCORPORAÇÃO NOS PROCESSOS DE
FORMAÇÃO DE SINAIS**

**Uberlândia
2020**

ANDRELINA HELOISA RIBEIRO RABELO

**LIBRAS E O FENÔMENO DA INCORPORAÇÃO NOS PROCESSOS DE
FORMAÇÃO DE SINAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos - PPGEL da Universidade Federal de Uberlândia – UFU como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos. Linha de Pesquisa: Teoria, descrição e análise linguística. Tema para a orientação: Realização dos aspectos linguísticos da Libras na fala dos surdos.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada

Orientadora: Profª. Dra. Eliamar Godoi.

Uberlândia

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

R114L Rabelo, Andreina Heloisa Ribeiro, 1982-
2020 Libras e o fenômeno da incorporação nos processos de formação de
sinais [recurso eletrônico] / Andreina Heloisa Ribeiro Rabelo. - 2020.

Orientadora: Eliamar Godoi.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.6013>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Linguística. I. Godoi, Eliamar, 1968-, (Orient.). II. Universidade
Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

ANDRELINA HELOISA RIBEIRO RABELO

**LIBRAS E O FENÔMENO DA INCORPORAÇÃO NOS PROCESSOS DE
FORMAÇÃO DE SINAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos - PPGEL da Universidade Federal de Uberlândia – UFU como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos. Linha de Pesquisa: Teoria, descrição e análise linguística. Tema para a orientação: Realização dos aspectos linguísticos da Libras na fala dos surdos.

Uberlândia, 11 de dezembro de 2020.

Banca examinadora:

Prof. Dra. **Eliamar Godoi** (UFU)
Orientadora

Prof. Dra. **Maria Virgínia Dias de Ávila** (UFU)
Membro Titular Interno

Prof. Dr. **Waldemar dos Santos Cardoso Junior** (UFPA)
Membro Titular Externo

MEMBROS SUPLENTES

Prof. Dra. **Valeska Virgínia Soares Souza** – (UFU)
Membro Suplente Interno

Prof. Dr. **Marcus de Souza Araújo** – (UFPA)
Membro Suplente Externo



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G256 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3289-4000 | www.ufu.br | e-mail: ppgel@ileel.ufu.br

ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, PPGEL				
Data:	11 de dezembro de 2020	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	17:00
Matrícula do Discente:	11822ELI004				
Nome do Discente:	Andreline Heloísa Ribeiro Rabelo				
Título do Trabalho:	LIBRAS E O FENÔMENO DA INCORPORAÇÃO NOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE SINAIS				
Área de concentração:	Estudos em Linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Teoria, descrição e análise linguística				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Panorama sociolinguístico e descritivo da Libras falada pela comunidade surda em contexto educacional				

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos - PPGEL, assim composta: Professores Doutores: Maria Virgínia Dias Ávila; Waldemar dos Santos Cardoso Junior; Eliamar Godoi, orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Eliamar Godoi, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.

Documento assinado eletronicamente por **Waldemar dos Santos Cardoso Junior, Usuário Externo**, em 15/12/2020, às 16:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliamar Godoi, Presidente**, em 15/12/2020, às 17:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Virgínia Dias de Ávila, Usuário Externo**, em 16/12/2020, às 09:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2453763** e o código CRC **42FCF891**.

A Deus, meu pai celestial, ao meu companheiro de sempre Sérgio Rabelo, com quem divido e multiplico nessa vida e aos meus filhos Larissa, Paulo e Lucas, motivação diária para eu seguir em frente.

AGRADECIMENTOS

Manifesto minha gratidão ao poderoso Deus, criador do Céu e da Terra, Aquele que tudo governa e como tal me permitiu viver cada dia debaixo de Sua graça e vencer mais esta etapa. Meu pai e amigo Deus, gratidão por ter colocado na minha vida as pessoas mencionadas abaixo, e tantas outras, na hora certa e no lugar certo. Obrigada por tanto cuidado e amor, eu te louvo e te adoro Senhor.

Gratidão!!!! Muita gratidão pela vida de cada pessoa que passou pela minha e contribuiu para que eu me tornasse quem sou hoje.

Nesse caso, em especial preciso agradecer ao corpo docente, técnico e discente que compuseram esse período da minha trajetória acadêmica. Gratidão a vocês, pois, assim, as coisas fluíram melhor.

Agradecida aos professores da graduação, fundamentais para que despertasse em mim o desejo pela pesquisa, aos professores da pós-graduação pelo acolhimento, pelas trocas e por tantos ensinamentos, não só científico, mas ensinamento de vida e para a vida. Agradecida aos técnicos administrativos que sempre me receberam bem a cada ida minha à secretaria para realização dos trâmites necessários na vida acadêmica. E, ainda, agradecida aos colegas que dividiram comigo esses anos, seja na graduação, seja na pós-graduação, obrigada pela parceria.

Para representar cada uma dessas categorias quero mencionar aqui nomes que foram importantes nessa trajetória: professor Fábio Izaltino e professora Cíntia Camargo com vocês aprendi que humildade e simplicidade não estão relacionadas com a posição que ocupamos, ou com nossa condição financeira, mas com o caráter. Foi um prazer conhecer e ter a oportunidade de aprender com vocês, sinceramente, eu não sei nem como explicar vocês dois, só quem tem o prazer de tê-los por perto entende do que eu estou falando.

Pós-graduação, Ah!! Período conturbado esse, pouco tempo, prazos, imprevistos, e eu sendo orientada por essa mulher tão humana, tão generosa. Obrigada Eliamar Godoi por acreditar na minha proposta, aceitar essa parceria e me colocar no eixo quando eu parecia perdida, você foi mais que orientadora, foi uma auxiliadora. Você não faz ideia do quanto a sua frase final após nossos encontros ou conversas por telefone fizeram diferença, aquele “Deus te abençoe” era sincero, puro, verdadeiro e como eu precisava e preciso dessa benção sempre. Obrigada, muito obrigada por entender que, atrás dessa pesquisadora aqui, existe um ser humano.

Falar da equipe técnica sem falar dessas duas, não dá; Giselly e Tatiane uma dupla daquelas! Obrigada pelas inúmeras orientações, pelas vezes que, mesmo lotadas de tarefas, pararam para ouvir minhas dúvidas, angústias, acalmar minha alma e me mostrar possibilidades, vocês acreditaram em mim. Anjos existem e vocês foram exatamente isso na minha vida acadêmica e porque não dizer na vida pessoal também. Gratidão!

Aos colegas sou imensamente grata nas pessoas da Suely e do Augusto. Ela sempre pronta! Uma grande parceira com quem desenvolvi várias atividades que contribuíram para agregar conhecimento, sempre disposta a ouvir meus inúmeros áudios pedindo orientações sobre como me posicionar diante situações que pareciam fugir do controle e com toda leveza

trazendo respostas que me auxiliavam. Ele, menino doce, simples, calmaria, uma pessoa para chamar de amigo, sempre pronto a me ajudar, principalmente nas questões tecnológicas digitais, as quais eu tenho dificuldades.

Letícia e Raquel, outra dupla daquelas! Sou ou não abençoada? Só gente diferenciada passou por mim nesse período. Quanta admiração eu tenho por essas meninas! Admiro demais a maneira como conduzem a vida, e, sobretudo, como conduzem as relações. Obrigada por me auxiliarem nessa etapa, vocês foram muito importantes.

Também preciso agradecer à família de onde eu vim: À minha mãe por ter me presenteado com duas irmãs tão especiais: Francislene e Gisele. Gratidão a vocês por serem exatamente como são e me ensinarem tanto com suas vidas, suas companhias. Obrigada pelas várias horas de conversas, conselhos e descontração, vocês tornaram esse período mais leve.

Gratidão ao meu tio Oswaldo, como ele foi importante nesse processo! Obrigada pelos conselhos, por estender as mãos e me “adotar”, por cuidar do Lucas durante a graduação, pois, sem sua ajuda, eu não teria encerrado o primeiro ciclo da vida na universidade. Sua boa vontade me deu ânimo e eu quis ir mais além como forma de gratidão, porque eu sei que se orgulha de mim. Com o senhor aprendi que “a gente só pode desistir de desistir”. Eu tenho levado isso a sério. Obrigada meu tio!

E, imensa gratidão à família que tive a oportunidade de constituir junto com alguém tão especial: meu companheiro e amigo Sérgio Rabelo. Obrigada por acreditar em mim mais que eu mesma. Desde a graduação até aqui, você sempre com essa positividade me dando a maior força, impulsionando, dividindo comigo as tarefas da casa, o cuidado com os filhos, sempre com um sorriso no rosto e a frase “Deus está no controle”. É... Ele sempre está e Graças damos por isso.

Aos meus filhos, quanta gratidão eu sinto em tê-los em minha vida. Obrigada por entenderem minha correria, por me auxiliarem, por serem meus amigos e ajudadores. Quantas vezes me deram sugestões para desenvolver as atividades acadêmicas?! Quanta correria!!! E a gente sempre juntos. Família é o nome disso né?! Cada um do seu jeito, ajudando da sua maneira e a gente alcançou até mesmo aquilo que nem tinha ideia que seria possível. Larissa, Paulo e Lucas vocês são a razão de tantos planos, por vocês que eu insisto em voos tão altos.

RESUMO

Esse trabalho propõe a descrição e a análise do fenômeno da incorporação nos processos de formação de sinais, pautada nos aspectos morfológicos, fonológicos e sintáticos. Nessa perspectiva, assumimos como objetivo geral descrever e analisar como se realizam os processos de incorporação de diversos elementos linguísticos na Libras em contexto comunicativo. Em específico, buscamos identificar e analisar os tipos de incorporação de informações gramaticais e lexicais em sinais-base ou raiz; bem como registrar e categorizar os tipos de incorporação identificados e suas ocorrências na fala dos surdos, além de identificar e descrever as regras que regem a união de uma unidade a outra para atribuir ou alterar significados ao se incorporarem em sinais-base ou raiz. O vácuo identificado em relação à análise do fenômeno de incorporação na Libras, utilizando para coleta de dados a língua em uso, é o que mais justificou esta pesquisa. Para alcançar nossos objetivos, traçamos as seguintes perguntas de pesquisa: Quais são os tipos de incorporação que aparecem na fala dos surdos e quais são os mecanismos gramaticais e lexicais que são subjacentes às formas de incorporação? Como o fenômeno da incorporação se realiza na fala dos surdos e quais são as regras que regem a união dessas unidades? Partimos da hipótese de que há diversas possibilidades de ocorrência de incorporação na Libras, além dos fenômenos de incorporação de negação e de número que a literatura da linguística da Libras mais retrata. A coleta dos dados foi a partir de registros de vídeos em Libras considerando o contexto comunicativo, por acreditarmos que esse formato contempla resultados mais pontuais que visam a corresponder a proposta de descrever os fenômenos linguísticos da Libras por meio da fala dos surdos em interação. Defendemos que é na língua em uso que se podem vislumbrar todos os aspectos articulados e combinados para sua expressão e para a composição dos fenômenos linguísticos da Libras que só podem ser percebidos na realização da língua. A metodologia fundamentou-se na pesquisa descritiva e a coleta de dados foi realizada a partir da análise de alguns vídeos disponibilizados no acervo da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC - <http://www.corpuslibras.ufsc.br>. Os dados advindos desse acervo foram analisados à luz de estudos apontados por teóricos como: Baker (1988), Ferreira (2010), Veloso (2008), Felipe (2006), Quadros e Karnopp (2004), Schuit (2007), Liddell (1997), Ferreira e Naves (2014) os quais traçam conceitos de incorporação e nortearam a análise das ocorrências dos fenômenos de incorporação na Libras nessa pesquisa. Como base para as análises, e para fundamentar as discussões sobre o fenômeno analisado, criamos um Instrumento Conceitual a partir dos conceitos propostos por esses teóricos. Os resultados indicaram que há várias outras possibilidades de incorporação no processo de formação de sinais, confirmando nossa hipótese, como entre outras, a incorporação de informações gramaticais em verbo, que não necessariamente precisa ser de deslocamento como o mostrado no estado da arte e que foi identificado e descrito nessa pesquisa. Os dados também mostraram que não existe uma única regra para o fenômeno de incorporação em sua ocorrência em um determinado grupo gramatical da Libras, ou seja, mesmo que o sinal pertença a um grupo x, a regra pode variar, também, a depender do elemento que antecede ou sucede esse sinal formado por incorporação. Nesse sentido, entendemos que as regras que regem os mecanismos gramaticais e lexicais de incorporação na Libras irão variar de acordo com o sinal-base ou raiz ao qual essa informação será incorporada.

Palavras-chave: Libras. Incorporação. Contexto Comunicativo. Morfologia.

ABSTRACT

This work proposes to approach the phenomenon of incorporation in the sign formation processes, based on the morphological, phonological and syntactic aspects. In this perspective, we assume the general objective of describing and analyzing the processes of incorporation of several linguistic elements in a communicative context of Brazilian Sign Language (LIBRAS, in Portuguese abbreviation). Concerning specific objectives, we aim to identify and evaluate the types of incorporation of grammatical and lexical information into base or root signs; register and categorize the divisions of incorporation and their occurrences in the speech of deaf people; and to identify and describe the rules that govern the union of one unit to another to assign or change meanings, when they are incorporated into base or root signs. As a justification for this research, there is emptiness in relation to the analysis of the phenomenon of incorporation in Libras, through the language in use for data collection. To reach our goals, we asked the following questions: what types of incorporation stand out in the speech of deaf people and what are the grammatical and lexical mechanisms underlying the forms of incorporation? How does the phenomenon of incorporation occur in the speech of these individuals and what norms affect the union of the units? We start from the hypothesis that there are several possibilities of incorporation in Libras, in addition to the phenomena of incorporation of negation and number portrayed by works related to the linguistics of this language. Data collection took place from video records in Libras, in the case of the communicative context, as we believe that this format includes more specific results that correspond to the proposal of describing the linguistic phenomena of Libras through the speech of deaf people in interaction. We argue that, in the language in use, it is possible to detect all the articulated and combined aspects for its expression and the composition of the linguistic phenomena of Libras can be perceived only in the realization of the language. The methodology was based on descriptive research, and data collection was carried out with an exhaustive analysis of some videos available in the collection of Federal University of Santa Catarina (UFSC) (<<http://www.corpuslibras.ufsc.br>>). The data from this collection were analyzed in the light of studies accomplished by theorists such as Baker (1988), Felipe (2006), Ferreira (2010), Ferreira and Naves (2014), Liddell (1997), Quadros and Karnopp (2004), Schuit (2007), and Veloso (2008), who conceptualized the incorporation and guided the analysis of the occurrences about the incorporation phenomena in Libras in this investigation. In order to support the discussions on the analyzed phenomenon, a conceptual instrument was created in accordance with the terminologies proposed by the referred scholars. The results indicated other possibilities of incorporation in the formation of signs, which confirms our hypothesis, such as the incorporation of grammatical information in verb that does not necessarily need to be a displacement, as demonstrated in the state of art and which was described in this research. Furthermore, those data highlighted that there is not only one rule for the phenomenon of incorporation in the occurrences in a certain grammatical group of Libras, that is, even if the sign belongs to a group x, the rule can also vary, depending on the element that precedes or succeeds the sign formed by incorporation. In this sense, we understand that the rules pertaining to the grammatical and lexical mechanisms of incorporation in Libras will vary according to the base or root sign to which the information will actually be incorporated.

Keywords: Libras. Incorporation. Communicative. Context. Morphology.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	Língua e Sinais Americana
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CL	Classificador
CL: B	Classificador - Configuração de mão em B
CL: F	Classificador - Configuração de mão em F
CL: G	Classificador - Configuração de mão em G
CL: Y	Classificador - Configuração de Mão em Y
CM	Configuração de Mão
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EF	Expressão Facial
ELAN	EUDICO Linguistic Annotator
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
GPELET	Grupo de Pesquisas em Estudos da Linguagem, Libras, Educação Especial e a Distância e Tecnologias
GSF	Gramática Sistêmico-Funcional
ILEEL	Instituto de Letras e Linguística
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
INRC	Inventário Nacional de Referências Culturais
L1	Língua Materna
L2	Segunda Língua
Libras	Língua de Sinais Brasileira
LP	Língua Portuguesa
LPDL	Língua Portuguesa com Domínio de Libras
LSF	Língua de Sinais Francesa
LSF	Língua de Sinais Francesa
LSKB	Língua de Sinais Ka'apor Brasileira
MO	Movimento
NALS	Núcleo de Pesquisas em Aquisição de Língua de Sinais
OD	Orientação/direção
OLEPS	Oficina de Leitura e Escrita de Português para Surdos
OSV	Objeto-Sujeito-Verbo
OVS	Objeto-Verbo-Sujeito
PA	Ponto de Articulação
PEU	Projeto de Extensão Universitário
PNPI	Programa Nacional do Patrimônio Imaterial
PPGEL	Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
Prolibras	Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais
Pronatec	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
Prouni	Programa Universidade para Todos
SISU	Sistema de Seleção Unificada
SLE	Segunda língua escrita
SN	Sintagma Nominal
SVO	Sujeito-Verbo-Objeto
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFPA	Universidade Federal do Pará

UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UNB	Universidade de Brasília
VOS	Verbo-Objeto-Sujeito

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Interface do acesso ao acervo	81
FIGURA 2	Composição do cenário das entrevistas	82
FIGURA 3	Visão com câmera na parte superior do ambiente das entrevistas	82
FIGURA 4	Cenário da entrevista: Interface do inventário-Vídeo 1	88
FIGURA 5	Contexto de sinalização de NÃO - TER	89
FIGURA 6	Contexto de sinalização de NÃO TER - DUPLICAÇÃO	91
FIGURA 7	Contexto de sinalização de ESTUDAR PARTICULAR	93
FIGURA 8	Contexto de sinalização de TERCEIRA SÉRIE	95
FIGURA 9	Contexto de sinalização de SÉTIMA - OITAVA SÉRIE	97
FIGURA 10	Contexto de sinalização de TERCEIRA SÉRIE	97
FIGURA 11	Contexto de sinalização de PRIMEIRO ANO ENSINO MÉDIO	99
FIGURA 12	Contexto de sinalização de SURDO CHEGAR	100
FIGURA 13	Configuração de mão em g	101
FIGURA 14	Contexto de sinalização de INTÉRPRETE CHEGAR	102
FIGURA 15	Contexto de sinalização de NÃO APRENDER	102
FIGURA 16	Contexto de sinalização de NÃO - TER	104
FIGURA 17	Contexto de sinalização de SÉTIMA E OITAVA SÉRIE	105
FIGURA 18	Contexto de sinalização de ENSINO MÉDIO	105
FIGURA 19	Contexto de sinalização de AJUDAR MUITO	106
FIGURA 20	Cenário da entrevista: Interface do inventário- Vídeo 2	108
FIGURA 21	Contexto de sinalização de SURDO/OUVINTE	109
FIGURA 22	Contexto de sinalização de NÃO - TER	110
FIGURA 23	Contexto de sinalização de PESSOAS	110
FIGURA 24	Contexto de sinalização de NÃO - SABER	112
FIGURA 25	Contexto de sinalização de AJUDAR MUITO	114
FIGURA 26	Contexto de sinalização de ESCREVER	114
FIGURA 27	Cenário da entrevista: Interface do inventário-Vídeo3	116

FIGURA 28	Contexto de sinalização de NÃO - COMBINAR	117
FIGURA 29	Contexto de sinalização de QUINTA SÉRIE	119
FIGURA 30	Contexto de sinalização de ESCREVER	120

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Teses e Dissertações defendidas por pesquisadores integrantes do GPELET	29
QUADRO 2	Modelo descritivo/analítico	79
QUADRO 3	Instrumento conceitual - Fenômeno de incorporação de informações gramaticais	84
QUADRO 4	Quadro descritivo/analítico aplicado - Incorporação de negação no verbo TER	89
QUADRO 5	Quadro descritivo/analítico aplicado - Incorporação de intensidade por duplicação	91
QUADRO 6	Quadro descritivo/analítico aplicado - Incorporação nominal em verbo de ação	93
QUADRO 7	Quadro descritivo/analítico aplicado - Incorporação de numeral	95
QUADRO 8	Quadro descritivo/analítico aplicado - Incorporação de numeral em numeral	98
QUADRO 9	Quadro descritivo/analítico aplicado - Incorporação de classificador – PESSOA/SINGULAR	100
QUADRO 10	Quadro descritivo/analítico aplicado - Incorporação de negação no verbo APRENDER	102
QUADRO 11	Quadro descritivo/analítico aplicado - Incorporação de intensidade/repetição de movimento	106
QUADRO 12	Quadro descritivo/analítico aplicado - Incorporação de classificador - PESSOA/PLURAL	110
QUADRO 13	Quadro descritivo/analítico aplicado - Incorporação de negação no verbo SABER	112
QUADRO 14	Quadro descritivo/analítico aplicado - Incorporação de instrumento	114
QUADRO 15	Quadro descritivo/analítico - Incorporação de negação no verbo COMBINAR	117

SUMÁRIO

0.	APRESENTAÇÃO GERAL	14
0.1	Sobre a pesquisadora: Breve relato	14
0.2	Organização e apresentação da pesquisa	18
1.	INTRODUÇÃO	21
1.1	Justificativa da pesquisa	26
1.2	Grupo de pesquisa	29
1.3	Trajetória da pesquisa	33
2.	ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DA LIBRAS: FUNDAMENTOS TEÓRICOS	35
2.1	Os estudos descritivos/lingüísticos da Libras	35
2.2	Fonética e fonologia e os parâmetros fonológicos da Libras	38
2.3	A morfologia da Libras	41
2.3.1	Os classificadores, a datilologia e a soletração rítmica na construção do sinal	45
2.4	A sintaxe espacial	46
2.5	A semântica-pragmática e a relação de interdependência entre os níveis lingüísticos	50
3.	PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE SINAIS EM LIBRAS	52
3.1.	Derivação	52
3.1.1	O substantivo e sua função nuclear: derivando nomes de verbos	53
3.2	Composição	55
3.3	As construções classificadoras da Libras	56
4.	O FENÔMENO DE INCORPORAÇÃO NA LIBRAS	66
4.1	A ocorrência do fenômeno de incorporação na formação de sinais	66
4.1.1	Incorporação de numeral e incorporação de negação	69
4.1.2	Incorporação de instrumento e incorporação de intensificador	72
4.1.3	Construções classificadoras e seus possíveis processos de incorporação	73

4.1.4	Incorporação nominal em verbos de deslocamento	74
4.1.5	Incorporação de modo em verbos de deslocamento e de tempo em advérbios	75
5.	ASPECTOS METODOLÓGICOS	77
5.1	Metodologia	77
5.2	Descrição do cenário e dos participantes da pesquisa	81
6.	A INCORPORAÇÃO DE INFORMAÇÕES GRAMATICAIIS EM SINAIS-BASE OU RAIZ: ASPECTOS FONOLÓGICOS, MORFOLÓGICOS E SINTÁTICOS	87
6.1	Análise dos dados: descrição do fenômeno de incorporação de informações gramaticais em itens lexicais	87
6.2	Sobre os fenômenos de incorporação: categorização, descrição e análise	88
6.3	Registro e categorização dos mecanismos gramaticais da Libras: aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos no fenômeno da incorporação	120
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
	REFERÊNCIAS	132

0. APRESENTAÇÃO GERAL

0.1 Sobre a pesquisadora: Breve relato

Meu nome, já mencionado no início desse trabalho é Andreлина Heloisa Ribeiro Rabelo. Tenho 38 anos, 3 filhos e sou a mais velha de um trio de mulheres de uma família em que o pai nunca estudou e também não acreditava no estudo como algo transformador; e a mãe, em contrapartida, sempre aconselhava que estudar seria o melhor caminho para realização dos nossos sonhos. Desse modo, agarrei-me aos conselhos de minha mãe e sempre procurei me dedicar aos estudos. Não era fácil, faltava material, faltava uniforme, mas sobrava vontade de estudar, afinal, os sonhos eram muitos, então diariamente eu percorria de um bairro ao outro para adquirir conhecimento e criar possibilidades. Sendo mãe de três filhos, uma menina e dois meninos, compartilho com eles os conselhos que recebi de minha mãe.

Nunca precisei refazer uma série na escola e terminei, com mérito, o ensino médio aos 17 anos. Em 2000, entrei no curso técnico de Enfermagem na cidade de Araguari, onde morava, na ocasião. Estudei nesse curso durante um ano, mas percebi que essa carreira não era para mim, então desisti do curso. Por motivos pessoais, não pude seguir direto para universidade, mas sempre alimentei meu desejo pela academia. Nesse período em que adieei esse sonho, casei-me, tive filhos e entre um intervalo e outro sempre mantive uma rotina de estudos. Muito atenta às oportunidades que o governo oferecia, eu buscava conciliar família e leituras diárias. Agradeço muito ao meu parceiro que sempre me apoiou e me incentivou, cumprindo seu papel de pai e companheiro, enquanto eu me ausentava para ousar certos avanços.

Eu tinha o hábito de fazer a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) todos os anos – desde a edição de 2004 - para testar meus conhecimentos e me manter atualizada. Em 2008, com a nota que obtive no exame de 2007, eu me inscrevi no Programa Universidade para todos (Prouni) para concorrer a uma vaga no curso de Administração Hospitalar de uma instituição privada aqui da cidade de Uberlândia. Até então, existia ali bem dentro de mim, uma vontade de me manter em um ambiente hospitalar, mas sem estar diretamente ligada ao paciente, pois eu não sabia lidar com emoções, talvez hoje eu conseguisse. Cursei um ano de faculdade, mas tive que parar, pois meu filho mais novo precisava mais de mim do que eu de um diploma.

Em 2009, final do ano, ouvi comentários de um programa do Estado de Minas Gerais chamado Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) que oferecia cursos técnicos gratuitos, mas, para isso, era necessário que o candidato fizesse uma prova. Novamente fiz a prova, passei, fiz a matrícula e em 2010 comecei o curso Técnico em Finanças. Dessa vez, ao contrário da faculdade que era à noite, o curso era à tarde, mesmo período em que meus filhos estudavam então eu aproveitei para fazer o curso que teria duração de 12 meses com encerramento programado para o final daquele mesmo ano. Concluí o curso com sucesso e fiquei aguardando outras oportunidades para novos cursos. Importante salientar que a escolha do curso se deu pela vontade que eu tinha de aprender administrar o orçamento familiar.

Nesse período, minha rotina de estudos e leituras foi mantida! Eu, sempre envolvida com a vida escolar dos meus filhos, buscava saber cada vez mais para auxiliá-los. Em 2013, surgiu a oportunidade de concorrer a uma bolsa integral pelo Prouni no curso de Gestão Ambiental na mesma instituição privada que fiz o primeiro ano de Administração Hospitalar.

Eu, como uma apaixonada pelo saber, quis arriscar. Era um curso bom, o mercado era promissor, o meio ambiente era o assunto da vez e eu queria saber de que se tratava o curso e o que ele abordava de fato, então me inscrevi, fui aprovada, fiz matrícula e comecei a estudar.

Logo percebi que as disciplinas do primeiro semestre eram as mesmas do primeiro semestre do curso de Administração Hospitalar, fui à direção, apresentei o histórico e pedi para eliminar disciplinas. Como o curso era Tecnólogo com duração de 2 anos eu eliminei um semestre e ganhei tempo. Nesse período eu comecei a me questionar sobre o porquê não tentar ingressar na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Sempre fui amante dos livros, da leitura, do diferente, que apesar de requerer um desgaste maior nos apresenta novas possibilidades. Partindo deste questionamento, comecei a canalizar meus pensamentos e a elaborar estratégias para ingressar na UFU, mas, sem definição sobre qual seria o curso a escolher. Pensei em Letras, mas temia encarar o Inglês ou o Espanhol, por exemplo, e não tinha conhecimento sobre a existência de um curso apenas de Língua Portuguesa. Desse modo, no final de 2013 estava eu mais uma vez fazendo a prova do ENEM para tentar uma vaga na Universidade Federal de Uberlândia.

Fiz a prova e me inscrevi no Sistema de Seleção Unificada (SISU) no início de 2014. Como sempre, quis caminhar por lugares nada óbvios e tentar coisas que não faziam parte do senso comum, então me inscrevi no curso de Letras – Língua Portuguesa com domínio de Libras (LPDL). Uma das motivações da escolha foi o fato de ter Libras-Língua de Sinais Brasileira no currículo do curso, uma língua até então desconhecida por mim e que me

despertou interesse. Não passei e fui para lista de espera, a cada chamada a ansiedade aumentava! Passei na sétima e última chamada e como não tinha tempo a perder, cheguei “chegando”, procurei recuperar o tempo e o conteúdos perdidos e alcancei o nível da turma. E como o curso de Gestão já estava por finalizar e consegui terminá-lo no final desse mesmo ano.

Agora discorrei sobre meu envolvimento com a Libras e meu interesse pelas pesquisas na área. O meu envolvimento com a Libras iniciou em 2014 quando ingressei no curso de LPDL oferecido na UFU. Era a primeira turma desse curso e eu tive o prazer de fazer parte dela. Com o curso em andamento, entrei na sétima e última chamada, como mencionado. O curso tinha apenas dois professores, sendo um ouvinte e um surdo. O professor ouvinte ministrava quatro (4) disciplinas e o professor surdo ministrava a disciplina de Libras. Com a novidade do curso, a demanda por professor habilitado na área era maior que a oferta. Eu nunca havia me envolvido com temáticas, trabalhos ou estudos que envolvessem a Libras, não tenho familiar surdo e, na época, também não tinha nenhum amigo surdo. Por isso, foi tudo novo e desafiador.

Logo que entrei no curso comecei a perceber discussões sobre a Libras ser ou não ser a segunda língua oficial do país; sobre ser reconhecida como língua, ser da comunidade surda, enfim, todas essas discussões que permeiam a academia quando se trata de reconhecimento, uso e ensino de Libras e, ao mesmo tempo, desconhecimento da comunidade ouvinte. A partir daí e diante de respostas que para mim não pareciam assertivas, comecei a pesquisar sobre a língua de forma mais aprofundada. Eu não queria apenas ser usuária da Libras, eu queria entender essa língua, estudar sobre ela, pesquisar. Então, logo no final do primeiro semestre, tive a ideia de investigar os pareceres das pessoas que tinham contato com a Libras sobre a representatividade dessa língua antes e depois da inserção do curso LPDL. A pesquisa foi superficial, isso porque eu era uma aluna de primeiro período e ainda não entendia muito sobre pesquisas acadêmicas, mas o resultado me fez perceber que o curso despertou nas pessoas a percepção dessa língua, talvez por curiosidade, mas as pessoas já começavam a questionar a presença de curso de Libras na instituição para contribuir com formação dos discentes.

Segui o curso sempre questionando a mim mesma e aos professores sobre o assunto. Considerava o currículo do curso muito bom, mas precisava ser discutido. No quarto período, metade do curso, veio para compor o corpo docente uma professora com formação em linguística na área de Libras e isso foi pontual para que eu seguisse meu caminho nas pesquisas, afinal, era disso que eu precisava: alguém que compreendesse meus anseios em

relação a essa língua tão nova para mim. Nesse período, comecei a ter meus questionamentos respondidos e/ou norteados e decidi que era isso que eu queria. Eu queria aprender e pesquisar sobre Libras. Comecei então uma corrida em busca da fluência porque eu entendia que para falar sobre o assunto eu precisava conhecer a Libras e seus mecanismos para analisar seus aspectos teórico-práticos. E assim eu fui seguindo de pesquisa em pesquisa, além de participar de vários cursos de Libras. Eu precisava ter fluência, adquirir e aprofundar conhecimentos e, durante esse período, apresentei trabalhos na área e contribuí com outras pesquisas.

Em 2017, no começo do sétimo período, eu já comecei a pensar sobre o que eu pesquisaria no mestrado caso eu conseguisse me ingressar na pós-graduação. Então surgiu a possibilidade de tratar sobre incorporação de classes gramaticais. Eu comecei a perceber que o que se falava em Libras era algo de modo reduzido ou mais sintético na sinalização, mas o sentido da mensagem era amplo e isso me chamou bastante a atenção. Eu comecei então a ficar mais atenta nos diálogos entre os usuários da Libras e ativei o meu lado pesquisador. Na busca sobre a temática envolvendo o fenômeno de incorporação, percebi que havia materiais que tratavam de incorporação de verbos, de numerais, de negação, mas algo me chamou a atenção, a falta de estudos sobre os substantivos na Libras usados em contexto comunicativo, pois, dependendo do contexto, o nome do objeto se apresentava incorporado a outra classe gramatical, desse modo, decidi que esse seria o meu possível tema de pesquisa.

Assim que abriu edital para concorrer às vagas de mestrado eu me inscrevi, passei por todas as etapas, submeti meu projeto e fui aprovada. No final de 2017, oitavo período, eu estava com todas as exigências de estágios, horas complementares e relatórios concluídos, sendo assim, apta para “colar” grau e ser reconhecida como uma licenciada em Letras - Língua Portuguesa com domínio de Libras. Desse modo, no primeiro semestre de 2018, eu ingressei como aluna especial no curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos - PPGEL e comecei a formalizar minha pesquisa. Foram muitos questionamentos, várias dúvidas, dificuldade de encontrar materiais que me nortegassem, já que a temática ainda não era muito explorada, mas insisti no tema e segui adiante.

Neste mesmo ano de 2018, fui designada para o cargo de professora e coordenadora do Curso Técnico de Tradução e Interpretação de Libras na Escola Estadual Bueno Brandão, situada nesta cidade e lá permaneci até o final de 2019. Esse trabalho me possibilitou o contato diário com a Libras e, por consequência, a fluência e a oportunidade de observar fenômenos linguísticos dessa língua, tais como: incorporação, variação, idioleto e dialeto, e tudo isso contribuiu de forma positiva para o desenvolvimento desta pesquisa. Além do contato com a língua no trabalho, eu também participei e ainda participo de cursos,

treinamentos, palestras, Workshops na área da Libras, entre outros, pois acredito que essa constância contribui para fluência e conhecimento das particularidades dessa língua que se difere da minha língua materna que é a Língua Portuguesa. Por meio dessas atividades, agrego conhecimento, tenho dúvidas sanadas e percebo a escassez de pesquisas relacionadas a diversas temáticas na área da linguística da Libras.

Nesse ínterim, meu pai faleceu acometido por um acidente vascular cerebral, oito meses depois meu sogro faleceu por insuficiência renal e, junto a isso, vários acontecimentos não programados me desestabilizaram, mas “sobrevivi” e segui meu caminho. Atualmente sou Tradutora e Intérprete de Libras na rede municipal e Estadual de ensino e, concomitante a esse trabalho, sou aluna regular do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Uberlândia, estando em fase final da minha pesquisa no campo da descrição dos fenômenos de incorporação no processo de formação de sinais na Libras. A finalização dessa pesquisa está sendo algo bem complexo e atípico. Como se não bastassem as perdas que me desestruturam bem mais que os imprevistos, o ano da finalização dessa pesquisa -2020- é um ano fora do comum, uma pandemia nomeada COVID-19 ou Novo Coronavírus nos fez parar no primeiro semestre. Faculdades, escolas, comércio, trabalho, tudo parou. O mundo parou! Que ano!!!

E eu? Mesmo com tudo, consegui finalizar minha dissertação. Nas páginas que se seguem está o desenvolvimento e o resultado desta pesquisa realizada a partir de muito esforço, de dedicação, de dúvidas e de esclarecimentos e sob o olhar de uma orientadora que foi além de seu papel de orientar: incentivou, aconselhou e estendeu as mãos a cada vez que eu me sentia no limite. Tenho ciência de que não consegui esgotar o tema e nem essa era a minha intenção, pois, uma pesquisa é o despertar de possibilidades! Mas, é com muita satisfação que apresento esse trabalho aos meus ilustríssimos leitores, acreditando que contribuirá com outros trabalhos da área.

0.2 Organização e apresentação da pesquisa

Esta pesquisa foi organizada em seis seções, além desta apresentação geral e das considerações finais. Na primeira seção fizemos as considerações iniciais contextualizando o tema, discorrendo sobre a Libras e a inscrevendo no âmbito da Linguística, perpassando pelos níveis linguísticos dando ênfase ao nível morfológico com recorte nos processos de formação de sinais por meio do fenômeno de incorporação. Em seguida, Justificamos a importância da pesquisa apontando como hipótese a de que o fenômeno de incorporação nas línguas de

sinais, em especial na Libras, ultrapassa o limite das construções com numerais, em que sinais-base ou raiz tendem a incorporar outras informações ou outros traços possíveis na língua.

Ainda na primeira seção apresentamos o grupo ao qual esta pesquisa se insere; elaboramos um quadro demonstrativo com todas as pesquisas desenvolvidas pelo grupo desde a sua criação; além de discorrer, de forma sucinta, sobre as pesquisas que apresentam relação com esta dissertação. E, por fim, apresentamos a trajetória da pesquisa, apontando os principais teóricos em que a pesquisa se filiou, além do objetivo geral e dos objetivos específicos.

Na segunda seção, apresentamos a fundamentação teórica da pesquisa em que trouxemos os resultados de nossas leituras, apontando discussões que versam sobre os aspectos linguísticos/descritivos da Libras tais como: fonética, fonologia, morfologia, além de apresentarmos os classificadores, a datilologia e a soletração rítmica como possibilidades de construção de sinais. Ainda nesse capítulo abordamos a sintaxe espacial e a semântica-pragmática da Libras, outros dois aspectos linguísticos desta língua.

Nesse contexto, a terceira seção tratou dos processos de formação de sinais em Libras por meio da derivação, composição e construções classificadoras. Na quarta seção, enfatizamos o fenômeno de incorporação no processo de formação de sinais abordando suas principais ocorrências. Como possibilidades apontamos a incorporação de numeral e negação, já bastante estudada, a incorporação de instrumento e intensificador, de construções classificadoras, a nominal em verbos de deslocamentos e incorporação de modo em verbos de deslocamento e de tempo em advérbios.

Na quinta seção, tratamos dos aspectos metodológicos e da trajetória da pesquisa apontando a natureza, descrevendo o cenário de coleta de dados, apresentando os participantes da pesquisa e o instrumento utilizado na coleta de dados, além da síntese da base de dados. Na sexta seção, descrevemos os dados, apontando e analisando os mecanismos gramaticais da Libras que foram observados na realização dos sinais na fala dos surdos participantes da pesquisa. Essa análise se pautou nos aspectos morfológicos, fonológicos e sintáticos da realização dos sinais no contexto comunicativo aos quais os vídeos analisados estão inseridos. Desse modo, descrevemos, categorizamos, registramos e analisamos o fenômeno de incorporação de informações gramaticais em sinais-base ou raiz que ocorreram na sinalização de participantes surdos, observando os mecanismos gramaticais e lexicais.

Por fim, apresentamos as considerações finais da pesquisa com nossas considerações elaboradas com base nos objetivos propostos e na hipótese levantada em relação aos dados

comprovados. Além disso, ressaltamos as contribuições desta pesquisa no campo da descrição e a problemática das pesquisas realizadas na Libras desconsiderando o seu contexto de prática social. Apresentamos ainda, por meio dos resultados, novas possibilidades de estudo que essa pesquisa suscita, bem como a possibilidade de ser aporte na elaboração de materiais didáticos.

1. INTRODUÇÃO

De forma geral, dados históricos nos mostram que a existência de uma língua gestual visual realizada por meio de sinais começou a ser notada por volta de 1760 com a fundação da primeira escola para surdos em Paris. Essa escola foi fundada pelo abade L'Épée. Segundo Perlin (2002), a partir dessa época, novas escolas de surdos, profissionais surdos e ouvintes foram surgindo e disseminando a possibilidade de uso de uma língua sinalizada. Nesse contexto, também surgiram percepções da necessidade de novos recursos para educação de surdos. É válido dizer que as línguas de sinais não são universais, cada país que tem, pelo menos, uma comunidade usuária de alguma língua sinalizada e a reconhece como tal, tem uma língua própria, e, às vezes, até mais de uma língua de sinais é utilizada e reconhecida nesse território.

Em relação às discussões sobre se, de fato, são línguas próprias ou representações de línguas orais, Felipe (2001) aponta que as línguas de sinais não são apenas um conjunto de gestos que explicam as línguas orais, pelo contrário, são complexas e expressivas, permitindo aos seus usuários discutir sobre qualquer assunto, desde filosofia e política, até moda, poesia e teatro. As línguas de sinais são línguas de modalidade gestual-visual que possuem aspectos gramaticais e linguísticos específicos e, à medida que as línguas de sinais vão recebendo status de língua, pesquisas apuradas sobre seus fenômenos linguísticos, inclusive descrições das línguas em contexto comunicativo, são desenvolvidas.

Nesse sentido, pesquisas apontam que estudos linguísticos a respeito das línguas de sinais têm sido desenvolvidos há um bom tempo. Registros nos mostram que em 1960 Stokoe apresentou seus primeiros estudos sobre a análise descritiva da Língua de Sinais Americana-ASL. Em seus estudos, o autor apresenta uma análise descritiva no nível fonológico e morfológico, contribuindo assim para que, posteriormente, outros autores pudessem desenvolver suas pesquisas analisando os níveis sintático e semântico. Stokoe (1960), a partir de seus estudos descritivos da ASL, reconheceu que a atividade comunicativa das pessoas que usavam essa língua de sinais era de fato linguística e poderia ser analisada a começar pelos níveis linguísticos. Em seus estudos, o autor também percebeu que os sinais não eram meramente imagens, mas havia neles uma complexidade. Pioneiro na busca por uma estrutura e por analisar os sinais e suas partes constituintes, Stokoe comprovou inicialmente que cada sinal apresentava pelo menos três partes independentes (em analogia aos fonemas da fala) – a localização, a configuração de mãos e o movimento - e que cada parte possuía um número limitado de combinações (QUADROS; KARNOPP, 2004).

No Brasil, a língua de sinais utilizada pela maioria das comunidades surdas é nomeada de Libras – Língua de Sinais Brasileira. De acordo com Brasil (1997), a Libras se desenvolveu a partir do contato com a Língua de Sinais Francesa-LSF, trazida em 1857 pelo francês Harnest Huet. Esse professor veio ao Brasil a convite de D. Pedro II e fundou a primeira escola de surdos do país. A escola em questão está situada na cidade do Rio de Janeiro em pleno funcionamento. Esta escola, atualmente, nomeada de Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES - surgiu com o objetivo de auxiliar o processo de escolarização de surdos. Assim, nesse período, a comunicação dos surdos brasileiros foi se consolidando e ganhando suas próprias características e sinais. O fato de o professor ser de origem francesa influenciou no léxico da Libras e, por isso, alguns dos sinais utilizados aqui no Brasil são idênticos ao da LSF, como, por exemplo, o sinal utilizado para TELEFONE, mas não aprofundaremos essa questão, tendo em vista que não é objeto desta pesquisa.

A busca pelo reconhecimento da identidade surda brasileira e de sua língua natural envolveu um árduo caminho de lutas, de privações e de proibições. Meio a esse contexto, surgiram os primeiros movimentos em defesa do uso e da aceitação da Libras como língua, bem como as pesquisas no sentido de compreender, descrever e divulgar essa língua. A partir da década de 90, os movimentos surdos começaram a se solidificar e grupos de pesquisas voltados à compreensão da Libras foram se destacando. Esses grupos desenvolviam suas pesquisas numa perspectiva Socioantropológica (SKLIAR, 1998), ou seja, a surdez era vista como uma condição do indivíduo surdo e não como uma doença.

Desse modo, as comunidades surdas passaram a participar de forma efetiva dos espaços acadêmicos e a consolidar a cultura e identidade surda. Toda essa trajetória resultou na lei 10.436 de 2002 que, posteriormente, foi regulamentada pelo decreto 5.626 de 2005. Com a aprovação da lei, a Libras - e outros recursos a ela associados - foi reconhecida e aceita como língua. Esses documentos oficiais garantiram aos surdos o direito ao uso e a difusão dessa língua, uma conquista adquirida pelas comunidades surdas brasileiras e, principalmente, pelos movimentos políticos surdos. Todavia, esta não é a única língua de sinais do país, estudos apresentados por Ferreira Brito em 1982 já identificava a Língua de Sinais Ka'apor Brasileira – LSKB falada pelos indígenas do grupo Urubu Ka'apor da floresta amazônica brasileira, apesar de esta última não ser reconhecida por meios legais.

Com Ferreira (2010), entendemos que a Libras é uma língua natural com toda a complexidade que os sistemas linguísticos que servem à comunicação e suporte de pensamento às pessoas dotadas da faculdade da linguagem possuem. Ainda de acordo com a autora (p.11), a Libras é uma “língua natural surgida entre os surdos brasileiros da mesma

forma que o Português, o Inglês, o Francês, etc. surgiram ou se derivaram de outras línguas para servir aos propósitos linguísticos daqueles que as usam”. Para nós e para a autora, o surdo, mesmo privado de suas faculdades auditivas, pode desenvolver seu potencial linguístico por meio de outro canal de comunicação, o canal visual-espacial, o qual surge para revelar a força e a importância da manifestação da faculdade da linguagem nas pessoas.

Quadros e Karnopp (2004), baseadas na definição de língua apresentada por Chomsky (1957) como “um conjunto de sentenças finitas ou infinitas construídas a partir de um conjunto finito de elementos”, entendem que esses elementos são as palavras, sejam faladas ou sinalizadas, sendo as frases uma sequência dessas unidades, logo, Libras é língua (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 30). Nesse sentido, a Libras possui palavras ou elementos que são classificados como parte de um tipo, classe ou paradigma em relação a seus níveis linguísticos fonético/fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos e cada um desses níveis se articula para formar sinais, frases/períodos e produzir sentido/significado nos processos de comunicação.

Podemos perceber que os níveis linguísticos das línguas de sinais possuem características específicas para essa modalidade. O nível fonológico, por exemplo, refere-se ao estudo das menores unidades sem significado. Na Libras, essas unidades são chamadas de parâmetros, sendo basicamente: configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (MO), orientação/direção (OD) e expressão facial (EF), também reconhecida como expressões „não manuais“. Dentro de cada um desses parâmetros, temos algumas possibilidades. O parâmetro CM, por exemplo, de acordo com Ferreira (2010, p. 220) até a data da publicação do referido material apontava 46 configurações de mãos, já nos estudos feitos por Felipe e Monteiro (2007, p. 28) as autoras identificaram 64 configurações de mão.

Em relação ao nível morfológico, Quadros e Karnopp (2004) discorrem que esse nível linguístico trata do estudo da formação das palavras e como unidades menores com significado se juntam para compor unidades maiores. Dubois (2014) complementa dizendo que a morfologia é responsável pela descrição das regras de estruturas internas das palavras, ou seja, das regras que regem a combinação entre os morfemas-raízes para formação de uma nova palavra. O autor ainda pontua que, nesse processo de formação de palavras, a flexão de gênero, número, tempo e pessoa devem ser consideradas.

Estudos como de Valli e Lucas (2001); Finau e Mazzuchetti (2015); Ferreira (2010); Quadros e Karnopp (2004) apontam que na Libras existem, pelo menos, três fenômenos de formação de sinais: derivação, composição e incorporação, além dos processos de formação por meio das construções por classificadores. O fenômeno de derivação refere-se ao processo

pelo qual um sinal origina outro, na maioria das vezes, pela alteração no movimento, como é o caso dos verbos PESQUISAR e PERGUNTAR, em que o primeiro apresenta movimentos repetitivos e, alguns casos, alteram-se também a classe gramatical como no exemplo dos sinais referentes a SENTAR e CADEIRA, em que o movimento repetitivo altera a categoria de verbo para substantivo. No fenômeno de formação de sinais por composição, os sinais são realizados a partir da junção de dois sinais distintos como no caso de CASA + ESTUDAR que se juntam para formar o sinal ESCOLA. O fenômeno de incorporação pode ser entendido como formação de um terceiro sinal a partir da incorporação de um sinal em outro sinal. E sobre as construções classificadoras podemos dizer que ocorre a partir do uso de classificadores para representar o objeto e/ou pessoa do discurso.

O nível sintático refere-se ao estudo da ordem dos constituintes dentro da sentença e suas combinações sintáticas. Na Libras, considerando o contexto comunicativo, essa organização dos constituintes acontece de forma espacial. Para ocorrer a combinação dos elementos que compõem um sinal, deve haver uma forma-base que se associa a processos derivacionais como os de nominalização, formação de compostos e incorporação cuja raiz é enriquecida com vários movimentos e contornos no espaço de sinalização. Sobre o uso do espaço, Quadros e Karnopp (2004) afirmam que é no espaço que os sinais são realizados, as autoras ainda pontuam que no processo comunicativo é fundamental a marcação desse espaço à frente do sinalizador para o estabelecimento de referências dentro do discurso, e quando o referente não for real, é necessário estabelecer o espaço marcando um referente abstrato.

E, por último, temos o nível semântico-pragmático que está relacionado ao significado e sentido do sinal e, para que se estabeleça essa relação, é preciso que essa análise seja feita considerando o contexto. Um mesmo sinal pode ter significado diferente e isso dependerá da construção feita pelo sinalizante. O sinal de SÁBADO e LARANJA é um desses casos, ambos os sinais são realizados a partir dos mesmos parâmetros/fonemas, o contexto comunicacional é que mostrará qual o seu significado. De acordo com Fiorin (2010), a verdade de uma sentença está relacionada com a circunstância em que ela é apresentada, desse modo, percebemos que, para uma análise semântico-pragmática ser realizada, faz-se necessário entender e relacionar esse nível aos demais níveis linguísticos, isso se deve a relação de interdependência entre esses níveis em uma dada língua. Em Libras, essa interdependência também se estabelece.

Segundo Silva (2006), os níveis sintáticos e morfológicos estão diretamente ligados ao nível semântico. A autora cita a classe dos verbos para exemplificar essa relação em Libras, pois nessa classe há uma influência dos níveis sintáticos e morfológicos nas construções

semânticas da língua, isso acontece porque é preciso entender o sentido e o comportamento do verbo para, conseqüentemente, predizer as suas propriedades sintáticas. Dessa forma, entendendo a Libras a partir de seus elementos mínimos, seus processos de organização e sua complexa estrutura interna, e entendendo que, por se tratar de uma língua, pode ser analisada por meio de seus níveis linguísticos e que estes estão inter-relacionados, essa pesquisa tem a pretensão de descrever os processos de formação de sinais, por meio do fenômeno de incorporação, uma possibilidade na Libras. Para isso, consideraremos além do nível morfológico, os níveis fonológicos, sintáticos, bem como a semântica para significação do sinal.

Nesse contexto, para a descrição do fenômeno da incorporação na Libras, alguns aspectos morfofonológicos e morfossintáticos serão descritos, mas sem a pretensão de esgotar as análises e sem que nossas conclusões sejam tomadas como definitivas. Em relação ao aspecto morfofonológico Finau e Mazzuchetti afirmam que

[...] enquanto essas unidades organizam-se em uma sequência horizontal linear nas línguas de modalidade oral, as línguas sinalizadas articulam seus elementos linguísticos mínimos simultaneamente. Em outras palavras, a expressão dos fonemas em línguas orais se dá individualmente, ligados um ao outro linearmente, ao passo que, nas línguas sinalizadas, os fonemas unidos por determinada regra de formação podem ser externados no espaço todos no mesmo momento. (FINAU; MAZZUCHETTI, 2015, p. 4).

Os autores ainda esclarecem que as formas da união de morfemas são, frequentemente, resultantes de um processo não concatenativo em que as determinadas raízes são adicionadas a vários movimentos no espaço de sinalização e trazem como exemplo dessa formação o sinal de SENTAR, do qual se alterando o parâmetro movimento surge o substantivo CADEIRA, sendo esse fenômeno reconhecido por Quadros e Karnopp (2004) como derivação, uma das possibilidades de formação de sinais. Todavia, outro fenômeno bastante produtivo na formação de sinais é o de incorporação, especialmente a incorporação de numeral estudado por inúmeros linguistas, tais como: Liddel (1997); Ramsey, Powell e Corina (1984); Valli e Lucas (2001); Quadros e Karnopp (2004); Fuentes *et al.* (2010); Ferreira (2010); Takahira (2013) e Finau e Mazzuchetti (2015), cujas pesquisas se constituirão como base teórica que fundamentará nossas discussões nesse estudo.

Muitas vezes, percebemos que certos morfemas são incorporados a outros morfemas permitindo que a realização de um único sinal carregue informações dos dois sinais. Portanto, para essa pesquisa consideraremos o fenômeno de incorporação como uma construção morfológica na qual um elemento lexical, um sinal-base ou raiz, se adiciona a um sinal-base

ou raiz a construção resultante é outro único sinal resultando em um sinal incorporado. Nesse sentido, a proposta é identificar quais os mecanismos gramaticais e lexicais que compõem e organizam as unidades mínimas para formação de sinais, assim como analisar e descrever as regras que regem a união desses elementos atribuindo sentido no contexto comunicativo.

1.1 Justificativa da pesquisa

Embora o fenômeno da incorporação de numeral seja considerado o mais produtivo e o mais descrito pelos linguistas da área, a literatura que aborda o fenômeno da incorporação mostrou que há outras possibilidades de incorporação nas línguas sinalizadas, inclusive em Libras. Tais processos de incorporação podem ser nomeados como: incorporação de negação, de instrumento, de intensificador, de construções classificadoras, incorporação nominal em verbos e incorporação de modo e de tempo em advérbio. Nossa hipótese é a de que o surdo, ao se comunicar em Libras, utiliza processos de incorporação de diversas informações gramaticais, lexicais e de construções classificadoras da Libras em sinais-base ou raiz, o que nos leva às seguintes perguntas de pesquisa: Quais são os tipos de incorporação que aparecem na fala dos surdos e quais são os mecanismos gramaticais e lexicais que são subjacentes às formas de incorporação? Como o fenômeno da incorporação se realiza na fala dos surdos e quais são as regras que regem a união dessas unidades?

Nesse sentido, ressaltamos que mecanismos gramaticais são mecanismos linguísticos que permitem uma conexão lógico-semântica entre as partes de um sinal. A ligação e harmonia que possibilitam a amarração dos elementos dentro de um sinal são realizadas por meio de elementos mínimos (fonemas e morfemas) que se combinam para formar os sinais, pelas regras de combinação, regras de formação dos sinais, regras de gramaticalização dos sinais, quando há permutação de um ou mais elementos ou morfema do sinal e fazendo a consequente adaptação necessária para produzir sentido. Os mecanismos gramaticais são utilizados na estruturação e na composição do sinal para caracterizá-lo como um sinal ou um item lexical da Libras.

Em relação aos mecanismos lexicais, eles são os elementos da língua utilizados para articular os sinais na frase e essa no parágrafo para compor o texto, ou seja, são os elementos coesivos que são: preposições, conjunções, pronomes, advérbios e locuções adverbiais, e palavras ou sinais denotativos, como por exemplo: afinal, inclusive, senão, apenas, então. Os mecanismos lexicais são utilizada na comunicação, tanto oral e escrita, quanto sinalizada para

dar clareza a mensagem, estabelecer relação entre as ideias e facilitar a compreensão da mensagem.

A discussão acerca do fenômeno de incorporação de informações gramaticais não é recente em termos das pesquisas descritivas da Libras, no entanto há ainda alguns vácuos que impulsionam lançar novos olhares sobre aspectos diferentes desse fenômeno. Em um levantamento de Teses e Dissertações no banco da Capes não identificamos trabalhos que tratassem de forma específica ou mais aprofundada o fenômeno de incorporação de informações gramaticais- sinais-base ou raiz da Libras, incorporado a morfemas adicionais, o que também justifica esta pesquisa.

Todavia, ao acessarmos o repositório da Capes e nos direcionar para Plataforma Sucupira e a repositórios de Universidades Federais foi possível encontrar dois trabalhos que mencionam o fenômeno da incorporação e, de certa forma, dialogam com nossa pesquisa. O primeiro trabalho identificado foi a tese de Arantes Leite defendida em 2008 e intitulada “A segmentação da língua de sinais brasileira (Libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos”. A pesquisa de caráter linguístico-descritivo objetivou oferecer critérios para a segmentação do discurso na Libras, viabilizando identificar unidades entoacionais para identificar unidades gramaticais.

A pesquisa seguiu duas linhas teóricas: a análise de base etnometodologia e a gramática baseada no uso. Uma das principais contribuições da pesquisa envolveu um repositório de recursos manuais e não manuais da Libras que serviram como ponto inicial para segmentação do discurso em unidades gramaticais. Dentre os aspectos gramaticais da Libras mencionados na pesquisa, estão os aspectos morfológicos. Como destaca o autor, os sinais morfológicamente complexos ou não monomorfêmicos, apresentam incorporação.

O outro trabalho identificado na área foi a Tese de Castro defendida em 2007 e intitulada “Composicionalidade semântica em Libras: fronteiras e encaixes”. O trabalho teve como objetivo detectar marcas de segmentação de constituintes correspondentes às fronteiras entre proposições e identificar as peças no interior das proposições. Utilizando o instrumento de investigação a estrutura proposicional, a pesquisadora identificou encaixes sintáticos e identificou suas marcas. Considerando as dificuldades comumente encontradas pelos surdos na redação em Português, ela propôs comparar os processos sintáticos e morfológicos entre a Libras e a Língua Portuguesa, identificando a incorporação fonológica de palavras da Língua Portuguesa na Libras.

Os trabalhos na área aqui destacados possuem alta relevância no sentido de que contribuem para os estudos de análise e descrição da Libras. Porém, esses trabalhos não

tratam propriamente da descrição dos fenômenos de incorporação na Libras em uso. O levantamento do estado da arte, de modo geral, acusou raríssimos estudos envolvendo a perspectiva dos processos de incorporação, também não foi possível identificar dissertações e teses que tratem de forma específica e/ou aprofundada do fenômeno da incorporação de informações gramaticais e construções classificadoras em elementos da Libras em uso. Nesse caso, buscamos descrever esses fenômenos de incorporação realizados na fala dos surdos, contribuindo, assim, para estudos futuros relacionados ao viés descritivo da Libras.

Por meio do estado da arte, foi possível perceber um maior número de pesquisas na área da educação do que em Linguística. Essa realidade talvez se justifique pelo fato de que, para tratar de uma língua, a abordagem do seu campo linguístico requer conhecimento da Libras e da linguística dessa língua. Pretendo, a partir desta pesquisa, contribuir para o desenvolvimento de estudos na área da Linguística Descritiva, principalmente no que se refere ao fenômeno de incorporação no processo de formação de sinais da Libras em uso, contribuindo para que mais trabalhos na área da linguística dessa língua sejam desenvolvidos, em especial, na instituição à qual pertencço.

Acreditamos que desenvolver trabalhos descritivos da Libras, considerando o seu uso e tendo como base de coleta e análise de dados os registros em vídeo da fala do surdo ou usuário, atende à proposta da Linguística Descritiva, descrevendo a língua como ela é. Esse caminho para desenvolver pesquisas nas línguas de sinais contribui para identificação dos fenômenos linguísticos típicos da modalidade gestual-visual da Libras, aprimorando a compreensão acerca da descrição de seus fenômenos, o que contribui com banco de dados para pesquisas das áreas afins. A análise, a partir da língua em uso, fomenta maior transparência na coleta de dados.

A partir desta pesquisa, pretendemos contribuir para o desenvolvimento de estudos na área da Linguística Descritiva da Libras, em especial nos estudos relacionados ao fenômeno de incorporação no processo de formação de sinais em contexto comunicativo, contribuindo para que mais trabalhos na área da linguística em relação a esses fenômenos na Libras sejam desenvolvidos. Sendo a Libras uma língua de modalidade espaço-visual, uma pesquisa descritiva dessa língua em contexto comunicacional contemplará seus elementos articulatórios visuais e como esses são realizados, de fato, na comunicação.

Sendo assim, essa pesquisa se justifica ainda pelo fato de que estudos linguísticos da Libras podem contribuir para o processo de sistematização e recorte de conteúdo da Libras, favorecendo o ensino e a aprendizagem e ainda auxiliar na elaboração de metodologias de ensino e na produção de material didático. Além disso, estudos linguísticos e descritivos da

Libras podem fornecer dados que explicitam suas regras gramaticais próprias, além de que o registro dessa descrição tende a perenizar a língua, a documentar a Libras auxiliando no seu processo de difusão.

1.2 Grupo de pesquisa

A presente pesquisa foi desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), mais especificamente na linha - Teoria, descrição e análise linguística, e está vinculada ao Grupo de Pesquisas em Estudos da Linguagem, Libras, Educação Especial e a Distância e Tecnologias (GPELET) que também é desenvolvido nessa mesma instituição coordenado pela professora Dra. Eliamar Godoi.

Criado no ano de 2014 e certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), o GPELET tem estimulado a produção de conhecimento por meio do desenvolvimento de pesquisas em diferentes perspectivas por meio de dois elementos que confluem às cinco linhas do grupo de pesquisa (já mencionada anteriormente): a inclusão e a acessibilidade da pessoa com deficiência.

A seguir, apresentamos as produções acadêmicas realizadas pelos pesquisadores do grupo desde 2014 até a atualidade e que tem contribuído, de forma positiva, com a academia no que tange às temáticas relacionadas à Linguagem, à Libras, à Educação Especial e a Distância e Tecnologias. Os trabalhos listados abaixo bem como o perfil de cada pesquisador podem ser vistos na íntegra por meio do link <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0770069618391261>.

Quadro 1 - Teses e Dissertações defendidas por pesquisadores integrantes do GPELET

	PESQUISADOR	TRABALHO	TÍTULO	ANO
01	Aparecida Rocha Rossi	O Ensino de Libras na Educação Superior: Ventos, trovoadas e brisas - UFU	Mestrado	2014
02	Rosane Cristina de Oliveira Santos	O espaço comunicativo do Aposentado na UFU - UFU	Mestrado	2014
03	Lucio Cruz Silveira Amorim	Políticas educacionais de inclusão: a escolarização de Surdos em Uberlândia-MG - UFU	Mestrado	2015

04	Paulo Sérgio de Jesus Oliveira	O movimento surdo e suas repercussões nas políticas educacionais para a escolarização de surdos - UFU	Mestrado	2015
05	Wandelcy Leão Junior	História das instituições educacionais para o deficiente visual: o instituto de cegos do Brasil central de Uberaba (1942-1959) - UFU	Mestrado	2015
06	Soraya Bianca Reis Duarte	Validação do WHOQOL-Bref/ Libras para avaliação da qualidade de vida de pessoas surdas - UFG	Doutorado	2016
07	Telma Rosa de Andrade	Pronomes pessoais na interlíngua de surdo/aprendiz de português L2 - UNB	Mestrado	2016
08	Elaine Amélia de Moraes Duarte	Tenho uma aluna surda: experiências de ensino de Língua Portuguesa em contexto de aula particular - UFU	Mestrado	2017
09	Flavia Medeiros Álvaro Machado	Formação e Competências de Tradutor e Intérprete de Língua em interpretação simultânea de Língua Portuguesa-Libras: estudo de caso em câmara de deputados federais - UCS	Doutorado	2017
10	Lucas Floriano de Oliveira	Elementos avaliativos em comentários de blogs de ensino de português para surdos sob a perspectiva do sistema de avaliatividade - UFG	Mestrado	2017
11	Mara Rúbia Pinto de Almeida	Narrativas de sujeitos surdos: relatos sinalizados de uma trajetória - UFU	Mestrado	2017
12	Paulo Celso Costa Gonçalves	Políticas públicas de livro didático: elementos para compreensão da agenda de políticas públicas em educação no Brasil - UFU	Doutorado	2017
13	Rogério da Silva Marques	O profissional Tradutor e Intérprete de Libras Educacional: desafios da política de formação profissional - UFU	Mestrado	2017
14	Eloá Tainá Costa da Rosa Moraes	O professor de Língua Portuguesa para o aluno surdo: identificações e representações - UFU	Mestrado	2018

15	Letícia de Sousa Leite	Mecanismos de avaliação da aprendizagem de aluno surdo no ensino superior no âmbito da Linguística Aplicada - UFU	Mestrado	2018
16	Márcia Dias Lima	As Políticas de Acessibilidade dos Livros Didáticos em Libras - UFU	Mestrado	2018
17	Marisa Dias Lima	Política Educacional e Política Linguística na Educação dos e para os Surdos - UFU	Doutorado	2018
18	Waldemar dos Santos Cardoso Junior	Oficina pedagógica de escrita para surdos usuários da Libras - PUC/SP	Doutorado	2018
19	Guacira Quirino Miranda	Talentos Esportivos no Ensino Fundamental: (Re) Pensando as Altas Habilidades ou Superdotação no esporte - UFU	Doutorado	2019
20	Késia Pontes de Almeida	Do assistencialismo à luta por direitos: as pessoas com deficiência e sua atuação no processo de construção do texto Constitucional de 1988 - UFU	Doutorado	2019
21	Renata Altair Fidelis	Desenvolvimento Profissional e formação contínua de professores: contribuições do mestrado em educação - UFU	Mestrado	2019
22	Naiane Ferreira Souza	Processo de Ensino e Aprendizagem de Matemática nas Escolas Prisionais: Perspectivas e Possibilidades - UFG	Mestrado	2020
23	Raquel Bernardes	Estudos do léxico da Libras: realização dos processos flexionais na fala do surdo	Mestrado	2020

Fonte: elaborado pela autora

Ao longo desse período, foram desenvolvidas 23 pesquisas entre Dissertações e Teses, sendo 15 referentes ao ensino e aprendizagem, política educacional, aspectos linguísticos da Libras e tradução/interpretação da Libras. Em uma ordem cronológica, esboçaremos os trabalhos desenvolvidos na área da linguística e descrição da Libras e que, portanto, relacionam-se com nossa pesquisa.

O primeiro trabalho identificado foi publicado em 2016 e se refere à dissertação intitulada “Pronomes pessoais na interlíngua de surdo/aprendiz de português L2”,

desenvolvido por Andrade na Universidade de Brasília - UNB. Nessa pesquisa, a autora investigou o uso dos pronomes na interlíngua de surdos aprendizes de português (L2) que utilizavam a língua de sinais brasileira (Libras) como a primeira língua (L1). Para tanto, a análise foi feita por meio de textos escritos em português. O objetivo geral da pesquisa foi identificar as características do desenvolvimento linguístico dos surdos ao usar pronome no português escrito.

O segundo trabalho identificado também é uma dissertação publicada no ano de 2016 e intitulada “Elementos avaliativos em comentários de blogs de ensino de português para surdos sob a perspectiva do sistema de avaliatividade”. A pesquisa foi desenvolvida por Oliveira na Universidade Federal de Goiás-UFG. O autor buscou compreender como o ensino de português para surdos era discutido por usuários de blogs de Língua Portuguesa para surdos. Para isso, o autor fez análises linguísticas sobre a Avaliatividade da Gramática Sistemática Funcional-GSF em blogs onde se encontravam as dicas de como ensinar a Língua Portuguesa a esses estudantes. O objetivo geral desta pesquisa foi investigar como o ensino de português para surdos estava sendo discutido por usuários de blogs de ensino de Língua Portuguesa para surdos, a partir de uma descrição baseada na GSF e no seu Sistema de Avaliatividade, além de entrever de que maneira os blogs contribuíam ou não para o ensino de Língua Portuguesa para surdos.

Em 2017, a pesquisadora Almeida apresentou sua dissertação intitulada “Narrativa de sujeitos surdos: relatos sinalizados de uma trajetória”. A pesquisa também foi desenvolvida na UFG. A autora assumiu como objetivo geral o de analisar relatos de vida de um grupo de sujeitos surdos com formação em Ensino Superior com a finalidade de registrar essas histórias. Nesse sentido, buscou identificar e apontar as características de vida desse grupo de sujeitos antes e após o contato com a Libras, na tentativa de encontrar um padrão de recorrências nos relatos de vida apresentados. Os dados para o desenvolvimento dessa pesquisa foram coletados em vídeos feitos em Libras pelos participantes da pesquisa.

Identificamos ainda, a tese de doutorado de Cardoso Junior, de 2018, intitulada “Oficina pedagógica de escrita para surdos usuários da Libras”. A pesquisa foi desenvolvida na Pontifícia universidade Católica de São Paulo-PUC/SP. Na tese, o autor apresentou como tema o trabalho pedagógico de escrita do gênero textual cartaz, desenvolvido no âmbito do Projeto de Extensão Universitário – Oficina de Leitura e Escrita de Português para Surdos (PEU-OLEPS), da Universidade Federal do Pará (UFPA), por aprendizes surdos usuários da Libras. O objetivo geral dessa pesquisa foi desenvolver atividades de escrita orientadas por

meio da produção do gênero textual cartaz para o ensino da modalidade escrita da Língua Portuguesa como L2 para aprendizes surdos.

E, por último, constatamos a dissertação de Bernardes, defendida em 2020 e intitulada “Estudos do léxico da Libras: Realização dos processos flexionais na fala do surdo. Na pesquisa, filiada à Universidade Federal de Uberlândia, a autora traçou como objetivo principal a análise e descrição dos fenômenos de flexão de gênero e de número da Libras na perspectiva da Linguística Descritiva e no emprego efetivo dessas formas que se fazem presentes no uso corrente da Libras. Para isso, a autora considerou os aspectos morfológicos e semânticos da Libras contemporânea levantando e categorizando os processos flexionais que se realizaram na fala de um surdo docente no Ensino Superior; analisando a estrutura interna dos sinais flexionados, apontando as regras de combinação que organizaram a flexão desses sinais; e identificando e descrevendo os processos flexionais de gênero e de número ocorridos na fala do participante da pesquisa. A coleta dos dados se deu a partir de filmagem da fala espontânea do surdo participante da pesquisa.

Por meio do levantamento apresentado, é possível mensurar a contribuição do GPELET para o âmbito científico nacional, em especial no que se refere à promoção da inclusão e da acessibilidade da pessoa com deficiência. Em se tratando das pesquisas voltadas para a área da Libras, de acordo com o levantamento e a descrição feita no quadro acima, podemos perceber que a maioria das pesquisas foram desenvolvidas na área de Libras e afins e 5 dessas pesquisas apresentaram relação com a nossa.

1.3 Trajetória da pesquisa

Para a realização dessa pesquisa a metodologia fundamentou-se na pesquisa descritiva, cujos dados foram coletados em vídeos disponibilizados no acervo da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC - <http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados>. Os dados advindos desse acervo serão analisados à luz de estudos apontados por teóricos como: Baker (1988), Ferreira (2010), Veloso (2008), Felipe (2006), Quadros e Karnopp (2004), Schuit (2007), Liddell (1997), Ferreira e Naves (2014) para as ocorrências dos fenômenos de incorporação na Libras, tendo um Instrumento Conceitual apresentado no capítulo de Metodologia da Pesquisa como base para a análise.

Nossa proposta é coletar os dados a partir de registros, em vídeos, da língua em contexto comunicativo, pois acreditamos que esse formato contempla resultados mais pontuais que visam corresponder à proposta de descrever os fenômenos linguísticos da Libras

por meio da fala dos surdos em interação. Analisar a fala espontânea da pessoa surda permite que se perceba de forma mais imparcial como se efetiva esse processo de comunicação pela Libras, além de poder vislumbrar todos os aspectos articulados e combinados para sua expressão e para a composição dos fenômenos linguísticos que só podem ser percebidos na realização da língua. A ênfase dessa pesquisa recairá sobre os processos de formação de sinais, em especial, a partir do fenômeno de incorporação recorrente na Libras.

Considerando que a incorporação de itens lexicais e informações gramaticais no processo de formação de sinais é um fenômeno bastante produtivo nas línguas de sinais, como já apontado anteriormente, para responder a esses questionamentos, assumimos como objetivo geral para esse trabalho descrever e analisar como se realizam os processos de incorporação de diversos elementos linguísticos na Libras em contexto comunicativo. Em específico propomos: a) Identificar e analisar os tipos de incorporação de informações gramaticais e lexicais em sinais-base ou raiz; b) Registrar e categorizar os tipos de incorporação e suas ocorrências na fala dos surdos; e, c) Identificar e descrever as regras que regem a união de uma unidade a outras para atribuir ou alterar significados no fenômeno de incorporação em sinais-base ou raiz.

Como parâmetro de coleta, descrição e análise dos dados delineamos a noção de incorporação, agregando ainda nesse instrumento os traços notacionais apresentados pelos principais pesquisadores da área da linguística que estudaram esse fenômeno. Esse instrumento serviu de base para a análise dos dados, que foi desenvolvida a partir dos conceitos apontados por esses pesquisadores.

Na seção seguinte, tratamos da fundamentação teórica na qual nos baseamos para realização desta pesquisa, dando ênfase aos aspectos linguísticos da Libras e ao seu contexto histórico.

2. ASPECTOS LINGUÍSTICOS DA LIBRAS: FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Nesta seção, apresentamos os aspectos linguísticos da Libras, bem como tratamos do contexto histórico. Abordamos ainda os primeiros estudos descritivos das línguas de sinais, e em especial, os primeiros estudos descritivos da Libras. Perpassamos pelos níveis linguísticos em que no âmbito da fonética e fonologia discorremos sobre os parâmetros da Libras. Na perspectiva da morfologia, de forma sucinta, apresentamos definições pelo viés de alguns autores. Na sequência, tratamos do classificador, da datilografia e da soletração rítmica como elementos complementares importantes na formação de sinais, assim como discorremos sobre a sintaxe espacial, perpassando pela ordem dos constituintes na sentença e os tipos de verbos encontrados na Libras. E, por fim, discorremos sobre o nível semântico-pragmático e a relação de interdependência com os demais níveis linguísticos.

2.1 Os estudos linguísticos/descritivos da Libras

A Linguística, de forma geral, é a ciência que estuda as línguas naturais e humanas a partir de duas correntes: a Corrente Estruturalista e a Corrente Gerativista. Do ponto de vista estrutural, a língua é entendida como um conjunto de signos abstratos acumulados a partir da cultura e práticas sociais. Vista pela perspectiva gerativa, a língua é a expressão do pensamento. Petter (2004) define a linguística como a ciência que estuda a linguagem verbal a partir das línguas naturais. O autor defende que as línguas naturais são as formas de comunicação mais usadas e desenvolvidas. Partindo desse pressuposto, essa pesquisa, com viés descritivo, seguirá a linha do autor, entendendo também que a linguística estuda a linguagem a partir das línguas naturais.

Como toda língua natural, a Libras é regida a partir de princípios e parâmetros. Para a Teoria de Princípios e Parâmetros, a Gramática Universal é o estágio inicial da aquisição da linguagem. Nesse estágio, de acordo com Chomsky (1975), a linguagem é formada por dois conjuntos de elementos, os princípios universais, comuns a todas as línguas, desde o início da vida de um indivíduo e os parâmetros particulares ainda não formatados pela experiência do indivíduo com a sua língua. Os princípios e parâmetros de uma língua precisam ser ativados ao longo do tempo de acordo com a língua do ambiente da criança. Chomsky (1975, p.28) afirma que o sistema de princípios, condições e regras são propriedades de todas as línguas humanas e isso acontece por necessidade biológica, não lógica.

De acordo com Marinho (2014) as primeiras pesquisas sobre os aspectos linguísticos da Libras de que se têm notícias são as de *Gladis Knak Rehfeldt (Linguistics Bases for the Description of Brazilian Sign Language*, publicado em 1981, no livro de Harry W. Hoemann, intitulado *The Sign Language of Brazil*. Em relação aos estudos linguísticos desenvolvidos e registrados acerca da descrição da Libras, temos como referência as pesquisadoras Ferreira (2010); Quadros e Karnopp (2004) e Kojima e Segala (2008). Por meio de seus estudos, estas linguistas caracterizaram a Libras como uma língua natural, de estrutura própria que a difere de outras línguas de sinais, bem como das línguas orais. Todavia, os princípios gerais são comuns as outras línguas o que deixa evidente a existência dos princípios universais das línguas naturais inseridos nessa língua.

A pesquisadora Ferreira (2010), reconhecida como pioneira nos estudos linguísticos da Libras, começou seus estudos por volta de 1979, desenvolvendo sua pesquisa linguística tanto na Libras como na LSKB, inclusive, a autora, já nos anos de 1982, identificou e apresentou essa possibilidade de língua de sinais indígena no meio do povo Urubus-Kaapor. Já em relação ao estudo da Libras, os primeiros resultados encontrados na pesquisa sobre Libras foram registrados no Livro “Por uma gramática de língua de sinais”, publicado em 1995. Nesse material, a autora apresenta várias pesquisas que desenvolveu e publicou entre os anos de 1980 e 1990 na área de descrição linguística da Libras, além de discorrer sobre os níveis linguísticos morfológico, sintático e semântico-pragmático comparando com outras línguas de sinais e com as línguas orais-auditivas.

A partir dos estudos de Ferreira (2010) e norteados por sua pesquisa, surgiram outros estudiosos da área da linguística da Libras. O primeiro trabalho identificado no estado da arte é o de Berenz (1996). A autora trata em sua tese de doutoramento sobre pessoa e dêixis na Libras, descrevendo detalhadamente o sistema de referência da Libras, identificando três pessoas nos pronomes pessoais (primeira, segunda e terceira) e três números para essas pessoas (singular, dual e múltiplo/mais de dois). Nesse mesmo trabalho, a autora ainda identificou que a Libras apresenta uma categoria gramatical do sistema pronominal chamada de número dual: NÓS-DOIS, VOCÊS-DOIS, ELES-DOIS. A marcação dual é uma categoria completamente gramaticalizada. A autora também apresenta as formas mais usadas para os pronomes possessivos como MEU, SEU, NOSSO.

Na sequência, identificamos os estudos de Quadros (1997). A autora analisou, em nível sintático, o aprendizado da Libras como primeira língua por crianças surdas desenvolvendo sua pesquisa por meio de coletas transversais, de diferentes crianças surdas filhas de pais surdos. A autora observou que as crianças produzem sentenças com pronomes

nulos e verbos sem flexão marcada. Observa-se que esse trabalho difere do apresentado por Karnopp (1994, 1999) que utilizou, em sua pesquisa, uma criança surda, filha de ouvintes.

Quadros (1997) aponta ainda que o verbo selecionado em uma sentença está relacionado com a ordenação dos sinais e conclui que as sentenças em que há verbos com concordância parecem apresentar maior flexibilidade na ordem dos constituintes do que nas sentenças que possuem verbos simples. A autora apresenta outras possibilidades de construções de sentenças: as sentenças com tópicos, as sentenças interrogativas e as sentenças com foco e ainda propõe duas estruturas sintáticas: SVO e tópico-comentário, que podem ser utilizadas de acordo com as duas classes verbais existentes: as classes com flexão verbal e as classes sem flexão verbal.

Posteriormente, Felipe (1998) aponta uma descrição tipológica para os verbos na Libras, dividindo os verbos em duas classes principais: aqueles que são flexionados e os que não são flexionados, além de apresentar os verbos quanto à categoria semântica. Nesse caso, percebe-se que há dados que nos remetem à ideia de incorporação, pois, ao analisar e descrever os verbos, a autora menciona os verbos instrumentais, definindo-os como aqueles que incorporam o instrumento a sua raiz e cita como exemplo o verbo PINTAR-COM-PINCEL. Nesse caso, o movimento do pincel é o marcador do instrumento e sua função e um único sinal representa a ideia de PINTAR-COM-PINCEL.

A autora menciona também os verbos de movimento que concordam com a pessoa, como o verbo ENTREGAR, por exemplo. Nesse caso, o falante, ao sinalizar, direciona para as pessoas do discurso os verbos locativos. Nesse estudo, Felipe (1998) apresenta uma análise dos verbos simples (sem marcação de flexão) e verbos com concordância (com flexão marcada). A autora ainda identifica uma assimetria entre esses dois grupos de verbos que se refletem nas estruturas geradas nessa língua.

Ainda podemos citar os trabalhos de Quadros e Karnopp (2004), em que se apresenta um estudo de representação fonológica da Libras, analisando, inclusive, os processos fonológicos na aquisição dessa língua a partir de análises feitas observando uma criança surda em processo de aprendizagem da Libras. Para tanto, as autoras tomam como referente o parâmetro configuração de mão e analisa os processos fonológicos de apagamento, assimilação e substituição ocorridos na sinalização. A análise das autoras é baseada em dados coletados de uma criança surda filha de pais ouvintes e, para isso, as autoras acompanhavam mensalmente essa criança na faixa etária de 1 a 4 anos. Na sequência, as autoras desenvolvem uma análise da estrutura da Libras com ênfase na classificação dos verbos que apresentam ou não concordância.

Quadros e Karnopp (2004) apresentaram ainda uma pesquisa descritiva dos níveis fonológico, morfológico e sintático da Libras, usando como base as línguas orais e outras línguas de sinais. Nessa descrição, as autoras comprovam a condição de língua da Libras e apontam que a fonologia das línguas de sinais também demonstrou similaridade com as línguas faladas na organização dos elementos fonológicos. No campo morfológico, as autoras relatam que todas as línguas de sinais já estudadas apresentam as mesmas particularidades em sua complexa morfologia. No campo da sintaxe, as autoras identificaram que a estrutura SVO (sujeito – verbo – objeto), utilizada nas línguas orais, também se aplica na Libras.

E, por último, identificamos a publicação de Quadros, Stumpf e Leite (2013). A obra intitulada Estudos da Língua Brasileira de Sinais é um compilado de artigos produzidos por pesquisadores dos centros de Linguística e Estudos da Tradução da UFSC e o objetivo foi atender às demandas por pesquisas na área. Dessa forma, um único material disponibilizou ao pesquisador acesso ao maior número de conteúdo possível para auxiliá-los em seus trabalhos.

2.2 Fonética e fonologia e os parâmetros fonológicos da Libras

O nível fonético-fonológico se refere aos estudos da classificação dos elementos mínimos da linguagem em sua realização completa, os fonemas e sua função. Esse nível trata das questões dos parâmetros para formação do sinal e dos pares mínimos, entendidos como sinais que possuem apenas um dos parâmetros divergentes que os tornam outro sinal. Estudos na área de Libras, como os de Ferreira (2010), Felipe (1998, 2006) e, posteriormente, Quadros e Karnopp (2004), confirmam os pressupostos de Chomsky (1975) e concordam que cada língua possui parâmetros específicos para a formação de itens lexicais e, a partir da combinação desses itens, constroem-se frases as quais terão significado/sentido a depender do contexto em que estiverem inseridas.

Nesse caso, Valli e Lucas (2001, p.51) definem a fonologia como o estudo das menores partes contrastantes da linguagem em que

As partes da linguagem que estudamos em fonologia não têm significado. Portanto, quando estudamos fonologia e observamos o sinal de três meses, estamos simplesmente interessados no fato de que o sinal tem um formato de mão, um local, uma orientação e um movimento. O fato de a forma da mão ter o significado específico da quantidade três faz parte da morfologia (VALLI; LUCAS, 2001, p. 52, tradução nossa).¹

¹ Texto original: The parts of language that we study in phonology do not have meaning. So, when we study phonology and we look at the sign three-months, we are simply interested in the fact that the sign has a

De acordo com Valli e Lucas (2001), William C. Stokoe criou o primeiro sistema para descrever sinais, uma vez que antes os sinais eram pensados como conjuntos não analisáveis, sem estrutura interna. Stokoe (1960) foi o primeiro a sugerir que os sinais pudessem ser analisados da mesma maneira que as unidades da linguagem falada e, para tanto, o autor propôs que os sinais tivessem três partes (parâmetros) que se combinassem simultaneamente, sendo: a localização do sinal, chamada de tabula ou tab; a configuração de mão, chamada de designador ou dez; e o movimento, que ele chamou de signação ou sig. Já a orientação da palma e os sinais não manuais foram tratados indiretamente em um sistema criado por Stokoe.

Nesse contexto de combinação de elementos mínimos, as línguas de sinais se estruturam a partir de unidades mínimas espaciais. Essas unidades mínimas ou fonemas são distintivos, porque, quando substituídas uma por outra, geram um novo item lexical, ou seja, uma nova forma linguística com um significado distinto. Dessa forma, o léxico da Libras é infinito no sentido de que sempre comporta a geração de novos sinais. O nível fonético-fonológico nas línguas de sinais é descrito por Quadros e Karnopp (2004, p.47) como.

ramo da linguística que objetiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo modelos descritivos e explanatórios. A primeira tarefa da fonologia para língua de sinais é determinar quais são as unidades mínimas que formam os sinais. A segunda tarefa é estabelecer quais são os padrões possíveis de combinação entre essas unidades e as variações possíveis no ambiente fonológico.

As unidades mínimas mencionadas pela autora referem-se à combinação de parâmetros para formação do sinal, sendo esses parâmetros reconhecidos como parte do nível fonológico, tais como: configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (MO), orientação/direção (OD) e expressão facial (EF), sendo essa última também reconhecida como expressões „Não Manuais“. As expressões auxiliares na formação do sinal podem ser realizadas por meio do corpo e, não necessariamente, pelas expressões faciais. A partir destes parâmetros, a língua combina elementos que formam sinais e a partir das combinações desses sinais se constroem frases que têm um significado/sentido a depender do contexto em que estão inseridas.

Em relação ao parâmetro configuração de mão, Finau e Mazzuchetti (2015) e Ferreira (2010) elucidam que a Libras apresenta um rol de mais 46 configurações de mãos, podendo,

handshape, a location, an orientation, and a movement. The fact that the handshape has the specific meaning of the quantity three is part of morphology.

desse modo, afirmar que a Libras é formada a partir de um conjunto de 46 fonemas básicos só no âmbito das configurações de mão, em que o sinal pode ser produzido por uma ou duas mãos, porém com uma delas caracterizada como mão dominante e a outra caracterizada como mão passiva, nesse caso na mão dominante se configura o sinal e a mão passiva serve de apoio. Por exemplo, o sinal para APRENDER é feito apenas com uma das mãos (Mão em S vertical, palma para a esquerda, tocar a testa, abrir e fechar ligeiramente a mão, duas vezes). O sinal para TRABALHAR é feito com as duas mãos (Mãos em L, palmas para baixo, movê-las, alternadamente, para frente e para trás, duas vezes). Já o sinal para VERDADE é feito utilizando uma das mãos na função de passiva, geralmente a mão esquerda no caso de pessoas destras, e a outra mão que se configura e movimenta, atua na função de dominante, ou seja, que realiza o sinal (Mão esquerda aberta, palma para cima; mão direita em P, acima da mão esquerda, tocar a ponta do indicador na palma esquerda, com força, duas vezes).

O parâmetro ponto de articulação indica a área do corpo na qual o sinal é realizado ou se aproxima para realização. Ele é delimitado pela extensão máxima dos braços, o tamanho do sinal pode ser comparado à intensidade da voz e/ou tamanho do objeto sinalizado. O sinal pode tocar alguma parte do corpo ou estar perto dela, ou estar em frente ao corpo do emissor, no chamado espaço de enunciação (do tronco até a cabeça). Podemos citar como exemplos de sinais feitos no espaço neutro os sinais para TRABALHAR, ENSINAR, BRINCAR e para representar sinais feitos no corpo podemos citar os sinais para ESQUECER e APRENDER, feitos na testa e o sinal para CONHECER, feito no queixo.

O movimento refere-se ao modo como as mãos se movimentam podendo envolver várias formas e direções que podem estar nas mãos, pulsos e antebraço. Os movimentos podem ser categorizados por tipo, pela direcionalidade do movimento, a maneira e frequência. Ao se tratar da direção dos movimentos, ela pode ser unidirecional, bidirecional ou multidirecional, a maneira é a forma como esse sinal acontece descrevendo a qualidade, a tensão e a velocidade do movimento e, por último, a frequência está relacionada com a quantidade de repetições do movimento. Os sinais PENSAR e TER, por exemplo, não possuem movimento contínuo, todavia os sinais para BRINCAR e TELEVISÃO há um movimento contínuo.

O parâmetro orientação/direção é a direção a qual a palma da mão é orientada, sendo dividido em seis tipos: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para trás, para a direita ou para a esquerda. Por exemplo, para a realização do sinal de AJUDAR, a orientação da mão é para frente ou para trás dependendo se o sujeito for agente ou paciente; para o sinal

de LEVANTAR a orientação da mão é para cima; para o sinal de FEIRA, a orientação da palma da mão é para baixo.

Por último, o parâmetro expressão facial, também chamado por alguns pesquisadores de expressões „não manuais“, têm papel fundamental na produção de sinais para construção de um significado, sentido ou intensidade. O parâmetro expressão facial é realizado por meio de um traço diferenciador na expressão facial e/ou corporal, esses traços são: movimentos da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco marcando frases interrogativas, exclamativas, negativas, afirmativas ou ainda para estabelecer sentido de intensidade. Existem sinais feitos apenas por meio das expressões faciais, mas considerando o movimento, o ponto de articulação e a orientação como, por exemplo, o sinal para LADRÃO feito somente com a bochecha. Existem os sinais em que a expressão facial não assume a função de mão, mas é combinado aos outros parâmetros para que esse sinal tenha significado, como, por exemplo, o sinal para BALA. Na realização desse sinal, todos os parâmetros se combinam inclusive a expressão facial e/ou manual.

Uma vez definido o quadro fonêmico geral da Libras, pode-se investigar a morfologia dessa língua, inclusive, a fonética está diretamente ligada a questão de classificação do sinal. Se observarmos as palavras BATA e PATA classificadas aqui como verbo bater e substantivo feminino referente ao animal pato, respectivamente, percebemos que a classificação em Língua Portuguesa se altera a partir da troca de um único fonema, no caso, substituindo o B pelo P. Em Libras, o sinal utilizado para representar o dia da semana SÁBADO e a ação de APRENDER possuem basicamente os mesmos parâmetros e o que irá diferenciar se é substantivo ou verbo será a mudança no parâmetro ponto de articulação. Todavia, se os parâmetros supracitados compõem as unidades mínimas de expressão de linguagem, ainda é preciso explorar as regras que regem a união dessas unidades, bem como a carga de significado que carregam.

2.3 A morfologia da Libras

Em Linguística, morfologia é o estudo da estrutura, da formação e da classificação das palavras. O nível morfológico pode ser pensado do ponto de vista morfossintático, isto porque a função da palavra está ligada à sua formação incorporada em outras classes. De acordo com Valli e Lucas (2001, p. 52):

morfologia é o estudo das menores unidades significativas na linguagem e de como essas unidades significativas são usadas para construir novas palavras

ou sinais. Em outras palavras, morfologia é o estudo da formação de palavras, de como uma linguagem usa unidades menores para construir unidades maiores. A menor unidade significativa em um idioma é um morfema. Alguns morfemas podem ocorrer por si mesmos, como unidades independentes. Estes são chamados de morfemas livres (VALLI; LUCAS, 2001, p. 52, tradução nossa)².

Nesse sentido, Valli e Lucas (2001), versando sobre questões da linguística das línguas de sinais, em especial a ASL, ilustram que a morfologia é o estudo das menores unidades significativas em um idioma e de como essas unidades significativas são usadas para construir novas palavras ou sinais. Os autores defendem que são por meio de processos derivacionais e flexionais que as línguas de sinais e orais ampliam e enriquece o seu léxico. Esses linguistas asseguram ainda que

Morfologia é o estudo da formação de palavras, de como uma língua usa unidades menores para construir unidades maiores. Quando uma língua usa unidades menores para criar unidades maiores, dois processos diferentes estão em ação. Algumas das unidades maiores construídas a partir de unidades menores é o resultado de um processo derivacional e outras é o resultado de um processo flexional³ (VALLI; LUCAS, 2001, p.112, tradução nossa).³

Logo, os autores defendem que a Morfologia Derivacional é o processo de criar novas unidades para o idioma a partir de unidades já existentes, ou seja, derivar novas unidades, incluindo deverbais (derivação de substantivos de verbos), CADEIRA e SENTAR e em relação a flexão explicam que a Morfologia Flexional é diferente da Morfologia Derivacional, no sentido de que, enquanto a Morfologia Derivacional é sobre a criação de novas unidades, a Morfologia Flexional é o processo de adicionar informações gramaticais às unidades que já existem, quando o -s- é adicionado aos substantivos resultando em plural, por exemplo. As flexões adicionam informações gramaticais a uma unidade, no entanto, eles não resultam na criação de uma nova unidade.

Quanto à flexão, Finau e Mazzuchetti (2015) noticiam que até pouco tempo as hipóteses eram de que nas línguas de sinais os verbos ou substantivos não sofriam esse tipo de alteração. No entanto, estudos apontaram diversos artifícios para expressar flexão na Libras, dos quais pode-se destacar a incorporação de numeral por meio de fonemas de CM que se liga

² Morphology is the study of the smallest meaningful units in language and of how those meaningful units are used to build new words or signs. Put another way, morphology is the study of word formation, of how a language uses smaller units to build larger units. The smallest meaningful unit in a language is a morpheme. Some morphemes can occur by themselves, as independent units. These are called free morphemes.

³ Morphology is the study of word formation, of how a language uses smaller units to build larger units. As a language uses smaller units to build larger ones, two different processes are at work. Some of the larger units built from smaller units are the result of a derivational process, and some are the result of an inflectional process.

a outros sinais para indicar uma quantidade definida, além dos classificadores, que são outro caso de flexão que ocorre nessa língua.

De acordo com Felipe (2006), as regras de formação de uma língua apresentam uma variedade nas classes e nas relações estruturais sintático-semânticas as quais devem ser mostradas seja qual for a sua modalidade. A autora defende que, ao se considerar o processo de formação de palavras, os *inputs* precisam ser levados em conta, uma vez que são as diferenças básicas nas regras de modificação de raiz e regras de composição. Em relação aos processos de formação de sinais, a autora pontua que eles podem acontecer por meio da modificação da raiz, da derivação zero, de processos miméticos e de regras de composição.

Estudos sobre a estrutura morfológica e lexical das línguas de sinais (FINAU; MAZZUCHETTI, 2015; FERREIRA, 2010; QUADROS; KARNOPP 2004) constataram que a Libras apresenta um considerável número de processos que formam sinais, dentre os quais estão a derivação, a composição, as construções classificadoras e os vários tipos de incorporação de informações gramaticais em itens lexicais. Esses estudiosos descreveram os classificadores como palavras ou morfemas que se ligam a nomes em certos contextos gramaticais para lhes atribuir uma categoria ou para expressar uma noção de quantidade. Em línguas sinalizadas, a organização de segmentos classificadores acontece de forma simultânea devido ao caráter multidimensional dessa modalidade linguística. Para esses casos, Valli e Lucas (2001, p. 113) esclarecem que

Os substantivos são derivados de verbos, uma série de sinais soletrados se parece mais com um sinal, uma forma de mão com o significado de um número específico é incorporada a uma estrutura segmentar com o significado de idade ou semana ou mês, uma raiz de movimento e uma forma de mão são colocadas juntos para criar um predicado de classificador, e a localização do predicado de classificador fornece informações específicas sobre a perspectiva do sinalizante. (VALLI; LUCAS, 2001, p. 113, tradução nossa).⁴

Quadros e Karnopp (2004, p.86) definem morfologia como um ramo da linguística que estuda a “estrutura interna, a formação e classificação das palavras ou sinais e as regras que determinam a formação das palavras. Os morfemas são as unidades mínimas de significado”. Sendo assim, podemos afirmar que as formações dos sinais se originam da combinação dos parâmetros que são as unidades mínimas sem significado. As autoras ainda esclarecem que as

⁴ Texto original: Nouns are derived from verbs, a series of fingerspelled signs become more like one sign, a handshape having the meaning of a specific number is incorporated into a segmental structure having the meaning of age or week or month, a movement root and a handshape are put together to make a classifier predicate, and the location of the classifier predicate provides specific information about the signer’s perspective.

formas da união de morfemas são, frequentemente, resultantes de um processo não concatenativo em que as determinadas raízes são adicionadas a vários movimentos no espaço de sinalização e trazem, como exemplo dessa formação, o sinal referente ao verbo SENTAR, do qual alterando o parâmetro MO, surge o substantivo CADEIRA.

Partindo do conceito de morfologia apontado por Quadros e Karnopp (2004), temos que as palavras ou sinais podem ser formados pela combinação de afixos ligados e morfemas livres que são o resultado do processo de derivação, afixação e/ou por composição, sendo este último um fenômeno que ocorre a partir da combinação de duas ou mais palavras/sinais independentes. Essas palavras/sinais que se compõem para formar novas palavras ou sinais podem ser morfemas livres. De acordo com as autoras, nas línguas de sinais há descrições que se referem tanto aos processos derivacionais quanto aos processos flexionais. O processo derivacional abrange a formação de novos sinais a partir de uma base lexical (sinal) já existente e são divididos em processo de nominalização, processo de formação de compostos e processo de incorporação.

Nesse caso, a partir desse nível linguístico, entre outras formações e composições possíveis, substantivos podem ser criados a partir de verbos, e verbos podem ser criados a partir de adjetivos pela adição de sufixos. Os substantivos são derivados de verbos, uma série de sinais soletrados se parece mais com um sinal, uma configuração de mão que agrega um significado de um número específico. Em todos esses casos, pequenas unidades de língua são reunidas para se criarem novas unidades maiores podendo inclusive alterar as classes gramaticais.

O fenômeno de incorporação, objeto desta pesquisa, insere-se como uma das possibilidades apresentadas por Quadros e Karnopp (2004) como pertencente a Morfologia Derivacional, ou seja, a incorporação é o resultado da derivação que ocorre a partir de algumas combinações de elementos, divergindo da opinião de outros autores como Ferreira e Naves (2014) que defendem que o fenômeno de incorporação não pode ser visto como um processo derivacional, pois, para que isso seja considerado, é preciso haver um sinal base que origine outro sinal, o que não ocorre na incorporação onde a união dos morfemas não apresenta um sinal diferente, mas sinais incorporados.

Ferreira e Naves (2014) ainda discorrem que, às vezes, nem existe um sinal para tal referente que precisa ser representado e incorporado em construções classificadoras, como no caso de CORTAR que não possui um sinal específico e, para ser realizado, precisa ser incorporado ao instrumento cortante para que o falante junte os fonemas equivalentes e reproduza o sinal. A nós, não caberá a discussão se de fato o fenômeno da incorporação se

insere como parte da derivação, ou não, apenas usaremos o conceito de incorporação apontado pelas autoras Quadros e Karnopp (2004) e Ferreira e Naves (2014) como possibilidade de formação de sinais para auxiliar na análise dos dados desta pesquisa.

2.3.1 Os classificadores, a datilologia e a soletração rítmica na construção do sinal

Os classificadores, a datilologia e a soletração rítmica são importantes elementos complementares na formação de sinais, uma vez que também se apresentam como possibilidades no processo de comunicação. O classificador é uma representação da Libras que mostra claramente detalhes específicos, permitindo a descrição de pessoas, animais, situações e objetos, bem como sua movimentação ou localização, ou aparece no lugar do nome, quando o objeto não tem sinal específico.

Segundo Ferreira (2010), os classificadores podem ser partes dos verbos em uma sentença, nesse caso, esses verbos são chamados verbos de movimento ou verbos de localização. Trata-se de um grupo de sinais utilizados para representar seres, coisas, situações e lugares que, na maioria das vezes, não possuem sinal específico, mas também se apresentam como parte do discurso, sendo geralmente icônicos. Dessa forma, os classificadores podem ser considerados como potencializadores da comunicação em Libras, pois “ajudam construir sua estrutura sintática, com recursos corporais que possibilitam relações gramaticais altamente abstratas” (HONORA; FRIZANCO, 2010 p.29).

A datilologia, por sua vez, é um recurso manual baseado na ASL utilizado nas línguas de sinais, inclusive na Libras, para se referir a substantivos próprios, palavras que não possuem sinal conhecido ou, ainda, para representar palavras da Língua Portuguesa que foram incorporadas à Libras. Esse recurso se realiza por meio da soletração de uma palavra utilizando o alfabeto digital ou manual de uma dada língua de sinais, sendo concebida como representação das letras do alfabeto. Um bom exemplo de datilologia e desse empréstimo de palavras da Língua Portuguesa são as palavras OI, VAGA e BAR, que não possuem sinais específicos, não utilizam classificadores representativos, porém, fazem uso da datilologia por meio da soletração rítmica, escrevendo no espaço neutro cada uma das letras que compõem essas palavras. “Soletração manual não é uma representação direta do português, é uma representação manual da ortografia do português envolvendo uma sequência de configurações de mão que tem correspondência com sequência de letras escritas do português”. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 88).

Em relação à soletração rítmica, pode-se dizer que esse recurso, assim como a datilologia, se refere à soletração, realizada no espaço neutro, do alfabeto manual, para representar nomes e sobrenomes pessoais, de ruas, avenidas, bairros e cidades. Porém, essa soletração é feita seguindo um ritmo e, na maioria das vezes, se torna o próprio sinal do referente, como é o caso das palavras/sinais BAR e VOVÓ, que quando são realizados com um determinado ritmo perdem o caráter de datilologia e passam a ter caráter de soletração rítmica. Outra característica da soletração rítmica é ser realizada acompanhada de expressão gestual/mímica que, de acordo com Kojima e Segala (2008, p. 19) “são conjuntos de elementos visuais, entre os quais se podem encontrar ou definir relações para a visualização da imagem do pensamento”.

Desse modo, pode-se dizer que a representação do sinal requer elementos fundamentais para que a comunicação aconteça. Ainda sobre as características e escolhas da soletração rítmica na função de sinal podemos citar o caso do sinal para representar a palavra NUNCA que é realizado a partir da soletração rítmica das letras que formam tal advérbio. Albres (2014, p.45) afirma que “no uso corrente da língua, os surdos foram selecionando o que era funcional”, nesse sentido, entendemos que a formação de sinais por meio de classificadores, datilologia e soletração rítmica são formas possíveis no processo de comunicação dos usuários da Libras.

2.4 A sintaxe espacial

O nível sintático de uma língua refere-se à ordem dos constituintes dentro da sentença, sendo assim, na Libras, a sintaxe é nomeada de espacial devido ao fato de a construção ser feita no espaço do falante. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), a ordem padrão dos constituintes nas construções em Libras é, assim como em algumas línguas orais, no caso o português, Sujeito-Verbo-Objeto (SVO), porém, outras possibilidades de ordens também acontecem como, por exemplo: Objeto-Sujeito-Verbo (OSV); Verbo-Objeto-sujeito (VOS) e Sujeito-Objeto-Verbo (SOV). Souza (2006) relata que a ordem básica dos constituintes dentro da sentença é um assunto bastante pesquisado seja em que língua de sinais for e principalmente em análise de sentenças interrogativas e construções de tópico e foco.

Os primeiros trabalhos relacionados à sintaxe das línguas de sinais foram realizados a partir da ASL por Fischer (1975) e Liddel (1980). As autoras defenderam que a ordem dos constituintes em ASL é SVO. Para Fischer (1975), qualquer mudança que acontecesse na ordem e desconstruísse essa ordem básica ou canônica, seria motivada por alguma alteração

prosódica, ou seja, alguma alteração provocada por pausas ou marcas não-manuais. Liddel (1980) concorda que a marca de tópico causa alteração na ordem subjacente. Embasadas nas pesquisas linguísticas em ASL, estudiosos da Libras foram desenvolvendo suas pesquisas em relação à sintaxe da Libras. O primeiro trabalho que se tem registrado sobre sintaxe da Libras foi orientado por Ferreira (2010) e trata-se de uma dissertação de mestrado intitulada “A Ordem Sintática e a Repetição na Língua de Sinais em São Paulo defendida em Mogi das Cruzes” e defendida por Namura em 1982. Apesar de uma busca intensa para acessar o conteúdo do material, não o encontramos.

Quadros e Karnopp (2004, p.20) definem sintaxe como “a parte da linguística que estuda a estrutura interna das sentenças e a relação interna entre suas partes”. Na Libras, a sintaxe é analisada levando em conta os elementos espaciais que fazem parte da língua e de seu processo de comunicação, reconhecidos como marcadores não manuais, tais como expressões faciais, movimento dos olhos e do corpo, sendo estes marcadores importantes na construção de sentido dessa língua considerando o contexto comunicativo. As autoras defendem que existem várias possibilidades de comunicação humana, porém, são as regras sintáticas que organizam as construções das sentenças e as tornam válidas ou não.

Sautchuk (2004) elucida que a sintaxe é o princípio construtivo e mantenedor da identidade da língua, todavia, tem papel fundamental de assegurar a própria capacidade comunicativa dos textos. Nesse contexto, a ordem das palavras dentro da sentença é fundamental e considerada por Quadros e Karnopp (2004) um conceito básico relacionado com a estrutura da frase de uma língua, porém as línguas podem variar a ordenação das palavras e isso é relevante em análises linguísticas.

Em relação à estrutura frasal, Quadros e Karnopp (2004) afirmam que a ordem dos constituintes dentro da sentença é Sujeito-Verbo-Objeto – SVO, mas se percebe que outras estruturas são mais comuns, como a topicalização, ou seja, o objeto colocado como tópico. A partir de uma pesquisa envolvendo a formação frasal da Libras, Quadros e Karnopp (2004, p.155) concluíram que os dados apresentados indicam que a ordem básica da Libras é SVO e que OSV, SOV e VOS são ordenações derivadas de SVO. Assim, as mudanças de ordens resultam de operações sintáticas específicas associadas a algum tipo de marca como, por exemplo, a concordância e as marcas não-manuais.

Stumppf (2005, p. 25) aponta alguns aspectos linguísticos sintáticos da Libras que, segundo ela, são os principais e devem ser considerados. A autora destaca como fundamental para a construção sintática a exploração do uso do espaço por meio da organização de objetos, referentes e não presentes; uso da marcação de concordância por meio de verbos de

concordância e usos de elementos necessários para marcação de concordância a partir de verbos sem concordância, sendo eles: verbo auxiliar, ordem linear, topicalização e foco; além de uso de marcação não-manual gramatical, perguntas QU, sim/não e negação.

Greenberg (1978) destaca que de seis combinações possíveis de Sujeito, Objeto e Verbo, algumas delas são mais comuns do que outras. Fisher (1973) concorda que a ordem básica é SVO, mas destaca que se o verbo for transitivo e houver mudança na orientação de mão e de direção de sinal na realização do substantivo e do objeto, a flexibilidade será mais restrita. De acordo com Felipe (1998) e Ferreira (2010), na Libras, a ordem das palavras também apresenta flexibilidade, mas possui uma ordem básica SVO. Além da ordem SVO também é possível a construção de sentenças a partir das ordens OSV, SOV e VOS, embora as ordens OSV e SOV se apresentem como agramaticais mesmo quando construídas a partir de marcador não-manual (QUADROS; KARNOPP, 2004). De acordo com essas linguistas, a ordem canônica é mais restrita quando se refere à alteração em orações subordinadas, ou seja, não é possível alterar a ordem do objeto quando ele é parte de uma oração subordinada, desse modo, as ordens SOV e OSV, nesse caso, não são possíveis.

Os marcadores não manuais têm a função de complementar a construção de algumas sentenças como as negativas, interrogativas, afirmativas, condicionais, relativas, topicalizadas e com foco (QUADROS; KARNOPP, 2004). Para que essa gramaticalidade seja possível, o uso de expressões faciais são entendidas como marcador não-manual. Nesse sentido, as autoras classificam cada uma dessas sentenças da seguinte forma: as sentenças negativas são entendidas como aquelas em que a sentença está sendo negada (NÃO, NADA, NUNCA). As sentenças interrogativas se referem a perguntas (O QUE, COMO, ONDE, QUEM, POR QUE, PARA QUE, QUANDO, QUANTO etc). As sentenças condicionais estabelecem uma condição para realização de algo (SE CHOVER, EU NÃO VOU À FESTA).

Ainda podemos mencionar as sentenças relativas, as construções com tópicos e as construções com foco. O primeiro caso se refere àquelas sentenças em que há uma inserção dentro da sentença base para explicar, acrescentar informações ou encaixar outra questão relativa ao que está sendo dito, como por exemplo: [O GAROTO QUE DESAPARECEU FOI ENCONTRADO], temos aí a informação principal de que o garoto desapareceu e, na sequência, uma nova sentença é introduzida na base informando que o mesmo foi encontrado.

A construção com tópico retoma o assunto sobre o qual se desenvolverá o discurso: [FRUTAS, EU GOSTO DE BANANA]. Veja que o assunto principal é frutas, que nessa sentença foi topicalizada. Ferreira (2010) afirma que a topicalização ou tópico-comentário é uma forma de produção bem comum no processo de comunicação em Libras e que pode ser

reconhecida pela ordem OSV. Nesse caso os elementos são distribuídos na frase por meio de tópicos, separando o que é principal do restante da sentença sem que seu sentido seja alterado. E, por último, as autoras apresentam as construções com foco, nesse caso, uma informação nova que pode estabelecer contraste, informar algo adicional ou enfatizar alguma coisa é introduzida como no caso da sentença: [MARIA COMPROU O CARRO]. (QUADROS; KARNOPP, 2004). Veja que nesse caso o objeto “carro” está sendo enfatizando, pois quem compra, compra alguma coisa.

Em relação às classes verbais destacamos aqui autores como Quadros e Karnopp (2004); Liddell (1997); Ferreira e Naves (2014), Faria-Nascimento e Correia (2011), entre outros. Quadros e Karnopp (2004) dividem os verbos em quatro tipos listados a seguir:

1- Verbos simples - São os verbos que não se flexionam em pessoa e número e não admitem afixos locativos, porém podem flexionar-se em aspecto. São realizados ancorados no corpo como, por exemplo, os verbos CONHECER e GOSTAR;

2- Verbos com concordância - São os verbos que se flexionam em pessoa (eu, tu, ele), número (singular, plural) e aspecto, mas não apresentam afixos locativos. Por exemplo, RESPONDER - marcado pelo movimento que se faz do argumento sujeito para argumento objeto. Também pode ser mencionado aqui o verbo PERGUNTAR que também possui essa característica

3- Verbos espaciais – Referem-se aos verbos que denotam movimento e posição no espaço e, por essa razão, admitem afixos locativos, que identificam locais no espaço neutro da sinalização. Ex: verbo CHEGAR, verbo IR;

4- Verbos manuais - São representados por uma configuração de mão que reproduz a mão segurando um objeto. Exemplo: [COLOCAR BOLO NO FOGO, PEGAR COPO, PEGAR XÍCARA].

Após a divisão dos verbos em tipos, Quadros e Karnopp (2004) concluíram que os verbos com concordância e verbos espaciais fazem parte do mesmo tipo, isto porque as autoras perceberam que ambos os verbos dessas categorias possuem concordância, logo, podem ser classificados como verbos com concordância. Liddell (1997) afirma que as características dos verbos de estarem direcionados para localizações específicas são de ordem gestual, dessa forma, o autor trata como verbos indicativos os chamados verbos de concordância.

Em relação aos verbos manuais, Ferreira e Naves (2014) discorrem que os verbos manuais indicam além da ação, o lugar onde a ação acontece e, para demonstrarem isso, classificam esses verbos em três tipos:

1- Verbos locativos - São os verbos que marcam localização, que representam afixo locativo. Ex: COLOCAR, IR e CHEGAR, entendidos por Quadros e Karnopp (2004) como verbo espacial. No caso do verbo IR, ele é utilizado por Faria-Nascimento e Correia (2011) como exemplo de verbo locativo.

2- Verbos classificadores de entidade - São os verbos que incorporam a configuração de mão do classificador da entidade que representam. Ex: ANDAR- pessoa/ ANDAR animal.

3- Verbos classificadores de instrumento - São aqueles verbos que apresentam a configuração de mão que representa a forma de segurar o instrumento para produzir a ação. Ex: CORTAR - com a tesoura, PINTAR - com o pincel, PASSAR - com o ferro.

De acordo com Ferreira e Naves (2014), a classe dos verbos manuais em Libras é bem heterogênea, incluindo tanto aqueles que envolvem a seleção de um argumento locativo quanto àqueles que admitem a interpretação de um variável instrumento em suas estruturas léxico-conceituais. Quadros e Quer (2008), ao estudar os verbos, perceberam que nas línguas de sinais há um grupo de verbos como propriedades morfofonológicas que correspondem à concordância com seus argumentos. Os autores dividem os verbos nas línguas de sinais em três grupos: verbos com concordância, verbos sem concordância ou simples e verbos espaciais.

2.5 A semântica-pragmática e a relação de interdependência entre os níveis linguísticos

A Semântica é responsável pela construção de significado e a pragmática é responsável pela construção de sentido. Esse significado/sentido dependerá do contexto em que o sinal estiver inserido de acordo com a mensagem que se pretende transmitir. Fiorin (2010, p. 138-139) afirma que

Dentre as várias possibilidades de investigação do significado, uma delas, se concentra no estudo da relação existente entre as expressões linguísticas e o mundo. Não se pode negar que uma das características importantes das expressões linguísticas é que elas são sobre alguma coisa. [...]. Esse mundo sobre o qual falamos quando usamos a linguagem pode ser tomada como o mundo real, parte dele ou mesmo outros mundos ficcionais ou hipotéticos. (FIORIN, 2010, p. 138-139)

Nesse sentido, o significado é entendido como sendo a relação entre a linguagem e o que ela fala, ou seja, em que contexto de mundo ela está inserida. Logo, o significado linguístico do enunciado, em Libras, é influenciado pelos aspectos sintáticos da classe morfológica “verbo”. Portanto, a construção do significado não é realizada somente a partir

do conhecimento do léxico e da gramática, ocorre também, por meio da relação de processos cognitivos, os quais são provedores da compreensão do signo linguístico e da criação do significado baseado na perspectiva de uso linguístico.

Em relação ao nível semântico-pragmático, é preciso entender que, por se tratar de língua distinta, com estrutura própria e canais de comunicação muito diferentes das línguas orais, nem toda palavra dita ou escrita em português terá o mesmo correspondente em Libras, por, pelo menos, dois motivos: o primeiro é que o sentido/significado empregado na língua oral não corresponde, necessariamente, ao mesmo sentido/significado do sinal referente a essa palavra dentro do contexto que ela foi empregada; o segundo motivo é que nem toda palavra de uma língua tem referente em outra.

De acordo com Fiorin (2010, p. 138-139), uma das possibilidades de investigação de um significado é o estudo da relação entre as expressões linguísticas e o conhecimento de mundo, seja ele real ficcional ou hipotético. Para o autor, reconhecer a veracidade de uma sentença é que, dependendo desse conhecimento de mundo, ela poderá ser falsa ou verdadeira. Outro ponto que deve ser levado em conta é o fato de que uma análise semântico-pragmática perpassa pelos níveis sintáticos e morfológicos, que, por sua vez, são analisados à luz da fonologia, logo, podemos dizer que os níveis linguísticos estão inter-relacionados.

Nesse sentido, o significado linguístico do enunciado em Libras é influenciado pelos aspectos sintáticos. Segundo Silva (2006), a classe dos verbos, por exemplo, é bastante influenciadora das relações semânticas da língua. Tal fato dá-se diante da importância do conhecimento do sentido do verbo para entender o seu comportamento, e, conseqüentemente, prever as suas propriedades sintáticas. Silva (2006) relata que as propriedades sintáticas e semânticas de um verbo, em Libras, determinam o comportamento deste, sendo a diferença de comportamento percebida de acordo com os elementos dêiticos.

Nesse capítulo, tratamos dos aspectos linguísticos da Libras, perpassando pelos estudos relacionados à fonética e fonologia, à morfologia, à sintaxe espacial e ao nível semântico-pragmático. Na seção seguinte, ainda sobre os processos linguísticos da Libras, fizemos uma exposição sobre os processos de formação de sinais por meio dos fenômenos de derivação, composição e construções classificadoras.

3. PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE SINAIS EM LIBRAS

Neste capítulo, discorreremos sobre os processos de formação de sinais por meio dos fenômenos de derivação, composição e construções classificadoras. A formação de sinais, por meio do fenômeno de incorporação, será tratada em um capítulo específico. No campo da formação de sinais por derivação, apresentamos as possibilidades de formação de sinal por meio da nominalização. No campo da formação de sinais por composição, apresentamos as três regras básicas, tais como: regra do contato, regra da sequência única e regra da antecipação da mão não dominante e tipos de composições existentes para a formação dos sinais, sendo eles: justaposição de dois itens lexicais, justificação de um classificador com um item lexical e justaposição da datilologia. E, por fim, apresentamos o fenômeno das construções classificadoras e os grupos de classificadores identificados nas línguas de sinais, de forma geral, tais como: especificadores de tamanho e forma, classificadores semânticos, classificadores corporais e classificadores instrumentais, além dos classificadores mais produtivos em Libras: os „X-tipo de objeto“ e „segurar X-tipo de objeto“.

3.1. Derivação

Basílio (1987) defende que a derivação é caracterizada pela junção de um afixo (sufixo, prefixo) a uma base para formação de uma palavra e cita, como exemplo, LIVRO + EIRO= LIVREIRO /IN + FELIZ= INFELIZ. Ainda em Basílio (1987) tem-se a derivação imprópria ou conversão que é definida como o processo de transposição de uma palavra de uma classe gramatical para outra, como ocorre no caso de PENTE que acrescido do sufixo AR se transforma no verbo PENTEAR e, no caso de ESCOVA, que também acrescido do sufixo AR, transforma-se no verbo ESCOVAR.

De acordo com Quadros e Karnopp (2004), em Libras, os nomes derivam de verbos, caracterizando um processo chamado de nominalização. Seguindo a proposta de Supalla (1986) para a ASL, as autoras argumentam que a Libras pode derivar nomes de verbos por meio da mudança no tipo de movimento. Sendo assim, para nomes, o movimento é contínuo e repetitivo e, para verbos, o movimento é encurtado. Para exemplificar essa diferença de categoria a partir do movimento, as autoras citam os casos do verbo SENTAR e do substantivo CADEIRA, em que, no primeiro caso, o movimento é curto e, no segundo, o movimento se repete.

Felipe (2006, p.205) aponta a derivação zero como tipo de derivação presente em Libras. Nesse processo, os itens lexicais são diferenciados a partir da sua função no contexto linguístico em que estão inseridos, ou seja, o contexto linguístico é que identificará à qual categoria o sinal se refere. O verbo DIRIGIR e o substantivo CARRO são utilizados como exemplos: [EU DIRIGIR (verbo) CAMINHÃO MEU PAI. / EU COMPRAR CARRO (substantivo) VELHO]. Entenda que tanto para DIRIGIR quanto para CARRO, os parâmetros utilizados para a realização dos sinais são os mesmos, a diferença se dará por meio do complemento verbal aliado ao contexto. Nesse sentido, a Libras se mostra como uma língua que possui elementos verbais e substantivos que possuem a mesma forma para seus pares, como o explicitado acima nos itens lexicais DIRIGIR (verbo) e CARRO (substantivo), que possuem o mesmo sinal.

3.1.1 O substantivo e sua função nuclear: derivando nomes de verbos

Perini (1997, p. 41) ao tratar de classe de palavras faz uma analogia com a separação dos animais em ordens, classes, espécies, famílias e gêneros. Para ele, “classificar as palavras implica elaborar uma classificação semântica, mas separando-se nitidamente dela”. O autor ainda defende que tão importante quanto analisar os significados é considerar o comportamento sintático e morfológico dos vocábulos, correlacionando os componentes da classe. A Libras é organizada no espaço do falante e, nesse espaço, são marcadas as relações gramaticais, ou seja, no processo de comunicação é marcado dois pontos referentes, a relação de um ponto e outro é construída e papéis variados são dados a esses pontos, ora sujeito, ora verbo, ora objeto e a classe gramatical a que pertencerá esse referente variará de acordo com as escolhas do falante e do nível linguístico ao qual esse referente está submetido.

Quadros e Karnopp (2004) defendem que a Libras possui uma estrutura completamente visual, organizada nesse espaço onde as relações gramaticais são estabelecidas. De modo geral, entende-se por classes gramaticais ou classes de palavras um conjunto que classifica uma palavra, baseando-se na sua estrutura sintática e morfológica, sendo assim

uma das principais funções da morfologia é a mudança de classe, isto é, a utilização da ideia de uma palavra em outra classe gramatical. Forma-se um novo sinal para se utilizar o significado de um sinal já existente num

contexto que requer uma classe gramatical diferente (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.96).

Estudos realizados por Ferreira (2010) reconhece a existência de algumas classes, mas se percebe que outras não fazem parte da gramática da Libras. No caso do nome (substantivo), por exemplo, na Libras ele tem função de núcleo das mensagens articuladas. É sabido que os substantivos são palavras variáveis, logo, podem ser flexionadas em número (singular ou plural), gênero (masculino ou feminino) e grau (aumentativo ou diminutivo), no entanto, não se pode afirmar que toda palavra variável faz parte da classe dos substantivos, pois existem outras classes como a de alguns pronomes, por exemplo, e até mesmo os adjetivos que possuem características semelhantes a dos substantivos, gerando, muitas vezes, dificuldade em apontar a delimitação de uma classe com outra.

Perini (1997) aponta, por meio de análise sintática, o que ele chama de traço para caracterizar o substantivo dizendo que é considerado substantivo os constituintes que ocuparem o núcleo de um sintagma nominal ou complementos do predicado, todavia, não podem ser modificadores nem predicativos. No processo de formação de palavras ou sinais, os substantivos podem ser formados a partir de verbos. Valli e Lucas (2001, p. 58) esclarecem que, quando substantivos são derivados de verbos em Inglês ou ASL, um padrão regular pode ser descrito, assim como também pode ser descrito um padrão para formação de compostos. Segundo os autores, quando duas palavras em inglês se juntam para formar um composto, duas mudanças bastante previsíveis ocorrem.

1. O estresse (ou seja, a ênfase) geralmente está na primeira palavra do composto, e a ênfase na segunda palavra é geralmente reduzida ou perdida. Quando a palavra verde e a palavra casa se juntam para formar a palavra „estufa“ que é composta, o estresse está na palavra verde: gréenhouse.
2. Um novo significado é criado quando duas palavras se juntam para formar um composto. Por exemplo, „estufa“ não significa uma casa verde, tem o significado específico de um local onde as plantas são cultivadas. Quadro-negro não significa um quadro preto, significa um quadro usado para fins instrucionais, que pode ser preto, verde ou marrom (VALLI, LUCAS, 2001, p. 58, tradução nossa)⁵

O substantivo utilizado na Libras também assume a função de nomear seres, objetos e coisas. Nos substantivos, a flexão de plural é obtida, na maioria das vezes, pela repetição do

⁵ Texto original: The stress (that is, the emphasis) is usually on the first word of the compound, and the stress on the second word is usually reduced or lost. When the word *green* and the word *house* come together to form the compound *greenhouse*, the stress is on the word *green*: gréenhouse. 2. A new meaning is created when two words come together to form a compound. For example, greenhouse does not mean a house that is green, it has the specific meaning of a place where plants are grown. Blackboard does not mean a board that is black, it means a board that is used for instructional purposes, which may be black, green, or brown.

sinal, pela anteposição ou proposição de sinais referentes aos números, ou pelo movimento semicircular, que deve abranger as pessoas ou os objetos envolvidos (FERREIRA, 2010), como no exemplo CASA em que o plural é representado pela repetição do sinal. Diferentemente do exemplo anterior, a marcação do plural de CARRO é feita com as mãos na configuração do classificador usado para veículos, uma das mãos se mantém parada enquanto outra se move para o lado, dando ideia de vários carros.

Outro fator que chama a atenção é a classificação do substantivo que pode ser simples e composto, por exemplo, o substantivo simples ZEBRA é representado em Libras a partir de dois sinais: CAVALO + LISTRAS e o substantivo quinta-feira considerado composto nas línguas orais é representado em Libras apenas por um sinal QUINTA-FEIRA (Mão em 5, palma para frente, próxima ao lado direito da cabeça, bater o lado do indicador na testa.)

Na Libras, a classe gramatical do substantivo, usado para nomear seres, coisas e objetos, pode ter sua função desempenhada pelo classificador, assim como acontece com a relação entre o substantivo e o adjetivo em Língua Portuguesa, sendo que os classificadores podem se manifestar de várias formas, seja por meio de uma desinência classificadora de gênero- homem/mulher ou desinência para concordância verbal. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), os classificadores fazem parte do núcleo lexical dentro da morfologia das línguas de sinais. As autoras ainda mencionam que a formação da maioria dos sinais e até mesmo a criação de novos sinais ocorrem a partir do uso de classificadores.

3.2 Composição

O processo de formação por composição apresenta três regras morfológicas traçadas por Quadros e Karnopp (2004): regra do contato, regra da sequência única, regra da antecipação da mão não dominante. A primeira regra apontada é a regra do contato. Nesse caso, ao realizar o sinal há contato no corpo ou na mão passiva. O sinal ESCOLA explora bem esse tipo de regra, pois é um sinal composto formado a partir da junção dos sinais de CASA + ESTUDAR e há o contato das mãos para realização dos dois sinais que compõem o nome ESCOLA. Além do sinal de estudar, podemos citar outros sinais formados a partir dessa regra, tais como: AÇOUGUE formado pela junção dos sinais CASA + CARNE e o sinal para ALMOÇO formado pela junção dos sinais COMER + MEIO DIA, em que, no primeiro caso, o contato é na mão e o segundo o contato é na testa.

A segunda regra apresentada pelas autoras é a regra da sequência única. Nessa regra, o movimento interno ou repetição do movimento é anulado. Para exemplificar a regra, as

autoras utilizam o sinal de PAIS. Nesse caso, o movimento que é realizado quando se diz PAI ou MÃE de forma isolada é eliminado quando se juntam para formar o terceiro sinal, ou seja, o sinal composto PAIS. A terceira e última regra abordada pelas autoras para construção de sinais compostos é a regra da antecipação da mão não dominante. Neste caso, a mão passiva antecipa o segundo sinal para a formação do sinal composto. O sinal ACREDITAR é utilizado como exemplo, para a realização desse sinal, que é feito a partir da junção dos sinais SABER + ESTUDAR, a mão passiva, que no caso é responsável pela realização do sinal de ESTUDAR, se antecipa ficando no espaço neutro em frente ao sinalizador, na região do tronco para receber o sinal da mão dominante formando, assim, o sinal de ACREDITAR.

Felipe (2006) apresenta três ocorrências no processo de composição de sinais em Libras: a justaposição de dois itens lexicais – como em ALMOÇAR, formado pela junção de MEIO-DIA + COMER; a justaposição de um classificador com um item lexical – como em FORMIGA, formado a partir da união do sinal de INSETO com classificador para COISA PEQUENA e a justaposição da datilologia em que a palavra em português é representada junto ao sinal representativo da ação, como por exemplo, o sinal de AGULHA feito a partir junção do sinal classificador para COSTURAR com a datilologia do nome AGULHA.

Os pressupostos de Valli e Lucas (2001), em relação aos substantivos compostos, se aplicam muito bem aos processos formativos de palavras por composição na Língua Portuguesa. No substantivo „guarda-roupa“, por exemplo, a sílaba tônica está na primeira palavra que é o verbo „guardar“. Em Libras, essa regra também se aplica ao sinal composto ESCOLA, formado a partir da combinação dos sinais CASA + ESTUDAR, respectivamente. Para a realização desse sinal, a ênfase também é dada ao primeiro sinal que compõe a palavra ESCOLA, nesse caso ao substantivo CASA que aparece mais evidente na sinalização.

3.3 As construções classificadoras na Libras

O classificador é uma representação da Libras utilizado na formação dos sinais que mostra claramente detalhes específicos, permitindo a descrição, bem como a movimentação ou localização de pessoas, animais, situações e objetos a serem representados. Para Meir (2012), uma característica notável das línguas sinalizadas é a quantidade de elementos icônicos presentes no léxico dessas línguas, ao contrário das línguas orais em que a maioria das palavras é arbitrária. De acordo com Ferreira (2010), os classificadores também podem ser partes dos verbos em uma sentença e isso acontecerá quando os verbos forem de localização ou de movimento.

Um classificador (CL) não é um elemento exclusivo das línguas de sinais, ele acontece também nas línguas orais e pode ser compreendido como uma forma que estabelece algum tipo de concordância em uma dada língua, podendo ser essa concordância uma desinência, responsável por classificar os substantivos e os adjetivos em masculino e feminino, como no caso do português; pode se manifestar como uma partícula entre as palavras, e ainda pode ser colocado no verbo como forma de desinência para estabelecer concordância. De acordo com Passos (2014, p. 26),

O classificador é uma palavra ou morfema utilizado em algumas línguas de sinais para classificar o referente de um substantivo de acordo com seu significado. Os classificadores indicam alguma característica perceptível da entidade à qual se referem, como por exemplo, aspecto físico, tamanho, forma, animação, função, papéis sociais e a forma de interação.

Nas línguas de sinais, os classificadores são reconhecidos como elementos que descrevem, reproduzem a forma, o movimento e a relação espacial do elemento representado, contribuindo para significação no processo comunicacional. O uso de classificadores como ferramentas de reprodução das formas contribui para que a mensagem a ser transmitida se torne mais nítida e compreensível, pois essa reprodução da forma aliada à sua relação com o movimento espacial é fundamental nas línguas de sinais (PIMENTA; QUADROS, 2006).

Quadros e Karnopp (2004) definem os classificadores como um sistema pertencente ao léxico inicial da Libras e que estão extensivamente envolvidos no processo morfológico de formação lexical. Isso devido ao fato de que os classificadores têm papel preliminar na formação dos sinais, pois, com o passar do tempo, diversos classificadores passam pelo processo de lexicalização e se tornam sinal. Ferreira (2010), por sua vez, discorre que os classificadores geralmente são icônicos em seu significado pela semelhança entre a sua forma ou tamanho do objeto a ser referido.

Em alguns casos, os classificadores se referem ao objeto ou ser como um todo, outras vezes, refere-se apenas a uma parte ou característica do ser. No entanto, é preciso se atentar à diferença entre classificadores e adjetivos descritivos, que são representantes das qualidades do objeto e não descrição do objeto em si, como acontece com os classificadores. Choi (2011, p.78) apresenta a seguinte situação para exemplificar os adjetivos descritivos: “uma pessoa está vestindo uma blusa de bolinhas, listrada ou xadrez”. Nesse caso, o sinalizante realizará o sinal para blusa e, na sequência, apresentará as características dessa blusa utilizando a região do tórax do sinalizador como ponto de articulação para explicar que a blusa é quadriculada e listrada. Logo, a demonstração das características da blusa não será um classificador, mas um

adjetivo que, embora classifique, estabelece apenas uma relação de qualidade do objeto e não relação de concordância de gênero: PESSOA, ANIMAL, COISA.

Para Ferreira (2010), em Libras, os classificadores também são empregados juntos a verbos de movimento e verbos de localização, como, por exemplo, no verbo ANDAR (configuração de mão em V invertido, orientação da palma da mão voltada para trás, movimento oscilando lentamente os dedos) representando um classificador de pessoa andando, temos então, nesse caso, um classificador para pessoa incorporado ao verbo. Capovilla, Raphael e Maurício (2009, p. 240) descreve o verbo ANDAR como

ANDAR - Mão em V invertido, palma para trás. Mover a mão oscilando alternadamente os dedos. Etimologia. Morfologia: Trata-se de um sinal formado por 1) um morfema metafórico molar que representa concretamente características conspícuas do comportamento humano em atividades de jogos, esportes e lazer emulando a pantomima envolvida. 2) o morfema Pessoa e 3) o morfema Irradiação – Propagação – Fluxo. O morfema metafórico molar está em sinais como JOGAR BASQUETE, [...] PULAR CORDA... O morfema Pessoa é codificado pela primeira articulação (mão em 2 com os dedos apontando para baixo aparece sempre associada a movimentos dos dedos ou da mão), como nos sinais ANDAR, DE PÉ, - EM PÉ, DEITAR-SE... Iconicidade: No sinal ANDAR a mão em 2, com dedos para baixo (ou V invertido) se move para frente enquanto os dedos indicador e médio balançam para frente e para trás com se representasse o movimento das pernas ao caminhar. O sinal ANDAR é típico da gestualidade universal. (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2009, p. 240).

A partir da descrição do verbo ANDAR proposta por Capovilla, Raphael e Maurício (2009), pode-se considerar que se trata de um fenômeno típico de incorporação em que o sinal-base ou raiz é o próprio classificador de pessoa (morfema - pessoa), que, ao acoplar o morfema metafórico molar e o morfema propagação, produz o sentido para o sinal, compondo a ação de PESSOA ANDAR, cuja iconicidade do sinal denota a ação de uma pessoa andando. Sendo assim, o verbo ANDAR tem um classificador (morfema - pessoa) com raiz, recebendo os morfemas metafórico-molar e de propagação que são morfemas presos, representando um caso de incorporação de ação (verbo) em um classificador. É o classificador de pessoa e não o sinal PESSOA que é o sinal-base ou raiz que recebe a incorporação de outros morfemas presos representando a ação de ANDAR PESSOA.

Podemos perceber ainda que, quando o valor semântico do classificador se altera para “duas pessoas caminhando lado a lado”, ocorre quantificação, e aí, nesse caso, a configuração de mão se mantém, porém com a palma da mão voltada para frente, sendo a descrição: mão em V, palma para frente, movendo a mão para frente. Nesse caso, também é o classificador de

pessoa e não o sinal PESSOA que é o sinal-base ou raiz que recebe a incorporação de 3 outros morfemas presos: morfema de número 2 (dois); morfema molar e morfema de fluxo, combinados entre si para compor o sentido de [DUAS PESSOAS ANDAR LADO A LADO]. Essa combinação entre 4 morfemas, sendo 1 morfema raiz (pessoa) unido a outros três morfemas presos (numeral, molar e fluxo), denota caso tipo de incorporação de número e ação no classificador.

Capovilla, Raphael e Maurício (2009, v.1, p. 34) identificaram duas grandes classes de morfemas na Libras

- 1) de um lado, os morfemas *molares*, que representam, de modo mais analógico (via gesticulação, mímica e pantomima) e menos combinativo, significados mais concretos e particulares (e.g. macaco, pássaro, elefante, avental, saltar de paraquedas e jogar tênis); e
- 2) de outro lado, os morfemas mais *moleculares*, que representam, de modo mais arbitrário e recombinativo, significados mais complexos e abstratos. (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2009, p. 34).

Os autores ainda esclarecem que, contrastando entre si, os morfemas molares se mostram unidades maiores e menos combinativas (menos capazes de múltiplas associações em diferentes combinações), limitando-se a codificar significados mais concretos, específicos e particularizados, por outro lado, os morfemas moleculares consistem em unidades menores capazes de múltiplas associações em diferentes combinações e, assim, permitem codificar e modular uma ampla gama de significados altamente complexos e abstratos. Nesse caso, os morfemas molares, de tão grande, tendem a corresponder a sinais lexicais e tendem a materializarem o significado que representam diante do observador, constituindo-se unidades próprias maiores que possuam claramente as características das coisas que representam de modo transparente, por meio de gestos, mímica e pantomima.

Considerando para as línguas de sinais próxima relação entre o conceito de morfema molar e conceito de classificador e entre o conceito molecular e conceito de palavra ou sinal, essa classificação dos morfemas encontrados na Libras por Capovilla, Raphael e Maurício (2009, v.1) pode auxiliar na descrição do fenômeno de incorporação, compreendido, para esse estudo, como a união de uma unidade a outras para atribuir ou alterar significados de sinais-base ou raiz. Pelos pressupostos desse grupo, essa linha de descrição para os sinais da Libras pode contribuir para identificar, categorizar e descrever várias possibilidades de incorporação na formação de sinais propiciadas por essa língua, cujo fenômeno pode ocorrer por meio de

negação, negação incorporada a expressão facial, incorporação de verbos aos objetos entre vários outros mecanismos de incorporação.

Esse paradigma de descrição de sinais criado por Capovilla, Raphael e Maurício (2009, v.1) pode ser aplicado inclusive para se descrever o verbo ANDAR quando se refere a andar de bicicleta, apontando as relações de união entre morfemas para produzir sentido, em que o verbo é incorporado no objeto e um único sinal representa a sentença, ou seja, a pessoa realiza o movimento representativo de pedalar e, de acordo com o contexto, o receptor identifica se o sinalizante está se referindo ao substantivo BICICLETA ou a ação de ANDAR DE BICICLETA.

Ainda sobre o grupo dos classificadores, Suppalla (1986) descreve esse grupo na ASL como processo derivacional independente, cuja organização morfofonológica o autor compara, categoriza e enumera em cinco grupos de classificadores, a saber: especificadores de tamanho e forma, classificadores semânticos, classificadores corporais e classificadores instrumentais. Os classificadores especificadores de tamanho e forma são morfemas do verbo movimento ou localização, que concordam com o substantivo em vários aspectos de seu tamanho e forma. Cada classificador, na verdade, consiste não em um único morfema da forma da mão, mas em um grupo de morfemas simultâneos da parte da mão. Cada dedo, assim como o polegar e o antebraço, é um morfema possível que pode combinar de maneiras específicas para formar uma forma da mão.

Nesse caso, cada morfema da parte da mão classifica um aspecto ou dimensão diferente da estrutura geométrico-visual do referente (SUPPALLA, 1986). Esses classificadores são configurações de mãos que representam vários aspectos do referente e são subdivididos em especificadores de tamanho e forma estáticos de objetos longo, redondos, etc; e especificadores de tamanho e forma em traço, como no caso da mão movendo-se no espaço, traçando as linhas do referente em duas ou três dimensões, pois, de acordo com Suppalla (1986), uma configuração de mão é responsável por marcar se o referente é um ponto ou um objeto dimensional de uma ou mais dimensões enquanto que a outra mão marca se é reta ou redonda; e assim por diante.

Os classificadores semânticos são um pouco mais abstratos em termos de representação de objetos. Suppalla (1986) esclarece que, embora os classificadores semânticos possam ter origens discerníveis de representar a forma dos objetos, o uso atual dos classificadores semânticos é um único morfema representado por todo o formato da mão. O autor cita o sinal de árvore como exemplo. Segundo ele,

uma árvore é referida por um classificador no qual o antebraço vertical é combinado com a mão estendida. Nesse caso, pode-se reconhecer essa forma como um esboço de uma árvore convencional, mas esse classificador pode ser usado para se referir a árvores de diferentes formas (por exemplo, palmeiras ou pinheiros). Portanto, esse classificador se refere abstratamente à categoria semântica das árvores, e não à forma do referente. (SUPPALLA, 1986, p. 190, tradução nossa)⁶.

Desse modo, os classificadores semânticos podem ser entendidos como configurações de mãos que representam os referentes como categorias semânticas, sendo essas categorias os classificadores de seres com pernas como, por exemplo, pessoa, algum animal, aranha, etc; e os classificadores de objetos horizontais, verticais, etc. Em relação ao classificador corpo, o emissor pode fazer uso de todo o corpo para representar seres animados, sendo esta classe uma marca de concordância nominal. Para Suppalla (1986), um sistema morfofonológico separado governa os componentes internos dos classificadores corporais.

O classificador da parte do corpo possui dois componentes articulatórios, cada um desses componentes é especializado em representação semântica, sendo eles: o componente do articulador da mão que marca a forma da parte do corpo e o componente da localização do corpo que marca a orientação espacial da parte do corpo. De acordo com Suppalla (1986), a categorização das partes do corpo também se baseia nos conhecimentos perceptivos de forma, tamanho e orientação espacial. Na ASL, esses atributos são representados pela combinação dos formatos de mãos e localização do corpo do sinalizante. Suppalla (1986) destaca que

Vários locais no corpo do sinalizante como olhos, nariz ou boca, podem ser usados para marcar esses atributos nos objetos de referência. O sinalizante pode apontar para um determinado local do corpo para representar a parte do corpo (por exemplo, apontando para o olho) ou traçar o contorno da parte do corpo no corpo (por exemplo, fazer um círculo em torno do rosto para se referir ao rosto). O sinalizante também pode usar um local em seu corpo como um classificador de partes do corpo dentro de um verbo. Por exemplo, o verbo ATINGIR-NO-OLHO inclui um olho do signatário como o local em que o signatário move o articulador da mão (SUPPALLA, 1986, p.193, tradução nossa)⁷.

⁶ Texto original: ...a tree is referred to by a classifier in which the vertical forearm is combined with the spread hand (see Figure 1e). One can recognize this shape as an outline of a conventional tree, but this classifier can be used to refer to trees of different shapes (e.g., palm trees or pine trees). Thus, this classifier refers abstractly to the semantic category of trees, and not to the shape of the referent.

⁷ Texto original: Various locations on the signer's body, like the eyes, nose or mouth, can be used to mark these attributes on the referent objects. The signer can either point to a certain location on his body to represent the bodypart (e.g. pointing to his eye) or trace the outline of the bodypart on his body (e.g. making a circle around his face to refer to the face). The signer also can use a location on his body as a bodypart classifier within a verb. For example, the verb HIT-IN-THE-EYE includes one eye of the signer as the location toward which the signer moves his hand articulator.

O classificador instrumento se constitui como uma representação mimética ou visual-geométrica do instrumento e mostra o objeto sendo manipulado, mas este não é diretamente referido. Este tipo foi subdividido em: classificador-mão como instrumento, que são usados para contrastar os vários meios que a mão interage com objetos sólidos de tamanho e formato diferentes. Suppalla (1986) elucida que, se em um evento, o foco for o objeto, existem várias maneiras de se referir ao instrumento. Considerando que um agente humano está envolvido, a ação do agente que manipula o objeto com as mãos é marcada como o classificador instrumental das mãos.

Como alternativa, se o agente estiver manipulando o objeto com uma ferramenta, um classificador de ferramenta referente às características visual-geométricas do instrumento será usado. Suppalla (1986) esclarece que os classificadores de ferramentas incorporam recursos de movimento mimético para marcar a maneira como o agente manipula a ferramenta, mas seus formatos de mãos são diferentes dos classificadores de mãos instrumentais convencionais.

As formas de mãos hibridizadas nos classificadores de ferramentas referem-se à forma da ferramenta e não às mãos manipuladoras do agente. Algumas ferramentas manuais, como um martelo ou um alicate, só podem ser consultadas por classificadores de instrumentos manuais, enquanto outras, como chave de fenda, chave inglesa, faca e tesoura, podem ser consultadas por classificadores de ferramentas hibridadas ou classificadores de instrumentos manuais, dependendo de qual aspecto da interação entre a mão do agente, a ferramenta e o objeto, o discurso será focado. (SUPPALLA, 1986, p. 197, tradução nossa)⁸.

Suppalla (1986) admite o classificador como um morfema que pode ser manipulado para dizer coisas diferentes sobre os objetos em questão. Nesse sentido, para Stokoe (1960 *apud* FERREIRA, 2010, p. 101), “as línguas de sinais recorrem frequentemente a um processo simultâneo na organização de seus segmentos devido à natureza multidimensional desse tipo de língua natural”. Considerando que no sinal encontram-se unidades definidas tanto no nível semântico quanto estruturalmente, Ferreira (2010) esclarece que os sinais são multimorfêmicos e se apresentam sob três aspectos, quais sejam: os parâmetros são

⁸ Texto original: The hybridized handshapes in tool classifiers are referring to the shape of the tool rather than to the manipulating hands of the agent. Some hand tools, like a hammer or pliers, can only be referred to by hand instrument classifiers, while other tools like a screwdriver, wrench, knife and scissors can be referred to either by hybridized tool classifiers or by hand instrument classifiers, depending on which aspect of the interaction between the agent's hand, the tool and the object, the discourse will focus.

morfemas; as características dos parâmetros são unidades fonológicas; e as ações musculares ao realizar um sinal são os traços distintivos.

Nesse sentido, as configurações de mãos passam a ser vistas como morfemas o que justifica o fato de serem utilizadas como afixos classificadores que se juntam ao verbo para representar características das entidades às quais o nome que as substituem se refere. Sendo assim, há variação no uso das configurações de mãos, de modo que elas vão ser utilizadas para representar forma e tamanho dos referentes; características dos movimentos dos seres em um evento; e substituir referente do nome ou localizar os referentes, no caso dos locativos.

De acordo com Ferreira (2010), os classificadores mais produtivos em Libras são os „X-tipo de objeto“ e „segurar X-tipo de objeto“. Em relação aos classificadores X- tipo de objeto, a autora apresenta pelo menos quatro configurações de mão que fazem parte desse tipo de classificadores. Ferreira (2010) identificou alguns dos classificadores mais produtivos em Libras, os quais são descritos seguida de breve explicação de uso para cada uma dessas configurações:

a) Classificador - Configuração de mão em Y – CL: Y- Este classificador incorpora-se ao verbo, descrevendo e substituindo o nome e localiza os referentes, podendo ser usado também para representar pessoas obesas; objetos altos e largos de forma irregular tais como: bomba de gasolina, lata de óleo, gancho de telefone, bule de café ou chá, sapato de salto alto, jarra, veículo aéreo, submarino, ferro de passar roupa, chifre de touro ou vaca, entre outros; roupas, comidas e outros objetos variados. Devido ao fato de substituir o nome descrevendo-o em uma narrativa, o CL: Y descreve também a maneira em que a ação se dá. Primordialmente, ele é, entretanto, usado para descrever a forma e o tamanho dos objetos ou seres referentes.

b) Classificador - Configuração de mão em B – CL: B – Os classificadores a partir da configuração de mão em B podem ser usados frequentemente para substituir nomes, porém, são usados também para representar superfícies planas, lisas ou onduladas, tais como porta, parede, borda de estrada, rua, mesa, ponto de referência ou qualquer superfície em relação à qual se pode localizar um objeto, seja em cima, embaixo, à direita ou à esquerda. Ainda podem representar objetos não tão altos e nem finos como, por exemplo, veículos, teto de uma casa, pé dentro do sapato, bandeja e prato e objetos planos como livro, espelho, processo, papel, casa, rodas de trem. Quando representam os sinais de casa, vizinho, trem, escorredor-de-pratos, bandeja, papel, espelho, livro, os classificadores a partir da configuração da mão em B é nomeado de transparente.

c) Classificador - Configuração de mão em G – CL: G - A configuração da mão em G é utilizada como classificadora para descrever, seja com a extremidade do indicador ou com as duas mãos, objetos ou locais sejam eles quadrados, redondos, retangulares, etc.; fios ou tiras, como por exemplo a descrição da alça de bolsa; para localizar com a ponta do indicador cidades, locais e outros referentes como um buraco pequeno e para representar, por meio do dedo indicador, objetos longos e finos como poste, espeto, prego, rabo de animais.

d) Classificador - Configuração de mão em F – CL: F - Em relação ao classificador, a partir da configuração de mão em F, quando o sinal é feito apenas com uma das mãos ele pode ser usado para representar objetos cilíndricos, planos e pequenos como, por exemplo: botões, moeda, medalha, buraco de fechadura, pingo ou gota de água; maneira de segurar objetos pequenos e finos sejam eles; botões, moeda, palitos de fósforo, asa da xícara de café, folha de papel. Essa mesma configuração pode ser realizada com as duas mãos simultaneamente, e, nesse caso, podem representar objetos cilíndricos longos tais como: cano fino, suporte de estante e cadeira de ferro ou metal.

Em relação aos classificadores, „segurar X-tipo de Objeto”, Ferreira (2010) discorre que esse tipo de classificador tem como função representar como esses objetos são segurados. Para tanto, a autora apresenta como possibilidade a configuração de mão em A – CL: A. Desse modo, o classificador por meio da configuração de mão em A é utilizado para representar o modo como segurar objetos tais como: buquê de flores, faca, carimbo, sacola, mala, guarda-chuva, cano cilíndrico longo e fino, caneca de chope, pedaço de pau, etc. Esse tipo de classificador funciona como parte do verbo e representa o objeto que se move ou é localizado.

Acompanhando os classificadores, há, geralmente, a expressão facial, sendo elas: bochechas estufadas e olhos bem abertos para seres grandes ou espessos; olhos semifechados com o franzir da testa e inclinação da cabeça para um lado ou para outro. Outro parâmetro importante na construção dos sinais a partir de classificadores é a orientação da palma da mão, nesse caso, podemos citar como exemplo, os classificadores com configuração de mão em B e em V e outras partes do corpo.

Relacionando estes classificadores com verbos de movimento e de localização, Supalla (1986) e Ferreira (2010) apresentam a raiz destes verbos como sendo formada por um pequeno número de movimento possível, dessa forma é importante analisar se o sinal tem movimento, qual a localização; qual o morfema classificador seja ele mão ou parte do corpo e relações locativas entre o nome central-objeto que move - tema e o secundário, o objeto fundo. As formas da mão, nestes verbos, indicam a que classe o objeto envolvido no evento

pertence. Os morfemas internos destes verbos seriam o morfema classificador e os movimentos externos seriam a flexão de número e aspecto.

Discorreremos, nesse capítulo, sobre a formação de sinais em Libras, por meio dos fenômenos da derivação, da composição e das construções classificadoras. No capítulo seguinte, tratamos da formação de sinais por meio do fenômeno da incorporação que é o foco de nossa pesquisa.

4. O FENÔMENO DA INCORPORAÇÃO NA LIBRAS

Neste capítulo, tratamos especificamente sobre as possibilidades de formação de sinais por meio do fenômeno de incorporação. Para isso, discorremos sobre o fenômeno do ponto de vista de autores como Baker (1988), Lidell (1997), Schuit (2007), Quadros e Karnopp (2004), Felipe (2006), Veloso (2008), Ferreira (2010) e Ferreira e Naves (2014). Na sequência, apontamos cada um dos tipos de incorporação identificados na pesquisa sendo eles: incorporação de numeral e incorporação de negação, incorporação de instrumento e incorporação de intensificador, incorporação nas construções classificadoras, incorporação nominal em verbos de deslocamento e incorporação de modo em verbos de deslocamento e de tempo em advérbios.

4.1 A ocorrência do fenômeno de incorporação na formação de sinais

Em estudos sobre os processos de formação dos sinais na Libras é possível encontrar fenômenos como o denominado de incorporação. Assim como os classificadores, o fenômeno de incorporação ainda não tem uma descrição unânime entre os linguistas no que se refere ao seu status morfológico, a sua posição sintática, nem quanto a sua definição em seus principais tipos (FINAU; MAZZUCHETTI, 2015). O processo de formação de sinais, por meio de incorporação, é mais comum que se possa imaginar e, de acordo com o estado da arte, excede os fenômenos de incorporação de numeral e negação comumente identificados.

Segundo Baker (1988), o termo incorporação refere-se à combinação de dois itens lexicais distintos para formação de um terceiro item lexical mais complexo. O autor trata esse processo como casos de movimento de um núcleo nominal para um núcleo verbal e não como movimento de sintagmas. Para o caso de movimento de sintagmas, o autor aponta quatro propriedades. A primeira é nomeada como inversão de ordem linear canônica do verbo e do objeto; a segunda trata-se da combinação de uma raiz nominal com uma raiz verbal, o que resulta em um verbo complexo; a terceira propriedade é a de referência a uma classe genérica ou não específica pelo nome incorporado; e, por último, a quarta propriedade trata-se da incorporação de argumentos internos verbais, instrumentos e/ou locativos, entendidos como objetos estruturais.

Liddell (1997) conceitua o fenômeno da incorporação como sendo morfemas vinculados (isto é, unidades significativas que não podem ocorrer sozinhas) podem se combinar para criar novos significados. Quando as duas partes são produzidas juntas, o significado do sinal é "número específico", os sinais são compostos de movimentos e retenções e as informações sobre forma da mão, localização, orientação e sinais não manuais estão contidas em feixes de recursos articulatórios que fazem parte dos movimentos e retenções. Nesse caso, partes dos sinais podem mudar ou desaparecer como resultado dos processos morfológicos de incorporação e o ponto de partida para os processos são morfemas livres. Schuit (2007) identifica como possibilidade de incorporação de sinais o fenômeno de incorporação de numeral e reconhece esse fenômeno como uma construção morfológica na qual um elemento lexical, morfema, se adiciona a outro e a construção resultante é uma única palavra.

Em relação a incorporação na Libras, Quadros e Karnopp (2004) apresentaram uma breve descrição do processo de incorporação nessa língua com base em descrições da ASL. As autoras reconhecem a incorporação como um fenômeno em que morfemas presos, ou seja, unidades sem significados quando isolados, podem se combinar, ou combinar com um morfema livre para criar novos sinais em Libras. Sobre a incorporação de numeral, as autoras afirmam que esse fenômeno acontece a partir da configuração de mão do numeral incorporado no sinal que mantém seu ponto de articulação e movimento e citam, como exemplos, os morfemas DIA, MÊS e HORA. As autoras observam que, por meio da mudança na configuração de mão (de 1 para 2, para 3 ou para 4) de um sinal, pode ocorrer mudança no número de meses, de dia, de horas, de anos e outros advérbios, porém os outros componentes dos sinais permanecem os mesmos, como no exemplo: UM-MÊS, DOIS-MESES, TRÊS-MESES e QUATRO-MESES.

Felipe (2006) discorre sobre o fenômeno de incorporação do numeral e de negação. Em relação à incorporação de numeral, a autora afirma que “a incorporação do numeral representando os numerais de um até quatro através de configurações de mão, acrescenta à raiz um quantificador” (FELIPE, 2006, p.204). A autora menciona ainda que a configuração de mão para os sinais DIAS, MESES, ANOS ou HORAS pode ser mudada até o número 4, formando um quadrante. A partir do número 5, o numeral é articulado separadamente dos sinais, para tanto será necessária a realização dos dois sinais, um para o numeral e outro para o substantivo. Já no caso da incorporação de negação, Felipe (2006) defende que, para que esse fenômeno ocorra, o sufixo de negação se incorpora à raiz de alguns verbos que possuem

uma raiz com um primeiro movimento, finalizando-os com um movimento contrário e cita como exemplo o verbo GOSTAR e QUERER e seus opostos NÃO-GOSTAR, e NÃO-QUERER.

Veloso (2008) descreve o fenômeno de incorporação a partir da combinação de duas raízes lexicais que resulta em um item lexical complexo (predicado) e apresenta 3 situações em que esse fenômeno ocorre: uma raiz nominal é combinada com uma raiz verbal, produzindo um verbo complexo; apresenta diferentes propriedades sintáticas e diferenças semânticas com relação à especificidade do objeto; modifica características morfológicas e sintáticas dos itens lexicais, também pode envolver mudança de características semânticas dos itens envolvidos.

Ferreira (2010) mencionou, em seus trabalhos, o fenômeno da incorporação de numerais e sua relevância no processo de formação de sinais. Ferreira (2010, p. 52) argumenta que “a incorporação de informação morfossintática se dá pela duplicação da informação lexical somada à informação de ordem sintática (objeto direto, locativo, sujeito)”, como ocorre nas construções: COMER = COMER-MAÇÃ, BEBER = BEBER-CAFÉ, PAGAR + MÊS = ALUGAR. Ferreira (2010, p. 53) aponta as construções COMER-MAÇÃ e BEBER-CAFÉ como incorporação de objeto direto e a construção ALUGAR, PAGAR-MENSALMENTE como incorporação de locativo temporal. A autora reconhece que “a incorporação da informação léxico-sintática se dá pela superposição da informação do léxico somada à informação de ordem sintática, e a incorporação de informação morfossintática se dá pela duplicação da informação lexical somada à informação de ordem sintática (objeto direto, locativo, sujeito)”.

De acordo com Ferreira e Naves (2014), a incorporação consiste na combinação (morfossintática ou semântica) de dois itens lexicais o nome + o verbo. O fenômeno da incorporação acontece no processo de formação de sinais, podendo ser estudado pela morfologia. Dentro da oração, a incorporação possui função sintática, por isso é importante entendê-la a partir de dois campos: o morfológico e o sintático. Esse fenômeno acontece em torno de um substantivo, cuja função gramatical é a de nomear os seres, pessoas, fenômenos, lugares, sentimentos, estados, qualidade, e pode ser flexionada em gênero (feminino – masculino), número (singular - plural) e grau (aumentativo - diminutivo). Nesse contexto, a análise do fenômeno de incorporação na perspectiva morfossintática se mostra eficaz para possibilitar uma descrição mais assertiva desse fenômeno.

Ao pesquisarmos quais as possibilidades de incorporação utilizados nos processos de formação de sinais na Libras, encontramos as seguintes categorias, a saber: incorporação de

numeral e incorporação de negação; incorporação de instrumento e incorporação de intensificador; incorporação nas construções classificadoras; incorporação nominal em verbos de deslocamento; incorporação de modo em verbos de deslocamento e de tempo em advérbios, porém, os processos mais comuns são: incorporação de numeral, a incorporação de negação e incorporação de instrumento.

Sendo assim, entendemos que o fenômeno de incorporação se dá por meio da adição de um morfema a outro e a construção resultante é um único sinal, ou seja, duas partes são produzidas juntas, combinando dois itens lexicais. Logo, a união de um infixos a uma raiz, compõe um sinal, ou seja, é a combinação de duas raízes lexicais que resulta em um item lexical complexo, em que cada item é um morfema vinculado (unidade significativa que não pode ocorrer sozinha) que se combina para se criarem novos significados. Nesse sentido, e reconhecendo que a possibilidade de ocorrência do fenômeno de incorporação excede os casos de negação e numeral, e reafirmando que nosso objeto de estudo se refere a esse fenômeno, tratamos, aqui no capítulo 4, sobre os tipos identificados e cada uma das possibilidades levantadas pelos autores em relação aos tipos identificados.

4.1.1 Incorporação de numeral e incorporação de negação

Em uma abordagem de descrição do fenômeno de incorporação proposta por Liddel (1997), um exemplo de incorporação numeral é o sinal para MÊS que surge como raiz, em que o sinal TRÊS-MESES é derivado da raiz MÊS enriquecido com o número TRÊS. A raiz MÊS contém os mesmos recursos que o sinal UM-MÊS, com exceção da falta da configuração de mão para o número TRÊS. Como não possui recurso de forma de mãos em TRÊS, o sinal MÊS é menor que um sinal completo TRÊS-MESES. Nesse sentido, para tornar-se um sinal completo é necessário a adição de recursos de forma manual TRÊS, logo, o sinal MÊS é uma raiz vinculada.

Da mesma forma, segundo descreve Liddel (1997), um sinal-raiz cujos recursos de configuração de mão não constituem um sinal completo, atraem os chamados morfemas vinculados, características fonológicas complementares, em que o morfema numérico, por exemplo, vem se vincular a essa raiz para produzir o sentido cheio. Esses dois tipos de raízes ligadas são fonologicamente complementares. Um deles possui todos os recursos necessários para um sinal (morfema raiz ou sinal-base), com exceção de alguns recursos de configuração de mão, e o outro consiste apenas em recursos de forma manual, mas fonologicamente complementar. Esses dois morfemas se combinam para produzir um único sinal.

Quadros e Karnopp (2004) esclarecem que, nos processos de incorporação, o sinal TRÊS-MESES (sinal-base com incorporação de alguns elementos lexicais), por exemplo, possui duas partes com significado, ou seja, dois morfemas. Uma delas significa MÊS e é a parte que inclui a locação, orientação e expressões não-manuais; a outra parte inclui a configuração de mão que carrega o significado de um numeral específico, quando as duas partes são produzidas simultaneamente, o significado do sinal é TRÊS-MESES. De acordo com as autoras, esse fenômeno acontece em sua maioria com morfemas presos, ou seja, morfemas que para ter sentido precisam ser produzidos junto a outros morfemas se atentando a realização sequencial dos parâmetros.

O fenômeno da incorporação de numeral é bastante estudado em diversas línguas de sinais do mundo e considerado um fenômeno bastante produtivo nas línguas de sinais. De acordo com Liddell (1997), incorporação são morfemas vinculados, isto é, unidades significativas que não podem ocorrer sozinhas, e, portanto, se combinam para se criarem novos significados. Esse linguista descreve que, para o sinal de SEMANA, alterando o formato da mão de 1 para 2 ou 3, o número de semanas referido às alterações, a localização, orientação e sinal não manual permanecem os mesmos. Nesse caso, podemos dizer que o sinal de DUAS-SEMANAS tem duas partes significativas (morfemas). Uma é a parte que inclui a estrutura segmentar – mantém o movimento - e a localização, orientação e sinal não manual e significa SEMANA A outra parte significativa é a forma da mão, que tem o significado de um número específico. Quando as duas partes são produzidas juntas, o significado do sinal é "número específico de semanas".

De acordo com Liddell (1997), os sinais são compostos de movimentos e retenções, e as informações sobre forma da mão, localização, orientação e sinais não manuais estão contidas em feixes de recursos articulatórios que fazem parte dos movimentos e retenções. Sendo assim, partes dos sinais podem mudar ou desaparecer como resultado dos processos morfológicos de incorporação. De todo modo, o ponto de partida para os processos de incorporação são morfemas livres.

Schuit (2007) reconhece a incorporação de numeral como uma construção morfológica na qual um elemento lexical, morfema, se adiciona a outro e a construção resultante é uma única palavra. O autor ainda destaca que o fenômeno de incorporação de numeral ocorre em maior quantidade com sinais relacionados a tempo. No processo de incorporação de numeral, a mudança na configuração de mão, de 1 para 2, para 3 para 4 pode mudar a quantidade referente a meses, dias, horas, anos e outros advérbios, porém, se realizados isoladamente, tanto os numerais 1, 2, 3 e 4 quanto os advérbios meses, dias, anos podem perder o sentido

agregado no período sinalizado, pois, lexicalmente, se tratam de morfemas presos, por exemplo: UM-MÊS, DOIS-MESES, TRÊS-MESES e QUATRO-MESES. Para se estabelecerem significados, é preciso que os morfemas de numerais sejam realizados juntamente com morfemas dos advérbios, dessa forma teremos, então, construídos os respectivos sinais: UM-MÊS, DOIS-MESES, TRÊS-MESES ou QUATRO-MESES.

Esse processo de incorporação de numeral é válido para os números de 1 a 4, para os demais números, os morfemas são produzidos de forma consecutiva, ou seja, a mão passiva forma, por meio dos parâmetros, o sinal para MÊS e a mão dominante forma o numeral fazendo o movimento de aproximação da mão passiva marcando a quantidade de mês correspondente à informação que se pretende passar. Felipe (2006, p. 204) também confirma a existência do processo de incorporação de numeral e a regra de uso a respeito desse processo, afirmando que “a incorporação do numeral, representando os numerais de um até quatro através de configurações de mão, acrescenta à raiz um quantificador”.

Para explicar o fenômeno da incorporação de numeral esses pesquisadores esclarecem que o classificador com parâmetro CM „V” em Libras, por exemplo, pode representar uma pessoa caminhando quando a orientação da palma da mão for voltada para trás. Porém, a mesma configuração de mão, se realizada com a palma da mão votada para frente e configuração de mão em V invertido representará duas pessoas caminhando e esse sinal será entendido como classificador de pessoas caminhando lado a lado. Finau e Mazzuchetti (2015) ainda destacam que, quando o valor morfológico e semântico do classificador se altera para “duas pessoas caminhando lado a lado”, ocorre quantificação, ou seja, a incorporação deste aspecto de número no classificador de pessoa.

Em relação a flexão de numeral, muitas vezes ela também acontece por meio do fenômeno de incorporação, ou seja, o numeral é incorporado à classe gramatical a qual ele complementa. Ao tratar da quantidade de pessoas em um ambiente, por exemplo, o falante pode usar dois sinais, um para representar pessoas e o outro a quantidade, ou pode incorporar a quantidade no sinal de pessoas, como movimentos repetidos do sinal. Isso ocorre pelo fato de o classificador carregar uma carga semântica de características do elemento ao qual se refere, que são imputadas ao item lexical ao qual ele se afixa, determinando uma classe (FINAU; MAZZUCHETTI, 2015).

O outro fenômeno de incorporação é a incorporação da negação na ação. Nesse processo, o item lexical negado sofre alteração em um dos parâmetros, normalmente o movimento, resultando em sua contraparte negativa. Para Felipe (2006), essa alteração ocorre da seguinte maneira: o sufixo de negação se incorpora à raiz de alguns verbos que possuem

uma raiz com um primeiro movimento, finalizando-os com um movimento contrário, como, por exemplo, o verbo GOSTAR e a sua contraparte NÃO GOSTAR, o verbo QUERER e a contraparte NÃO-QUERER.

Ferreira (2010) elucida que a negação pode ser obtida por meio do item lexical NÃO, pela alteração do movimento do sinal (negação interna) como, por exemplo, SABER e NÃO-SABER, GOSTAR e NÃO-GOSTAR; ou pelo uso simultâneo do lexema verbal e da negação realizada com o balanceamento da cabeça para os lados como em PRECISAR e PRECISAR-NÃO, e PODER e NÃO-PODER. Além da incorporação da negação, por meio da alteração de um dos parâmetros, Felipe (2006) e Ferreira (2010) apontam a negação por meio da expressão facial, incorporada ao sinal e sem alteração dos parâmetros. Segundo Felipe (2006), o infixo de negação reincorpora a raiz de alguns verbos por meio do movimento negativo da cabeça. Junto à expressão facial correspondente a negação e isso ocorre simultaneamente como no verbo CONHECER e no oposto NÃO-CONHECER e APRENDER e no seu oposto NÃO-APRENDER.

4.1.2 Incorporação de instrumento e incorporação de intensificador

Na Libras, de acordo com Ferreira (2010, p. 25), “a incorporação de informação léxico-sintática se dá pela superposição da informação lexical somada à informação de ordem sintática (objeto direto, locativo, sujeito)”. A autora exemplifica a incorporação de objeto com a construção COMER-MAÇA. Em princípio, existem dois sinais distintos COMER e MAÇA, Ferreira (2010) entende que os verbos direcionais ou com flexão são um caso especial de incorporação, os quais fazem recurso à direção do movimento, marcando, grosso modo, o ponto inicial do movimento, o sujeito e o ponto final do movimento, o objeto, como no verbo EMPRESTAR (Eu empresto para você, você empresta pra mim, você empresta para ela). Há ainda os casos de incorporação de instrumento ao verbo, que pode ser feito incorporando ao verbo o referente do objeto ao objeto como, por exemplo: ANDAR DE BICICLETA, nesse caso o movimento do objeto é incorporado ao verbo ANDAR.

Todavia, Ferreira e Naves (2014) chamam a atenção para a diferença entre derivação e incorporação. Para as autoras, verbos que não possuem sinais específicos não passam por processo de incorporação e sim pelo processo de derivação e citam para comprovar suas conclusões os verbos CORTAR, PENTEAR, ABRIR, PASSAR, PINTAR, que, se analisados isoladamente, não possuem sinais representativos. As autoras pontuam também que, para alguns verbos, existe sim a incorporação, mas que essa regra não é geral e exemplificam:

BEBER CAFÉ (instrumento xícara + sinal de beber) - nesse caso, o verbo beber tem sinal, independente do que se beba o ponto de articulação é a boca e o sinal varia de acordo com o que se bebe, nesse caso, café. Sendo assim, o instrumento xícara se incorpora no verbo beber e representa o movimento de levar a bebida até a boca. Para Ferreira e Naves (2014), incorporação é definida como dois itens lexicais que se combinam para formar o predicado. As autoras concluem que os verbos não manuais formados a partir de nomes de instrumentos não são casos de incorporação, mas de derivação por não possuírem sinal próprio e serem construídos a partir da apropriação direta dos sinais referentes aos instrumentos.

Já a incorporação de intensificador acontece quando o infixo de intensificação reincorpora a raiz de alguns verbos por meio da aceleração do movimento como nos verbos TRABALHAR-DEMAIS, ESTUDAR-DEMAIS entre outros, ou ainda quando o infixo de intensificação reincorpora a raiz de alguns adjetivos por meio da intensificação da expressão facial típica de sofredor, de muita tristeza, associada ao movimento de elevação dos ombros, como no adjetivo TRISTE-DEMAIS, ou substantivo MUITA-TRISTEZA. Nesse caso, nota-se um mecanismo de mudança de um ou mais parâmetros evidenciando a exploração do espaço, por meio da simultaneidade, para a inclusão de informações gramaticais no item lexical. Ferreira (2010, p. 42) esclarece que, para marcar a quantificação, o mesmo processo é utilizado. “Muda-se a configuração de mão, aumentando o número de dedos estendidos para obter-se uma quantidade maior ou uma maior intensidade. Ao invés da configuração de mão, pode ser alterado o movimento para obter-se uma maior intensidade”. De acordo com Ferreira (2010, p. 47), “para significar MUITO-BRAVO, o movimento torna-se mais rápido e curto e este aumento de velocidade tem a função de intensificador incorporado”.

A incorporação de intensificador pode ocorrer, ainda, por meio da duplicação do sinal. Xavier (2014) aponta que a expressão de intensidade pode levar um sinal, que a princípio é realizado utilizando apenas uma das mãos, a ser realizado utilizando as duas mãos para intensificar seu significado. O autor ainda aponta como exemplos de intensificador por meio de duplicação das mãos os sinais de CHOVER e RIR, que, em princípio são realizados apenas com uma das mãos, porém, quando recebe intensificação são realizados com as duas mãos.

4.1.3 Construções classificadoras e seus possíveis processos de incorporação

Ainda na Libras, temos como parte das classes gramaticais o classificador. O classificador é uma representação da Libras que mostra claramente detalhes específicos, permitindo a descrição de pessoas, de animais, de situações e de objetos, bem como sua

movimentação ou localização. De acordo com Ferreira (2010), os classificadores funcionam como partes dos verbos em uma sentença, sendo estes chamados verbos de movimento ou de localização. Para Quadros e Karnopp (2004), o sistema de classificadores faz parte do léxico inicial da Libras e geralmente são icônicos.

De acordo com Finau e Mazzuchetti (2015), os classificadores na Libras ainda não têm uma descrição unânime entre os linguistas no que se refere ao seu status morfológico, sua posição sintática e nem mesmo quanto a sua definição, no entanto, em geral, os classificadores também têm sido descritos como morfemas que se ligam a verbos para formar construções classificadoras. Envolvendo todos os parâmetros, de acordo com Quadros e Karnopp (2004), nas construções classificadoras, o movimento surge como um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções seja os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso e os movimentos direcionais no espaço.

Quadros e Karnopp (2004) explanam que, sendo o sistema de classificadores reconhecido como parte do léxico da Libras, logo, também faz parte do processo morfológico, e possuem papel fundamental na formação dos sinais, pois, com o passar do tempo, e no movimento de expansão da língua, diversos classificadores passam pelo processo de lexicalização, tornando-se sinais da Libras. As autoras ainda chamam atenção para o grau de iconicidade que caracterizam os classificadores, pois, na maioria das vezes, eles são feitos a partir da imagem representativa do objeto.

Nesse sentido, podemos entender, por exemplo, o classificador de carro em movimento como um fenômeno de incorporação. As autoras apontam esse exemplo se referindo a essa possibilidade como uma representação de um carro andando (QUADROS e KARNOPP, 2004, p.93). Nesse caso, o que se tem é a configuração de mão utilizada para carro sendo substituída pelo seu classificador, dessa forma, em vez de realizar o sinal de CARRO + CL, o sinal é incorporado nesse classificador e a realização do sinal é feita apenas pelo classificador.

Ferreira (2010) também nos apresenta como possibilidade de construções classificadoras que nos permite identificar o fenômeno de incorporação, a configuração de mão em g. De acordo com a autora, a configuração de mão em g, que, em princípio, é considerada um fonema, ganha *status* de morfema e nas construções sintáticas incorpora o morfema PESSOA tanto para sua representação singular, quanto múltipla.

4.1.4 Incorporação nominal em verbos de deslocamento

De acordo com Veloso (2008), algumas construções com os verbos ANDAR, COLOCAR e CAIR possuem características e propriedades distintas. Nesses casos específicos, existe uma forma “congelada”, em que não existe mudança na forma da configuração de mão de acordo com suas propriedades (VELOSO, 2008 p.101). A autora defende que, para a realização desses referentes, ocorre a representação de um único objeto, por meio de um único sinal, que contém todas as informações, o verbo não possui propriedade de argumento, mas representa o próprio objeto. Como exemplos, a autora nos apresenta as sentenças: [EU COLOCAR BOLO NO FORNO], [ARANHA ANDAR PELO TETO] e [ONTEM CHOVER FORTE, ÁRVORE CAIR]. Nos três casos, podemos perceber a incorporação nominal nos verbos COLOCAR, CAIR e ANDAR, ou seja, a forma verbal não é realizada separadamente, mas incorpora o sintagma nominal na construção da sentença. Para exemplificar melhor a incorporação nominal em verbos de deslocamento, a autora discorre sobre o verbo CAIR na sentença que trata da árvore que caiu por causa da chuva. A sentença CAIR- ÁRVORE tem, em seu predicado, o resultado de um processo de incorporação nominal. Nesse verbo, ao contrário das construções classificadoras, um SN (sintagma Nominal) é incorporado ao verbo, havendo então um único sinal ÁRVORE acompanhado do movimento CAIR (VELOSO, 2008, p.102).

4.1.5 Incorporação de modo em verbos de deslocamento e de tempo em advérbios

Sobre incorporação de modo em verbos, casos como o verbo ANDAR pode apresentar ainda outra forma de realização, imitando o modo como se deu o deslocamento de um referente. ANDAR DE MODO LEVE E SUAVE. Descrição: Mão direita em V invertido, palma para dentro. Mover a mão oscilando lentamente os dedos. Ex.: Ela estava tão feliz que andava de modo leve e suave (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2009, v.1, p. 196) ANDAR NAS PONTAS DOS PÉS. Descrição: Mãos horizontais abertas, palmas para baixo, polegares distendidos e dedos flexionados. Mover as mãos para frente em pequenos arcos para frente e para baixo, alternadamente. Ex.: Andou o corredor todo nas pontas dos pés (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2009, v.1, 196-197).

Sobre a incorporação de tempo em advérbios, Ferreira (2010, p.60) elucida que, em Libras, há um item lexical PASSADO que, acompanhando um verbo, indica que a ação ocorreu no passado. A ideia de passado também pode ser obtida por meio da alteração do movimento do sinal “para trás”, como no caso do sinal base ANO, que, se acrescido do movimento “para trás”, representa essa ideia de passado. Da mesma forma o movimento “para

frente” representa a ideia de futuro. Outra possibilidade é o próprio sinal para PASSADO (Mão vertical aberta, palma para trás, ao lado da cabeça dobrando a palma para baixo) que nos remete a ideia de algo que já passou, nesse sentido, temos o morfema PASSADO incorporado ao fonema movimento que representa advérbio de tempo.

A autora ainda apresenta os sinais de ONTEM (Mão em L, palma para baixo, indicador para frente, ponta do polegar, tocar a bochecha direita. Girar a mão no sentido anti-horário, apontando o indicador para trás) e ANTEONTEM (Mão em A, palma para baixo, ponta do polegar, tocar o a bochecha direita. Girar a mão no sentido anti-horário e distender o indicador e, em seguida, o dedo médio, apontando-os para trás) que também trazem a marca de tempo passado incorporado na realização do movimento feito para trás.

Tratamos, nesse capítulo, com mais especificidade, sobre as possibilidades de formação de sinais por meio do fenômeno de incorporação. No capítulo seguinte, discorreremos sobre o percurso metodológico para realização desta pesquisa, apresentando a metodologia e o quadro descritivo/analítico, a descrição do cenário e dos participantes e o local de coleta dos *corpus*.

5. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos o caminho traçado para o desenvolvimento da pesquisa e da análise dos dados. Dessa forma, discorremos sobre a qual campo a pesquisa se filia e sua abordagem. Na sequência, apresentamos a página onde se encontra o material utilizado para análise, os critérios de seleção dos participantes da pesquisa e a estrutura do quadro modelo descritivo/analítico a ser seguido para inserção da descrição e da análise dos fenômenos de incorporação identificados. Posteriormente, apresentamos a trajetória da pesquisa e os critérios selecionados para análise dos dados e, subsequente, descrevemos o cenário, bem como os participantes da pesquisa. E, por fim, divulgamos o quadro instrumento conceitual: Instrumento representativo definidor do fenômeno de incorporação, no qual estão inseridos os autores que balizaram a análise dos dados.

5.1 Metodologia

Esta pesquisa se insere no campo da pesquisa descritiva em que serão pesquisadas todas as fontes possíveis que tratam das questões de incorporação na Libras como forma de agregar à pesquisa dados e informações relevantes. Em relação à abordagem, enquadra-se no tipo qualitativo, pois visa a apresentar os resultados por meio de percepções e análise, descrevendo a complexidade do problema e a interação entre variáveis.

Os dados analisados foram coletados no banco de dados da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, por meio do site <http://corpuslibras.ufsc.br>, onde consta um acervo com vídeos em Libras. O acesso a esse canal é livre, porém o acesso às informações pessoais dos participantes é restrito a pesquisadores cadastrados. Para se cadastrar, o pesquisador precisa ler e aceitar o termo de Cessão de Dados de Pesquisa. Nesse termo, o pesquisador se compromete a citar a fonte e a disponibilizar os resultados de sua pesquisa como forma de contribuir com o acervo.

Após lermos e aceitarmos o termo, preenchermos as lacunas como os dados solicitados, o acesso foi liberado. Por se tratar de uma pesquisa descritiva que tem como objetivo descrever fenômenos por meio da observação da fala em Libras selecionamos a plataforma nomeada “Inventário Libras” para coleta de dados. O acervo contendo os vídeos em Libras faz parte do *corpus* de Libras da UFSC. A Universidade conta com um núcleo de pesquisas nomeado como Núcleo de Pesquisas em Aquisição de Língua de Sinais (NALS) que foi instituído pelo decreto presidencial 7387/10 como um instrumento de identificação,

reconhecimento, valorização e promoção das línguas faladas no Brasil. O NALS é considerado um instrumento do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) responsável por criar banco de dados contendo as especificidades semióticas, socioculturais e políticas das línguas faladas no Brasil, além das referências culturais contempladas por outros instrumentos do PNPI, como, por exemplo, o Registro e o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) ⁹.

Ainda sobre o referido Núcleo, podemos pontuar que fazem parte dele três projetos: o primeiro é o inventário de Libras onde são armazenadas filmagens de produções em Libras realizadas em vários lugares do país. Esse material tem com objetivo documentar a Libras em contexto comunicativo. Para isso, a coleta de dados é feita a partir de usuários de Libras divididos em três grupos separados por faixa etária, sendo o primeiro composto por pessoas de 18 a 29 anos; o segundo composto por pessoas de 30 a 59 anos e o terceiro composto por pessoas com mais de 60 anos.

O segundo projeto refere-se a produções acadêmicas envolvendo textos em Libras produzidos em diferentes contextos de atuação acadêmica, tais como: disciplinas do curso de Letras Libras, Exame ProLibras, disciplinas de pós-graduação, palestras, reuniões, dentre outras atividades acadêmicas. Por fim, o terceiro projeto trata da antologia de poesias e históricas em Libras. O material é composto por produções de poetas e contadores de histórias. Além disso, estão disponíveis os glossários que fazem parte de qualquer *Corpus* de Libras.

Ainda dentro desse núcleo, é possível acessar alguns tutoriais. O primeiro para transcrição de vídeo composto por duas partes: a parte 1 ensina o usuário a utilizar as funções iniciais do software ELAN- EUDICO *Linguistic Annotator* para transcrever sinais do *Corpus* de Libras; a parte 2 ensina o usuário algumas funções avançadas do ELAN para transcrição de dados para realização de análises das línguas de sinais.

O segundo tutorial ensina armazenar e converter vídeos do *Corpus* de Libras. Neste tutorial, o usuário terá acesso às instruções de como estão organizados os dados em forma de vídeo, bem como o formato de conversão dos vídeos para realizar a transcrição no Sistema de Anotação do ELAN. O último tutorial é um manual de Transcrição do *Corpus* de Libras, nele contém as convenções definidas pelo Grupo de Pesquisa do *Corpus* de Libras para serem aplicadas na transcrição dos dados em língua de sinais.

⁹ Material de apoio do INDL, 2012:01. Para maiores informações, consultar: <http://corpuslibras.ufsc.br>.

Após conhecermos a plataforma, lermos sobre os projetos e entendermos um pouco do que cada um trata, elegemos para desenvolver esta pesquisa o projeto “Inventário Libras”, haja vista que o objetivo desta pesquisa é analisar o fenômeno da incorporação, por meio da língua em contexto comunicativo. O grupo eleito para análise foi a da faixa etária de 30 a 59 anos e os vídeos selecionados foram filmados no ano de 2014.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, escolhemos, inicialmente, 3 vídeos de, em média, 3 minutos cada vídeo. Caso esses 3 vídeos não contivessem pelos menos 1 ocorrência de cada um dos fenômenos de incorporação apontados na fundamentação teórica, seriam agregados outros vídeos até conseguirmos registrar pelo menos 1 caso de cada. Um instrumento de análise de dados, ao qual nomeamos como quadro descritivo/analítico foi elaborado para explicar cada fenômeno de incorporação identificado, seguindo o modelo abaixo:

Quadro 2 - modelo descritivo/analítico

Aspectos	Análise do processo de incorporação
Sentença	
Morfema raiz ou sinal-base	
Morfema vinculado (item gramatical incorporado)	
Formação final	
Definição de acordo com o contexto	
Descrição	
Categoria de incorporação	
Regras de combinação	

Fonte: Elaborado pela autora.

Para seguir um padrão de ação descritiva, sempre que possível, a descrição do sinal que sofreu o processo morfológico de incorporação encontrado na fala dos surdos foi realizado a partir dos registros de Capovilla; Raphael e Maurício, (2009, v.1 e v.2). A descrição dos sinais desses pesquisadores, de modo didático, contempla traços relacionados à descrição do sinal, à morfologia e a iconicidade, aspectos muito importantes para demonstração da minha análise.

Desse modo, para os procedimentos de coleta, de tratamento e de análise dos dados adotamos a seguinte trajetória:

1. Acesso à plataforma Núcleo de Pesquisas em Aquisição de Língua de Sinais da Universidade Federal de Santa Catarina e seleção dos vídeos do inventário;

2. Contextualização dos vídeos, com a única finalidade de funcionar como representação da fala dos participantes para ilustrar os fenômenos verificados na sinalização do surdo e como forma de registrar esse fenômeno no texto da dissertação;
3. Elaboração de um instrumento conceitual caracterizador do fenômeno da incorporação nos processos de formação de sinais da Libras;
4. Levantamento de todas as aparições de sinais com incorporação com base de sua formação e as respectivas análises;
5. Elaboração de quadro descritivo/analítico para organização e detalhamento dos fenômenos de incorporação retirado dos vídeos;
6. Registro, descrição e categorização de cada sinal à luz do instrumento conceitual definidor de fenômenos de incorporação;
7. Análise e descrição dos dados;

Sendo assim, a análise será apresentada em dois eixos quais sejam: Contextualização e Categorização e análise. Para cada vídeo analisado seguimos os critérios:

0. Apresentamos o cenário de pesquisa;
1. Fizemos um resumo das narrativas de experiências trocadas entre os participantes
2. Mostramos, por meio de um recorte de imagem, o contexto de sinalização onde o fenômeno foi identificado;
3. Apontamos a categoria (tipo) de incorporação identificada;
4. Elaboramos um quadro descritivo/analítico com as seguintes informações para cada tipo de incorporação distinto identificado: a sentença onde o fenômeno foi identificado, o morfema raiz ou sinal-base que sofreu a incorporação, o morfema que foi vinculado à incorporação, a formação final devido à incorporação, a definição de acordo com o contexto, a descrição do fenômeno, a categoria (tipo) de incorporação e quais as regras de combinação;
5. Discorremos sobre os mecanismos gramaticais, lexicais e as regras de combinação para a ocorrência do fenômeno, apresentando em glosa a transcrição da sentença onde o fenômeno foi identificado.

Já para a categorização e análise dos fenômenos de incorporação, apresentamo-los na seguinte ordem:

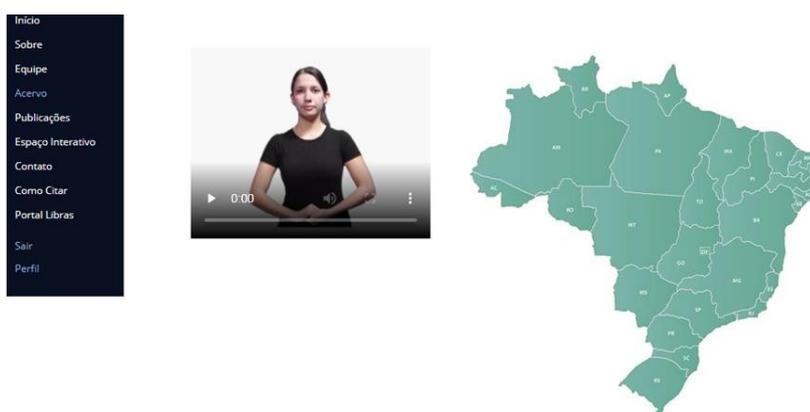
- a) Fenômeno/sinal;
- b) Categoria;

- c) Quadro descritivo/analítico aplicado;
- d) Análise

5.2 Descrição do cenário e dos participantes da pesquisa

Ao acessarmos o site da UFSC apareceram, na aba esquerda, algumas opções tais como: INÍCIO, SOBRE, EQUIPE, ACERVO, entre outros. Ao selecionarmos a opção ACERVO, uma página foi aberta e, do lado esquerdo da tela, aparece uma intérprete de Libras, como mostra a Figura 1, fornecendo as informações necessárias para desenvolvimento dessa etapa.

Figura 1 - Interface de acesso ao acervo



Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2014)

Do lado direito apareceu o mapa do Brasil permitindo que o pesquisador selecione o Estado no qual deseja fazer sua pesquisa. Ao selecionarmos o Estado de Minas Gerais, estado no qual a nossa pesquisa foi desenvolvida, não encontramos nenhum material disponível, logo, escolhemos o Estado de Santa Catarina por sugestão da orientadora e por acreditar que haveria nele materiais disponíveis, uma vez que a Universidade responsável por este *corpus* se localiza neste Estado.

Após selecionarmos o Estado, uma nova página foi aberta como ícones informativos do que se tem disponível no banco de dados, como Libras acadêmico, exame ProLibras UFSC, ProLibras SC, Antologia de poesias SC, Empréstimos linguísticos, Inventário Libras, e outros. Dentre os ícones disponíveis, selecionamos o ícone “Inventário Libras” e a página com a disposição dos vídeos foi aberta. Nesse material, há vídeos em Libras catalogados da seguinte

maneira: Informação do dia da coleta da filmagem, o nome do projeto, o nome do responsável do projeto, a categoria do material e o nome dos participantes, como se pode verificar na Figura 2, a seguir:

Figura 2 - Composição do cenário das entrevistas

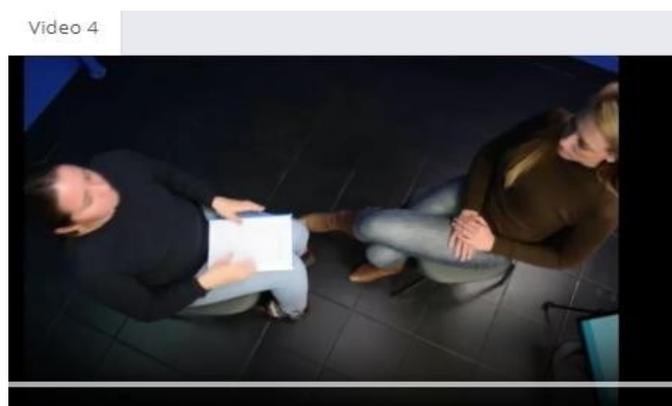


Fonte: Universidade federal de Santa Catarina (2014)

As filmagens foram produzidas no ano de 2014 e fazem parte do acervo do projeto nomeado “Inventário Libras” sob a responsabilidade da professora e pesquisadora Ronice Quadros. A categoria das filmagens é diversificada, podendo ser entrevistas ou assuntos temáticos como: Copa do Mundo, escola de surdos e ouvintes, tecnologia, trânsito, entre outras categorias.

Cada material é fracionado em quatro (4) vídeos. No primeiro, são apresentados toda a filmagem e os participantes; no segundo vídeo só aparece um dos participantes; no terceiro vídeo aparece o outro participante; e o quarto vídeo mostra a filmagem de cima para baixo, como se pode verificar na próxima Figura 3:

Figura 3 - Visão com câmera na parte superior do cenário das entrevistas



Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2014)

Para o desenvolvimento do estudo, foram selecionados, inicialmente, 3 vídeos de aproximadamente 3 minutos cada. Os participantes são todos “surdos de referência” com faixa etária entre 30 e 59 anos. Por se tratar de diálogos, em cada vídeo tem, pelo menos, dois participantes, abaixo seguem as informações sobre cada um deles:

Participante 1: Nicolay Danielki dos Santos, do gênero feminino, não teve a idade divulgada, ficou surda aos 10 anos e seu primeiro contato com a Libras foi aos 13 anos. Não tem nenhum familiar surdo e aprendeu Libras na escola. A participante é de Florianópolis, Santa Catarina, possui curso superior incompleto e a escola que frequentava era comum, sem intérprete.

Participante 2: Karine Inês Ferreira Cardoso, do gênero feminino, nascida em 1987 (33 anos). Nasceu surda e seu primeiro contato com a Libras foi aos 7 anos. Não tem nenhum familiar surdo, mas se casou com um surdo e tem um filho surdo do ouvido esquerdo. Aprendeu Libras na escola, é de Florianópolis Santa Catarina e possui curso superior incompleto. Frequentou escola comum com intérprete.

Participante 3: Abdel Azziz Moussa Hassan Daoud, gênero masculino, nasceu em 1987 (33 anos), ficou surdo aos 3 anos, seu primeiro contato com a Libras foi aos 5 anos, hoje é surdo – cego, tem irmãos e primos surdos, aprendeu Libras na escola. O participante é de Florianópolis, Santa Catarina, possui curso superior completo e frequentou escola comum com intérprete.

Participante 4: Fernando Oscar Marins, gênero masculino, nasceu em 1992 (28 anos), ficou surdo com 1 ano, seu primeiro contato com a Libras foi aos 11 anos, não tem nenhum familiar surdo e aprendeu Libras na escola. O participante é de Florianópolis, Santa Catarina, possui curso superior incompleto e frequentou escola comum com intérprete.

Participante 5: Alan Agenário Espíndola, gênero masculino, nasceu em 1979 (31 anos), nasceu surdo, seu primeiro contato com a Libras foi aos 6 anos, não tem nenhum familiar surdo, mas tem um filho com perda auditiva. Aprendeu Libras na escola, é de Florianópolis Santa Catarina, possui Ensino Médio e frequentou escola comum sem intérprete.

Participante 6: Marcelo Brustolin, não teve a idade divulgada, nasceu surdo, seu primeiro contato com a libras foi aos 20 anos, não tem familiares surdos, aprendeu Libras na Associação, é de Florianópolis, Santa Catarina, possui curso superior incompleto e frequentou escola comum com intérprete.

A analisar o perfil dos participantes é possível observar que, dos participantes que tiveram a idade revelada, apenas um tem idade inferior a 30 anos. O participante 3 além de surdo ficou cego. Todos os participantes são de Florianópolis. A maioria deles não tem surdos

na família, exceto o participante 4 que tem irmãos e primos surdos e apenas o participante 3 possui superior completo. Em relação à escola, todos disseram frequentar escola “comum” o que acreditamos ser a chamada por nós de escola regular, e apenas os participantes 1 e 5 não tiveram acompanhamento de um intérprete.

Os dados advindos da base de dados acima serão analisados à luz de estudos apontados por teóricos como Baker (1988), Ferreira (2010), Veloso (2008), Felipe (2006), Quadros e Karnopp (2004), Schuit (2007) Liddell (1997), Ferreira e Naves (2014) para as ocorrências dos fenômenos de incorporação na Libras, tendo o Instrumento Conceitual apresentado a seguir como parâmetro da análise.

Esse instrumento serviu ainda para orientar a análise dos dados coletados, sendo possível apontar a partir desse instrumento, as categorias de incorporação, as regras que regem o fenômeno, além de contribuir no processo da organização dos dados, servindo de eixo norteador das análises. Nesse caso, com os dados coletados, os demais elementos da base de dados (documentos internos e externos) foram agregados ao processo de análise desses dados, instrumentalizando-a.

Apresentamos a seguir o Instrumento Conceitual elaborado a partir da fundamentação teórica que serviu de aporte para a análise dos dados.

Quadro 3 - Instrumento conceitual – Fenômeno de incorporação de informações gramaticais

	Autor	Conceito/definição	Traços/propropriedades/exemplos
1	Baker (1988)	- Processo sintático em que um item lexical se combina com outro item lexical para formar um objeto linguístico complexo.	a) Inversão de ordem linear canônica do verbo e do objeto. SVO, OVS; b) Combinação de uma raiz nominal com uma raiz verbal, resultando em um verbo complexo. Pent - e –ar – Pentear; c) Incorporação de argumentos internos verbais, instrumentos e/ou locativos, considerados objetos estruturais.
2	Ferreira (2010)	- A incorporação da informação léxico-sintática que se dá pela superposição da informação do léxico somada à informação de ordem sintática.	Ex. COMER-MAÇÃ, BEBER-CAFÉ, ALUGUEL - A incorporação de informação morfossintática se dá pela duplicação da informação lexical somada à informação de ordem sintática (objeto direto, locativo, sujeito).
3	Veloso (2008)	- A combinação de duas raízes lexicais que resulta em um item lexical complexo (predicado).	a) Uma raiz nominal é combinada com uma raiz verbal, produzindo um verbo complexo; b) Apresenta diferentes propriedades sintáticas e diferenças semânticas com relação à especificidade do objeto; c) Modifica características morfológicas e sintáticas dos itens lexicais, também pode envolver mudança de características semânticas dos itens envolvidos.

4	Felipe (2006)	<ul style="list-style-type: none"> - Na incorporação do numeral, a configuração de mão representando os numerais de 1 a 4, acrescenta à raiz um quantificador. - Reunião de um infixo a uma raiz, compondo um sinal. - O sufixo de negação se incorpora à raiz de alguns verbos que possuem uma raiz com um primeiro movimento, finalizando-os com um movimento contrário. 	<ul style="list-style-type: none"> - Numeral – Ex: DOIS-MESES Negativa – Ex: o verbo GOSTAR e a sua contraparte NÃO-GOSTAR, o verbo QUERER e NÃO-QUERER.
5	Quadros e Karnopp (2004)	<ul style="list-style-type: none"> - Morfemas presos, ou seja, unidades sem significados quando isoladas, podem se combinar, ou combinar com um morfema livre para significar algo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Exemplos, os morfemas DIA, MÊS e HORA, compondo os sinais: DOIS-DIAS, TRÊS-MESES, DUAS-HORAS; - A incorporação numeral se dá a partir da configuração de mão do numeral que é incorporado no sinal que mantém seu ponto de articulação e movimento.
6	Schuit (2007)	<ul style="list-style-type: none"> - Incorporação de numeral - construção morfológica na qual um elemento lexical, morfema, se adiciona a outro e a construção resultante é uma única palavra. 	<ul style="list-style-type: none"> A incorporação de numeral ocorre mais frequentemente com sinais que denotam tempo.
7	Liddell (1997)	<ul style="list-style-type: none"> - Morfemas vinculados (isto é, unidades significativas que não podem ocorrer sozinhas) podem se combinar para criar novos significados. - Quando as duas partes são produzidas juntas, o significado do sinal é "número específico". 	<ul style="list-style-type: none"> - Os sinais são compostos de movimentos e retenções, e as informações sobre forma da mão, localização, orientação e sinais não manuais estão contidas em feixes de recursos articulatórios que fazem parte dos movimentos e retenções. - Parte dos sinais pode mudar ou desaparecer como resultado dos processos morfológicos de incorporação, - o ponto de partida para os processos são morfemas livres.
8	Ferreira e Naves (2014)	<ul style="list-style-type: none"> - Combinação (morfofossintática ou semântica) de dois itens lexicais – o nome + o verbo. 	<ul style="list-style-type: none"> - O fenômeno da incorporação acontece no processo de formação de sinais, podendo ser estudado pela morfologia. Dentro da oração, a incorporação possui função sintática, por isso é importante entendê-la a partir de dois campos: o morfológico e o sintático.
9	Síntese conceitual elaborada pela autora	<ul style="list-style-type: none"> - Para fins de descrição, categorização e registro, será considerado fenômeno de incorporação quando um morfema se adiciona a outro e a construção resultante é uma única palavra, ou seja, duas partes são produzidas juntas, combinando dois itens lexicais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reunião de um infixo a uma raiz, compondo um sinal, ou seja, é a combinação de duas raízes lexicais que resulta em um item lexical complexo, em que cada item é um morfema vinculado (unidade significativa que não pode ocorrer sozinha) que se combina para criar novos significados.

Fonte: Elaborado pela autora e orientadora

Nesse caso, esse instrumento serviu de guia norteador das análises e também para estruturar textualmente a descrição de cada incorporação levantada nos dados. Os dados foram analisados considerando as informações constantes nesse instrumento, o qual foi utilizado como referência em relação aos fenômenos de incorporação observados no processo de formação de sinais da Libras e como eles se mostram em termos de conceitos e tendências. Esse instrumento possibilitou ainda meios de classificar esses fenômenos no âmbito dos tipos

de incorporação que se tem conhecimento, e, também, auxiliou no sentido de apontar quais regras regeram a combinação dos elementos na realização do processo de incorporação que apareceu na fala dos surdos.

Finalizamos o capítulo em que nos ativemos em apresentar o caminho traçado para o desenvolvimento da pesquisa e da análise dos dados. Discorremos também sobre a qual campo a pesquisa se filia e sua abordagem. Na sequência, apresentamos o local da coleta dos dados e os participantes da pesquisa. Demonstramos o quadro modelo descritivo/analítico e a trajetória da pesquisa, o cenário e os participantes da pesquisa, além de organizar um instrumento conceitual. No capítulo seguinte, tratamos das análises do *corpus*.

6. A INCORPORAÇÃO DE INFORMAÇÕES GRAMATICAIS EM SINAIS-BASE OU RAIZ: ASPECTOS FONOLÓGICOS, MORFOLÓGICOS E SINTÁTICOS

Nesta seção, apresentamos um resumo de como se deu o processo de escolha do *corpus* para coleta de dados, da descrição e da análise dos tipos de incorporação identificados. Na sequência, contextualizamos, quando coube, o diálogo apresentado em cada vídeo, apontamos o sinal em que o fenômeno foi identificado, acompanhado do recorte da imagem do sinal, da categoria e do quadro descritivo/analítico, e, por último, fizemos a análise de cada um dos tipos identificados. Toda essa ação descritivo/analítica foi pautada na perspectiva dos aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos à luz do instrumento conceitual e do referencial teórico desse estudo.

6.1 Análise dos dados: descrição do fenômeno de incorporação de informações gramaticais em itens lexicais

Os dados coletados, apresentados a seguir, foram extraídos de vídeos publicados e disponibilizados na plataforma Núcleo de Pesquisas em Aquisição de Língua de Sinais da Universidade Federal de Santa Catarina. A fim de identificar os fenômenos de incorporação nos sinais da Libras em uso, a análise de dados envolveu uma descrição fonológica e morfossintática, objetivando descrever a composição de sinais que apresentaram incorporação.

Dentre as diversas categorias disponíveis no inventário da UFSC tais como família, cores, trânsito, manifestação, tecnologia, entrevista, entre outros, elegemos para a coleta de dados a categoria “Escola surdo ouvinte”. A escolha se deu pelo fato de que a temática é bem discutida atualmente, por abranger o contexto das instituições educacionais brasileiras, cenário bastante frequentado pelo surdo na busca por qualificação profissional, e por abranger o campo da Linguística, trazendo uma discussão sobre línguas e suas nuances, área de minha formação.

Os vídeos analisados foram gravados em 2014. Nesse material, os participantes narram suas experiências como alunos do ensino regular no modelo de ensino chamado inclusivo. Eles relatam seus anseios, suas frustrações, além de pontuar os prós e contras da inclusão em sala de aula regular. Os participantes utilizaram recursos de diálogo, argumentação e narração e, por meio da análise, foi possível identificar alguns fenômenos de incorporação presentes na produção de alguns sinais. A seguir, apresentamos o tipo de

incorporação de acordo com as características de determinado sinal. Também apresentamos, na sequência, uma catalogação em classes gramaticais dos sinais que apresentam o fenômeno de incorporação.

6.2 Sobre os fenômenos de incorporação: contextualização, categorização e análise

Pautados nos critérios de análise previamente delimitados e explanados por meio de quadro analítico descritivo e no instrumento conceitual, apresentamos, a seguir, o levantamento e análise dos sinais, coletados nos vídeos, que apresentaram o fenômeno de incorporação. Os fenômenos identificados que se repetiram não foram novamente descritos e analisados, mas fizemos a análise e apresentamos, em alguns recortes das imagens, as quais mostraram a incorporação.

6.2.1 Contextualização vídeo 1

O primeiro vídeo analisado tem duração de 3min11s e as participantes foram: Nicolý e Karine. A Figura 4 apresenta as participantes e o cenário da entrevista.

Figura 4 - Cenário da entrevista: Interface do inventário-Vídeo 1



Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2014)

As participantes conversam sobre as dificuldades encontradas pelos surdos em salas inclusivas e narram suas experiências. Na conversa, uma delas diz que o modelo de escola inclusiva não conhece a cultura surda e, que, mesmo com a ajuda de intérprete, ela teve dificuldades de acompanhar as aulas, ainda diz que seu desempenho e interação só foram positivos quando estudou em uma sala com 4 (quatro) colegas surdos.

A participante 2 concorda e diz que é difícil essa modalidade de ensino e que, antes da Lei, não havia escolas bilíngues e nem intérpretes, portanto ela ficava tentando acompanhar as aulas, mas não conseguia. Depois da Lei e do Decreto as pessoas começaram a entender um pouco sobre a Libras. A participante conta ainda sobre a experiência que teve ao ser aluna de um professor surdo, possibilitando que ela interagisse com ele, e de um professor bilíngue, que a ajudou no desenvolvimento acadêmico, deixando-a aliviada e contribuindo para que ela estudasse e se “formasse” no Ensino Médio. Nesse contexto, apontamos a seguir o levantamento dos sinais que apresentaram o fenômeno de incorporação coletados no vídeo 1.

Participante 1

6.2.1.1 Fenômeno 1- Categorização e análise – Vídeo 1: Fenômeno 1

a) Fenômeno: Sinal: NÃO-TER

Figura 5 - Contexto de sinalização de NÃO TER



Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2014)

b) **Categoria:** Incorporação de negação no verbo TER

c) **Quadro descritivo/analítico** - Incorporação de negação no verbo TER

Quadro 4 - descritivo/analítico aplicado - Incorporação de negação no verbo TER

Aspectos	Descrição dos processos de incorporação
Sentença	-ESCOLA INCLUSIVA DIFÍCIL PORQUE NÃO-TER CONHECIMENTO CULTURA SURDA.

Morfema raiz ou sinal-base	- TER - verbo
Morfema vinculado (item gramatical incorporado)	- NÃO - Advérbio que expressa negação
Formação final	- NÃO-TER
Definição de acordo com o contexto	- Não possui ausência, falta
Descrição	- NÃO-TER – Mão em L horizontal, palma para a esquerda. Girar a palma para baixo, várias vezes, com expressão facial negativa, balançar cabeça na direção direita e esquerda como representação dessa negação. Trata-se de um sinal formado pelo morfema negação, ausência, codificado por expressão facial contraída e eventual movimento de cabeça. No sinal NÃO-TER a mão, com os dedos indicador e polegar distendidos, balança para os lados enquanto a cabeça negativamente.
Categoria de incorporação	- Incorporação de negação
Regras de combinação	-Mudança do ponto de articulação para espaço neutro -Repetição contínua do movimento -Incorporação de expressão facial negativa com eventual movimento de cabeça

Fonte: Elaborado pela autora

d) Análise

Em relação ao sinal NÃO-TER identificado na sentença [ESCOLA INCLUSIVA DIFÍCIL PORQUE NÃO-TER CONHECIMENTO], a partir do instrumento conceitual, pudemos constatar a ocorrência do processo morfológico de incorporação de itens gramaticais em um morfema-base ou raiz. O fenômeno de incorporação ocorreu quando os fonemas movimento, ponto de articulação e expressão facial se adicionaram a outros e a construção resultante dessa combinação foi uma única palavra/sinal, ou seja, duas partes são produzidas juntas, combinando dois itens lexicais para a realização de um sinal, nesse caso, na sua forma negativa.

Retomando Liddell (1997), percebemos que o processo morfológico de incorporação verificado no sinal NÃO-TER, denota que os sinais são compostos de movimentos e retenções, e as informações sobre a configuração da mão, localização, orientação e sinais não-manuais estão contidas em feixes de recursos articulatórios que fazem parte dos movimentos e retenções. Nesse contexto, para realizar a forma negativa do sinal TER, tem-se Mão em L, palma para a esquerda. Tocar a ponta do polegar no peito, duas vezes. O morfema assimilou novos fonemas: movimento girando a palma para baixo várias vezes, ponto de articulação feito no espaço neutro e expressão facial negativa (expressão facial contraída e eventual movimento negativo de cabeça para direita e para a esquerda), sendo totalmente compatíveis com a composição original do morfema-raiz TER.

Sendo assim, para compor o sinal NÃO-TER, (Mão em L horizontal, palma para a esquerda, girar a palma para baixo, várias vezes, com expressão negativa), o fonema, ponto de

articulação do verbo TER foi suprimido para dar lugar a informação de negação da ação do verbo, sendo substituído pelo espaço neutro, o movimento deixou de ser repetido apenas duas vezes para ser repetido várias vezes, e a expressão facial negativa (expressão facial contraída e eventual movimento negativo da cabeça para direita e para a esquerda) foi acrescentada para reforçar essa negatividade. Demonstrando, conforme Liddell (1997) apontou que parte dos sinais pode mudar ou desaparecer como resultado dos processos morfológicos de incorporação, sendo que o ponto de partida para os processos são morfemas livres, nesse caso o morfema TER.

6.2.1.2 Categorização e análise – Vídeo 1: Fenômeno 2

a) **Fenômeno:** Sinal: NÃO-TER + intensificador

Figura 6 - Contexto de sinalização de NÃO TER - duplicação



Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2014)

b) **Categoria:** Incorporação de intensidade por duplicação

c) **Quadro descritivo/analítico** - Incorporação de intensidade por duplicação

Quadro 5 - descritivo/analítico aplicado - Incorporação de intensidade por duplicação

Aspectos	Descrição dos processos de incorporação
Sentença	- ESCOLA INCLUSIVA DIFÍCIL PORQUE NÃO-TER CONHECIMENTO CULTURA SURDA.
Morfema raiz ou sinal-base	- NÃO- TER – verbo na forma negativa
Morfema vinculado (item gramatical incorporado)	- Duplicação do sinal pela mão não dominante
Formação final	- NÃO-TER duplicado
Definição de acordo com o contexto	- Não possui ausência, falta intensa
Descrição	- NÃO-TER – Mãos em L horizontal, palmas para a esquerda. Girar as palmas para baixo, várias vezes, com expressão negativa. Trata-se de um sinal formado pelo

	morfema negação, ausência. No sinal NÃO-TER as mãos, com os dedos indicador e polegar distendidos, balançam para os lados enquanto a cabeça negativamente.
Categoria de incorporação	- Incorporação de intensidade
Regras de combinação	- Duplicação do sinal sendo, portanto, realizado com as duas mãos - Expressão facial negativa e eventual movimento de cabeça

Fonte: Elaborado pela autora

d) Análise

Ao analisar a fala da participante 1 e a realização da forma negativa do morfema TER nos chamou a atenção o fato de que a mesma utilizou as duas mãos para realizar o sinal NÃO-TER que, de forma geral, é realizado apenas com uma das mãos. Em uma busca pelo estado da arte para entendermos essa escolha encontramos em Xavier (2014) que a expressão de intensidade pode levar um sinal que, em princípio, é realizado utilizando apenas uma das mãos, a ser realizado com as duas mãos ao mesmo tempo para intensificar seu significado. Nesse sentido, entendemos que essa duplicação na realização do sinal de NÃO-TER trata-se de incorporação de intensidade por duplicação, ou seja, utilizando as duas mãos para realizar o sinal.

A escolha mais comum que percebemos na língua em uso para expressar intensidade é a repetição do movimento do sinal, nesse caso a participante utilizou a duas mãos para representar essa intensidade ao se referir à falta de conhecimento das pessoas em relação à cultura surda. Todos os fonemas articulados para realização do sinal feito apenas por uma mão foram mantidos nessa duplicação, logo, identificamos: Mão em L horizontal, palma para a esquerda. Girar a palma para baixo, várias vezes, com expressão facial negativa (expressão facial contraída e eventual movimento negativo de cabeça para direita e para a esquerda), realizado com as duas mãos.

Em relação à duplicação ocorrida para expressar intensidade observada no verbo TER, na forma negativa, os dados nos mostraram que os traços articulatórios manifestados pela mão dominante, a qual, primeiramente, realiza o sinal foram copiados pela mão não dominante. Nesse sentido, para essa duplicação foram mantidos todos os traços fonológicos, sendo eles: configuração de mão, movimento, orientação/direção e ponto de articulação.

6.2.1.3 Categorização e análise – Vídeo 1: Fenômeno 3

a) Fenômeno: Sinal: ESTUDAR PARTICULAR

Figura 7 - Contexto de sinalização de ESTUDAR PARTICULAR



Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2014)

b) Categoria: Incorporação nominal em verbo de ação

c) Quadro descritivo/analítico - Incorporação nominal em verbo

Quadro 6 - descritivo/analítico aplicado - Incorporação nominal em verbo de ação

Aspectos	Descrição dos processos de incorporação
Sentença	- ANTES COMEÇAR ESTUDAR PARTICULAR ATÉ TERCEIRA SÉRIE.
Morfema raiz ou sinal-base	- ESTUDAR-verbo
Morfema vinculado (item gramatical incorporado)	- ESCOLA- substantivo
Formação final	- ESCOLA ESTUDAR PARTICULAR
Definição de acordo com o contexto	- Especificidade da escola
Descrição	- ESTUDAR (Mãos abertas, palmas para cima. Bater duas vezes o dorso dos dedos direitos, sobre a palma dos dedos esquerdos.) incorporando o morfema ESCOLA.
Categoria de incorporação	- Incorporação nominal em verbo
Regras de combinação	- Anulação do morfema CASA que forma o sinal ESCOLA (Mãos verticais abertas, palma a palma, dedos inclinados uns para os outros. Tocar as mãos pelas pontas dos dedos) - Incorporação do segundo morfema formador do sinal de ESCOLA no sinal de estudar (Mãos abertas, palmas para cima. Bater duas vezes o dorso dos dedos direitos, sobre a palma dos dedos esquerdos) - Aparição do morfema PARTICULAR como caracterizador do morfema ESCOLA

Fonte: Elaborado pela autora

d) Análise

A incorporação nominal em verbo foi identificada na fala da participante 1 ao se referir a um determinado período que estudou em uma escola particular. A participante produz a seguinte sentença: [ESTUDAR PARTICULAR]. Entendendo que o morfema PARTICULAR é um nome que caracteriza/qualifica outro nome e sabendo que o morfema

ESTUDAR é classificado como verbo, foi possível perceber que o nome qualificador/caracterizador se referia a ESCOLA, pois a categoria dos adjetivos são nomes caracterizam/qualificam outros nomes. Logo, a sentença seria [ESCOLA ESTUDAR PARTICULAR]. Nesse sentido, e entendendo a particularidade da Libras de ser uma língua simultânea, reconhecemos esse fenômeno de incorporação.

De acordo com Ferreira e Naves (2014), a incorporação pode ocorrer pela combinação (morfofossintática ou semântica) de dois itens lexicais - o nome + o verbo. As autoras ainda pontuam que, dentro da oração, a incorporação possui função sintática, por isso é importante entendê-la a partir de dois campos: o morfológico e o sintático. Sendo assim, seguindo a proposta de uma análise morfofossintática, ou seja, a formação dos sinais e organização dos constituintes na sentença foi possível identificar a seguinte ordem: SVO (ESCOLA + ESTUDAR + PARTICULAR).

O morfema ESCOLA é um sinal composto formado por justaposição de sinais que se referem a lugares. Nesse caso, a formação acontece a partir de dois morfemas livres CASA (Mãos verticais abertas, palma a palma, dedos inclinados uns para os outros. Tocar as mãos pelas pontas dos dedos.) + ESTUDAR (Mãos abertas, palmas para cima. Bater duas vezes o dorso dos dedos direitos, sobre a palma dos dedos esquerdos). Desse modo, temos os sinais de ESCOLA (Mãos verticais abertas, palma a palma, dedos inclinados uns para os outros. Tocar as mãos pelas pontas dos dedos. Em seguida, fazer este sinal ESTUDAR, ESTUDO: Mãos abertas, palmas para cima. Bater duas vezes o dorso dos dedos direitos, sobre a palma dos dedos esquerdos.). Embora o morfema ESTUDAR contenha repetição no parâmetro movimento, o que se percebe em contexto comunicacional é que para se referir a ESCOLA esse parâmetro é anulado, ou seja, é realizado com um único contato com as mãos.

Ainda dentro dessa análise, cabe descrever o morfema PARTICULAR, fundamental para que pudéssemos identificar a que a participante se referiu, (Mão fechada, palma para baixo, dedos indicador, polegar e médio distendidos. Tocar a ponta do polegar no lado direito do peito). Nesse sentido, percebemos a importância do contexto e da identificação dos termos que antecederam e sucederam o sinal ESTUDAR para a definição do valor semântico, pois esse mesmo sinal poderia se referir a estudos, por exemplo, o que confirma o abordado por Veloso (2008) ao tratar de incorporação nominal como um fenômeno que apresenta diferentes propriedades sintáticas e semânticas com relação a especificidade do objeto, podendo modificar as características morfológicas, sintáticas e semânticas dos itens lexicais.

Desse modo, após descrever cada um dos morfemas acima entendemos como ocorreu esse fenômeno de incorporação nominal em verbo, pois, como já defendido por Ferreira e

Naves (2014), esse tipo de incorporação ocorre a partir da combinação de nome e verbo. Nesse caso, o morfema base ou raiz da incorporação identificada foi o morfema ESTUDAR, para tanto, o morfema ESCOLA teve o morfema CASA anulado e o segundo morfema desse composto se incorporou no sinal de ESTUDAR, haja vista, inclusive, que se trata do mesmo morfema e, portanto, não tiveram alteração em nenhum dos fonemas utilizados para formação do sinal, exceto a anulação do fonema movimento utilizada no sinal do verbo ESTUDAR, acompanhado do morfema PARTICULAR que caracterizou/qualificou a escola mencionada pela participante.

6.2.1.4 Categorização e análise – Vídeo 1: Fenômeno 4

a) **Fenômeno:** Sinal: TERCEIRA SÉRIE

Figura 8 - Contexto de sinalização de TERCEIRA SÉRIE



Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2014)

b) **Categoria:** Incorporação de numeral

c) **Quadro descritivo/analítico** – Incorporação de numeral

Quadro 7 - descritivo/analítico aplicado – Incorporação de numeral

Aspectos	Descrição dos processos de incorporação
Sentença	- PASSADO ESTUDAR PARTICULAR TERCEIRA ENSINO FUNDAMENTAL/ SÉRIE
Morfema raiz ou sinal-base	- ENSINO FUNDAMENTAL - substantivo + adjetivo
Morfema vinculado (item gramatical incorporado)	- TRÊS - numeral cardinal
Formação final	- TERCEIRA SÉRIE
Definição de acordo com o contexto	- Período escolar
Descrição	- TRÊS: Mão em W, (nesse caso, a configuração de mão também pode ser nomeada como C.M em 3) palma para trás e ponto de articulação o antebraço da mão não dominante. Fazer o sinal do número da série escolar, tocando a mão na parte superior do braço esquerdo.
Categoria de incorporação	- Incorporação de numeral
Regras de	- Perda do fonema movimento do numeral ordinal 3 incorporando numeral cardinal

combinação	em ordinal - Numeral cardinal 3 incorporando os nomes ENSINO FUNDAMENTAL - Ponto de articulação mantido - o antebraço da mão não dominante
-------------------	--

Fonte: Elaborado pela autora

d) Análise

Em uma primeira análise, observamos que o sinal para o morfema SÉRIE é um morfema preso, ou seja, não possui um sinal específico, sendo assim, é realizado por meio do sinal de ENSINO FUNDAMENTAL (Mão em 1 horizontal, palma para trás. Tocar a parte superior do braço, mover a mão levemente para cima mudando-a da configuração de mão 1 para configuração de mão 9). De acordo com Quadros e Karnopp (2004), morfemas presos são diferentes de morfemas livres, pois

Morfemas presos são diferentes de morfemas livres, que podem ocorrer isoladamente. Por exemplo, o sinal ONTEM na língua de sinais brasileira é um morfema livre. Seus elementos constitutivos – locação, movimento, configuração e orientação de mão – não têm significado independente e não são morfemas, mas o sinal todo é um morfema (ou seja, um sinal monomorfêmico). O sinal ANTEONTEM tem uma configuração de mão diferente de ONTEM, caracterizando-se como um morfema preso. Em outras palavras, o sinal ANTEONTEM é realizado com dois morfemas (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 107).

Porém, para realizar o sinal de ENSINO FUNDAMENTAL também observamos que, embora exista um sinal específico para ENSINO- (Mãos verticais, palmas para frente, dedos de cada mão unidos pelas pontas, lado a lado, diante do peito, movê-las para frente, distendendo e separando os dedos, duas vezes), nesse caso, esse sinal é um morfema dependente, ou seja, precisa de complemento para atribuir sentido. Após compreendermos essa relação entre os morfemas constituintes do período escolar ENSINO FUNDAMENTAL fizemos a análise do fenômeno de incorporação identificado na sentença [ATÉ TERCEIRA SÉRIE].

De acordo com Schuit (2007), a incorporação de numeral é uma construção morfológica na qual um elemento lexical, morfema, se adiciona a outro e a construção resultante é uma única palavra. Ele ressalta que a incorporação de numeral ocorre mais frequentemente com sinais que denotam tempo. O que ocorreu nesse caso foi a incorporação do numeral 3 no morfema ENSINO FUNDAMENTAL/SÉRIE. Sendo assim, em vez de a participante sinalizar os números 1 e 9 e na sequência sinalizar o número 3 referente ao

período a que ela se refere, a participante realizou apenas o sinal 3 mantendo o ponto de articulação, que é o antebraço da mão não dominante.

Outros fenômenos de incorporação de numeral, tais como: 7 se referindo a SÉTIMO e 8 se referindo a OITAVO forma identificados na fala da participante 1. O contexto deixa isso evidente quando ela relata sobre ter mudado de escola e estudado até a oitava série, sendo que na sétima série teve acompanhamento de intérprete [ESTUDAR REGULAR TERCEIRA ATÉ OITAVA SÉTIMA COMEÇAR INTÉRPRETE]. Esses fenômenos de incorporação de numeral se explicam conforme o caso de incorporação identificado em TERCEIRA SÉRIE.

Figura 9 - Contexto de sinalização de SÉTIMA-OITAVA SÉRIE



Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2014)

O fenômeno de incorporação de numeral foi recorrente na fala da participante devido ao contexto da narrativa, haja vista que se refere à escola e seus períodos. Em vários trechos é possível identificar esse fenômeno, como forma de registro, optamos por analisar de forma criteriosa apenas a incorporação de numeral na sentença [TERCEIRA SÉRIE].

6.2.1.5 Categorização e análise – Vídeo 1: Fenômeno 5

a) Fenômeno: Sinal: TERCEIRA SÉRIE

Figura 10 - Contexto de sinalização de TERCEIRA SÉRIE



Fonte: Universidade Federal de Sana Catarina (2014)

b) **Categoria:** Incorporação de numeral em numeral

c) **Quadro descritivo/analítico** – Incorporação de numeral em numeral

Quadro 8 - descritivo/analítico aplicado – Incorporação de numeral em numeral

Aspectos	Descrição dos processos de incorporação
Sentença	- TERCEIRA SÉRIE ESTUDAR PARTICULAR
Morfema raiz ou sinal-base	- Numeral ordinal 3
Morfema vinculado (item gramatical incorporado)	- Numeral cardinal 3
Formação final	- Terceira série
Definição de acordo com o contexto	- Período escolar
Descrição	- TRÊS: Mão em W, (nesse caso a configuração de mão também pode ser nomeada como C.M em 3) palma para trás e ponto de articulação o antebraço da mão não dominante. Fazer o sinal do número da série escolar, tocando a mão na parte superior do braço esquerdo
Categoria de incorporação	- Incorporação de numeral em numeral
Regras de combinação	- Anulação do fonema movimento - Incorporação do numeral cardinal 3 - Manter a orientação/direção da mão na horizontal - Manter ponto de articulação

Fonte: elaborado pela autora

d) **Análise**

Conforme analisávamos a fala da participante 1, sobre sua experiência no ensino regular, observamos algo peculiar na realização dos sinais para se referir aos períodos escolares. De acordo com a descrição feita por Capovilla; Raphael e Maurício, (2009, v.1 e v.2), a realização de números ordinais é feita balançando a mão para cima e para baixo, porém, em nossa análise, percebemos que isso não aconteceu em nenhuma das realizações dos sinais de numerais ordinais feitos pela participante. Citaremos como exemplo, para explicitar nossa observação e desenvolver a análise, o sinal do morfema 3 realizado pela mesma ao se referir a um período que estudou em escola particular.

Na sentença: [TERCEIRA SÉRIE ESTUDAR PARTICULAR] ao se referir à TERCEIRA SÉRIE a participante não realiza o fonema movimento que ocorre em numerais ordinais que seria Balançar a mão para cima e para baixo. Todavia notamos que ela realiza o sinal do numeral cardinal 3 (Mão em W, palma para trás), porém, mantendo a orientação/direção do morfema numeral ordinal TERCEIRO (Mão em 3 horizontal). Desse modo, entendemos que houve uma incorporação de numeral em numeral quando identificamos a categoria de numeral cardinal incorporada na categoria de numeral ordinal que em princípio

seria: Mão em 3 horizontal, palma para trás, balançando a mão para cima e para baixo e que nesse caso tem o movimento anulado devido à incorporação do morfema numeral cardinal 3 na realização do sinal.

Se considerarmos que o numeral 1 representa o PRIMEIRO ano do ENSINO MÉDIO, temos aqui outro caso de incorporação de numeral em numeral, como aconteceu no caso do sinal para TERCEIRA SÉRIE já explicitado anteriormente. Nesse caso, o morfema PRIMEIRO (Mão horizontal fechada, palma para trás, polegar distendido. Mover ligeiramente a mão para cima e para baixo) tem a orientação da mão alterada para vertical, a configuração também se altera e o movimento é anulado, logo, temos o numeral cardinal 1 incorporando o numeral ordinal dessa forma teremos: Mão vertical fechada, palma para trás com o indicador distendido, tocar no antebraço da mão não dominante, confirmando assim os pressupostos de Felipe (2006) sobre a configuração de mão referente aos numerais 1 a 4 acrescentar à sua raiz um quantificador, que, nesse caso, se referiu à quantidade de período escolar pertencente ao ensino médio.

Retomando Schuit (2007) entendemos que a ocorrência de uma construção morfológica em que um item lexical se adiciona a outro e, como resultado, temos um único sinal/palavra pode ser reconhecido como fenômeno de incorporação. Nesse sentido, se considerarmos que houve na fala da participante a adição do morfema numeral cardinal na realização do morfema numeral ordinal, podemos reafirmar a ocorrência de incorporação de numeral em numeral.

Figura 11 - Contexto de sinalização de PRIMEIRO ANO ENSINO MÉDIO



Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2014)

6.2.1.6 Categorização e análise – Vídeo 1: Fenômeno 6

a) **Fenômeno:** Sinal: SURDO CHEGAR

Figura 12 - Contexto de sinalização de SURDO CHEGAR

Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2014)

b) Categoria: Incorporação de classificador-PESSOA/SINGULAR

c) Quadro descritivo/analítico - Incorporação de classificador PESSOA/SINGULAR

Quadro 9 - descritivo/analítico aplicado – Incorporação de classificador PESSOA/SINGULAR

Aspectos	Descrição dos processos de incorporação
Sentença	- OITAVA SÉRIE CHEGAR ENCONTRAR UM SURDO INCLUSÃO
Morfema raiz ou sinal-base	- Pessoa-substantivo
Morfema vinculado (item gramatical incorporado)	- Andar - verbo
Formação final	- Encontrar
Definição de acordo com o contexto	- Chegar, Conhecer, interagir
Descrição	- Mão direita em g, palma para frente em direção esquerda, mão esquerda com a mesma configuração, mesma orientação e em direção à direita e no espaço neutro os dedos se encostam
Categoria de incorporação	- Incorporação de construções classificadoras – classificador de pessoa/singular
Regras de combinação	- Incorporação de classificador de pessoa CM em g para as duas mãos - Incorporação de classificador de pessoa nos verbos de movimento: encontrar +andar

Fonte: Elaborado pela autora

d) Análise

Ainda na fala da participante identificamos o processo de formação de sinal por meio do fenômeno de incorporação de construção classificadora. Esse fenômeno foi identificado no seguinte trecho: [OITAVA SÉRIE CHEGAR ENCONTRAR UM SURDO INCLUSÃO]. Para se referir ao surdo que começou a frequentar as aulas a participante utilizou um classificador de pessoa: (Mão direita em g, palma para fora em direção esquerda, mão esquerda com a mesma configuração, mesma orientação e em direção à direita e no espaço

neutro os dedos se encostam). Vale pontuar que existe, em Libras, um sinal próprio para se referir a pessoa (Mão horizontal aberta, palma para trás. Passar a ponta do dedo médio sobre a testa, da esquerda para a direita), mas que, nesse caso, foi incorporado pelo classificador de pessoa. Segundo Ferreira (2010, p.110), a configuração de mão em g, conforme Figura 13, é bastante utilizada para descrever formas lineares, indicar lugares, para representar objetos e, inclusive, para representar pessoa como ocorre no caso mencionado acima.

Figura 13 - Configuração de mão em g.



Fonte: Ferreira (2010)

Essa direcionalidade acompanhada do movimento das mãos tem uma relação com o verbo ANDAR, logo representam as duas pessoas se encontrando e, nesse sentido, podemos dizer que esse evento está associado ao verbo de movimento ANDAR como abordado por Supalla (1986). De acordo com o autor, os classificadores são utilizados tanto em verbos de movimento quanto em verbos de localização, e as relações de localização estabelecidas entre o sujeito central e outro substantivo são marcadas pela localização de mão e pelos articuladores do corpo, contemplando a nossa afirmação anterior sobre o movimento das mãos, uma em direção à outra, para representar o referente principal, ou seja, o surdo que começou a frequentar as aulas e o substantivo PESSOA representado pela participante e, também, realizado por meio do classificador de pessoa- mão em G.

Em uma análise mais acurada ainda podemos apontar, ao observar a língua em contexto comunicativo, que a incorporação do classificador de pessoa também se deu no verbo ENCONTRAR (Mão esquerda em D, palma para a direita; mão direita em D, palma para a esquerda, atrás da mão esquerda) e, nesse caso, o que ocorreu foi a troca da configuração de mão que no caso analisado foi feita em G. O mesmo fenômeno de incorporação de construções classificadoras- incorporação de pessoa foi identificada no seguinte trecho: [ENSINO MÉDIO PRIMEIRO ANO EU SOZINHA CHEGAR INTÉRPRETE] conforme nos mostra a Figura 14 abaixo. Nesse caso o fenômeno de incorporação aconteceu apenas na relação de incorporação de pessoa e verbo de movimento ANDAR.

Figura 14 - Contexto de sinalização de INTÉRPRETE CHEGAR



Fonte: Universidade Federal de Sana Catarina (2014)

Em relação ao vídeo 1, observando a fala da participante 1 esses foram os fenômenos de incorporação identificados no processo de formação de sinais. A partir de agora descrevemos e analisamos os fenômenos de incorporação presentes no processo de formação de sinal na fala da participante 2.

Participante 2

6.2.1.7 Categorização e análise – Vídeo 1: Fenômeno 7

a) **Fenômeno:** Sinal: NÃO APRENDER

Figura 15 - Contexto de sinalização de NÃO APRENDER



Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2014)

b) **Categoria:** Incorporação de negação no verbo APRENDER

c) **Quadro descritivo/ analítico-** Incorporação de negação no verbo APRENDER

Quadro 10 - descritivo/ analítico aplicado - Incorporação de negação no verbo APRENDER

Aspectos	Descrição dos processos de incorporação
Sentença	- ACESSIBILIDADE PACIÊNCIA EU NÃO-APRENDER

Morfema raiz ou sinal-base	- Aprender-verbo
Morfema vinculado (item gramatical incorporado)	- Não- advérbio de negação
Formação final	- Não aprender
Definição de acordo com o contexto	Ausência falta de conhecimento
Descrição	- NÃO- APRENDER- Mão em S vertical, palma para a esquerda, tocando a testa. Abrir e fechar ligeiramente a mão duas vezes, expressão facial negativa, balançar cabeça na direção direita e esquerda como representação dessa negação. Trata-se de um sinal formado pelo morfema negação, ausência, codificado por expressão facial contraída e eventual movimento de cabeça.
Categoria de incorporação	- Incorporação de negação
Regras de combinação	-Incorporação de expressão facial negativa com eventual movimento de cabeça

Fonte: Elaborado pela autora

d) Análise

O primeiro fenômeno de incorporação identificado na fala da participante 2 foi o de incorporação de negação. Embora esse fenômeno já tenha sido descrito e analisado na fala da participante 1, refizemos aqui o quadro representativo devido às regras combinatórias do morfema de negação apresentadas na fala da participante 2 divergirem do apontado na fala da participante 1. Nesse caso, o morfema de negação foi incorporado no verbo APRENDER (Mão em S vertical, palma para a esquerda, tocando a testa. Abrir e fechar ligeiramente a mão, duas vezes) e a única mudança identificada entre o sinal afirmativo para o negativo foi a expressão facial acompanhada do movimento da cabeça, da esquerda para direita, como forma de representar essa negação.

Felipe (2006) e Ferreira (2010) apontam que a incorporação de negação pode ocorrer apenas por meio da expressão facial negativa (expressão facial contraída e eventual movimento negativo de cabeça para direita e para a esquerda) incorporada ao sinal, sem que haja alguma alteração nos demais fonemas. E foi exatamente o que identificamos nessa incorporação de negação. Se considerarmos que o movimento da cabeça, da esquerda pra direita, é um complemento da expressão facial, temos aqui a confirmação dos pressupostos de Felipe (2006) e Ferreira (2010), logo consideraremos que a única alteração para a forma negativa do verbo APRENDER ocorreu por meio da incorporação da expressão facial negativa (expressão facial contraída e eventual movimento negativo de cabeça para direita e para a esquerda).

As regras de combinação para incorporação de negação não são estabelecidas por categorias gramaticais, ou seja, um mesmo fenômeno de incorporação de negação identificado em uma relação com verbos pode se apresentar com regras combinatórias distintas para a mesma categoria gramatical como aconteceu com os verbos TER e APRENDER. Nesse sentido, podemos dizer que o fenômeno de incorporação ocorreu quando a expressão facial e o movimento da cabeça em direção à esquerda e à direita foram adicionados à forma negativa do morfema APRENDER permitindo, assim, a realização de um único sinal.

O segundo fenômeno de incorporação identificado na fala da participante 2 foi o de incorporação de negação no verbo TER, também já descrito anteriormente. Na sentença [NÃO TER BILINGUISMO], a participante se referiu à falta de uma abordagem de ensino voltada para educação bilíngue e a realização do sinal pode ser vista na Figura 16 abaixo, porém, a diferença em relação ao sinalizado pela participante 1 é que, nesse caso, a participante sinalizou com apenas a mão dominante, logo entendemos que não houve demonstração de intensidade.

Figura 16 - Contexto de sinalização de NÃO-TER



Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2014)

Outro fenômeno de incorporação identificado na fala da participante 2 e também já descrito e analisado na fala da participante 1 foi o fenômeno de incorporação de numeral. Nesse caso, como as regras combinatórias foram semelhantes, apenas discorremos sobre esse fenômeno, mas sem o quadro demonstrativo. Na sentença: [SÉTIMO OITAVO ENSINO FUNDAMENTAL], ela se referiu ao período que começou a estudar em um instituto e fazer parte de um grupo de surdos. Nesse caso, a participante realizou o sinal do morfema ENSINO FUNDAMENTAL (Mão em 1, palma para trás. Bater o indicador no ombro esquerdo), incorporando morfema numeral cardinal 1, para se referir especificamente a esse nível escolar, ancorado na testa e depois adicionou o ponto de articulação antebraço da mão não

dominante diferente do que nos apresenta Capovilla; Raphael e Maurício, (2009, v.1 e v.2), descrito anteriormente.

De acordo com Quadros e Karnopp (2004), os morfemas presos podem se combinar entre si ou com um morfema livre para ter algum significado e, no caso do fenômeno de incorporação de numeral, ele acontece a partir da configuração de mão do numeral a ser incorporado no sinal, porém, mantém o ponto de articulação e movimento. O que identificamos aqui é que o morfema preso FUNDAMENTAL foi incorporado ao numeral cardinal 1 que manteve sua configuração de mão, porém, o ponto de articulação duplicou, sendo a testa o ponto de partida e o antebraço da mão não dominante o ponto de chegada. A Figura 17 apresenta o contexto de sinalização de SÉTIMA E OITAVA SÉRIE.

Figura 17 - Contexto de sinalização de SÉTIMA E OITAVA SÉRIE



Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2014)

Ainda sobre incorporação de numeral referente a nível escolar, a participante 2, assim como a participante 1, ao falar sobre o Ensino Médio realiza incorporação do morfema ENSINO MÉDIO no morfema numeral 2 e, na sequência, o morfema numeral cardinal 2 é realizado no antebraço da mão não dominante. Nesse caso, a participante realiza esse sinal para se referir ao ENSINO MÉDIO de uma forma geral e isso fica claro na sentença: [DESENVOLVER FORMAR ENSINO MÉDIO], conforme Figura 18, em que ela menciona o fato de conhecer um professor que a ajudou no processo de formação nesse nível.

Figura 18 - Contexto de sinalização de ENSINO MÉDIO

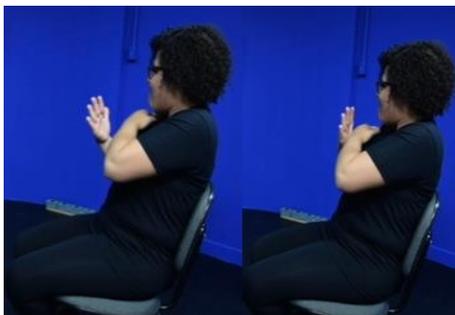


Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2014)

6.2.1.8 Categorização e análise – Vídeo 1: Fenômeno 8

a) Fenômeno: Sinal: AJUDAR MUITO

Figura19 - Contexto de sinalização de AJUDAR MUITO



Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2014)

b) Categoria: Incorporação de intensidade/repetição de movimento

c) Quadro descritivo/ analítico - Incorporação de intensidade/repetição de movimento

Quadro 11 - descritivo/ analítico aplicado - Incorporação de intensidade/repetição de movimento

Aspectos	Descrição dos processos de incorporação
Sentença	- EU GOSTAR ME AJUDAR MUITO
Morfema raiz ou sinal-base	- Ajudar-verbo
Morfema vinculado (item gramatical incorporado)	- Me- pronome pessoal obliquo
Formação final	- Ajudar muito/ bastante
Definição de acordo com o contexto	Adverbio de intensidade, ideia de muito, bastante
Descrição	- Ajudar (Mão esquerda aberta, palma para baixo, dedos para a direita; mão direita vertical aberta, palma para frente, tocando a base da palma na lateral do dedo indicador esquerdo. Movê-las para frente) Me-(Mão esquerda aberta, palma para baixo, dedos para a direita; mão direita vertical aberta, palma para trás, tocando a base da palma na lateral do dedo mínimo esquerdo. Movê-las para trás repetidas vezes)
Categoria de incorporação	- Incorporação de intensidade
Regras de combinação	- Incorporação do morfema ME no morfema Ajudar - Mudança no fonema orientação de mão e a base da palma a ser tocada -Repetição do movimento para representação da intensidade

Fonte: Elaborado pela autora

d) Análise

O fenômeno de incorporação de intensidade foi identificado na seguinte sentença: [EU GOSTAR ME AJUDAR BASTANTE MUITO]. Nesse trecho, a participante se refere ao fato de ter, naquele período, um professor surdo que a ajudou bastante no processo de aprendizagem. O fenômeno foi reconhecido como tal devido repetição do movimento da mão dominante na realização do sinal. Por se tratar de um verbo de concordância, ou seja, concorda com aquele que faz a ação, o agente, bem como concorda com o que recebe a ação, o paciente, houve mudança no fonema direção/orientação da mão, desse modo, o sinal do morfema base AJUDAR que seria: Mão esquerda aberta, palma para baixo, dedos para a direita; mão direita vertical aberta, palma para frente, tocando a base da palma na lateral do dedo indicador esquerdo, movendo-as para frente, teve em sua estrutura a incorporação do morfema preso ME, referente ao pronome pessoal do caso oblíquo. Nesse sentido, o fonema orientação/direção foi alterado e passou a ser realizado com a palma da mão dominante para trás, tocando a base da palma na lateral do dedo mínimo esquerdo e com movimento repetitivo causando a ideia de intensidade.

Esse fenômeno pode ser baseado nos pressupostos de Ferreira (2010), presente em nosso instrumento conceitual. A autora discorre que a incorporação da informação léxico-sintática acontece por meio da superposição da informação do léxico somada a uma informação de ordem sintática, ou seja, acontece nesse processo a incorporação de informação morfossintática por meio da duplicação da informação lexical somada à informação sintática. Nessa perspectiva, entendemos que, para que pudéssemos identificar o fenômeno de incorporação de intensidade, foi imprescindível estabelecer as relações morfossintáticas, pois o advérbio de intensidade MUITO foi identificado pelo processo de formação do sinal de AJUDAR acrescido à repetição do movimento.

A partir da descrição e análise das falas das participantes 1 e 2 do vídeo 1, os fenômenos discorridos acima foram os identificados. Sendo assim, apresentamos a seguir a descrição e análise dos fenômenos de incorporação nos processos de formação de sinais nas falas dos participantes 3 e 4 do vídeo 2.

6.2.2 Contextualização vídeo 2

O vídeo 2 tem 5:36 segundos e os participantes foram: Abdel Azziz Moussa Hassan Daoud e Fernando Oscar Marins identificados como participantes 3 e 4, respectivamente. A Figura 20 contextualiza o cenário dos participantes do vídeo 2.

Figura 20 - Cenário da entrevista: Interface do inventário- Vídeo 2



Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2014)

O vídeo 2 também nos apresenta um diálogo entre dois surdos sobre as questões da escola inclusiva. Eles discutem sobre qual o melhor modelo de ensino: o inclusivo ou não, e relatam suas experiências como alunos do modelo regular. Os participantes apontam como problema desse tipo de modelo o fato de os ouvintes não saberem Libras e isso dificultar a interação do aluno surdo. Um dos participantes cita como acontece no modelo de escola bilíngue a metodologia, as estratégias próprias para o aluno surdo, ensino de Libras e a interação entre os sujeitos. Os participantes ainda apontam que o português precisa ser considerado como segunda língua do surdo e que, por isso, estudar em escola bilíngue é melhor.

Após contextualizar o diálogo entre os dois amigos, descrevemos e analisamos a seguir sinais que apresentaram o fenômeno de incorporação, no processo de formação de sinais, coletados no vídeo 2 na fala dos participantes 3 e 4.

Participante 3

O primeiro fenômeno de incorporação identificado na fala do participante 3 foi incorporação de construções classificadoras – classificador de pessoa- já descrito e analisado na fala da participante 1, vídeo 1. O participante 3 realiza o sinal incorporador do morfema

peessoa para se referir ao surdo e ao ouvinte dividindo o mesmo espaço educacional, logo ele apresenta mão direita e esquerda com configuração em g, mão direita com movimento para cima para se evidenciar o sujeito surdo nesse contexto de fala e enfatizar a dificuldade desse sujeito no modelo inclusivo de ensino e isso foi identificado pelo contexto de fala conforme mostra a Figura 21 abaixo:

Figura 21 - Contexto de sinalização de SURDO/OUVINTE



Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2014)

Outro fenômeno de incorporação identificado foi incorporação de negação no verbo TER, já descrito e analisado na fala da participante 1, do vídeo 1. Esse fenômeno de incorporação foi identificado na seguinte sentença: [MEDO NÃO TER ÚNICO SURDO]. Nesse contexto, o participante se refere ao fato de não ter medo de ser o único surdo em um modelo de ensino inclusivo, pois ele afirma que se esforçará, tentará interação, buscará se desenvolver. O participante realiza o sinal do morfema livre MEDO (Mão horizontal aberta, palma para trás, unha do dedo médio tocando a palma do polegar, dorso do polegar tocando o lado esquerdo do peito) e incorpora o morfema de negação no morfema livre TER.

Sendo assim, da mesma forma como aconteceu com a participante 1, para compor o sinal NÃO-TER, o fonema ponto de articulação do verbo TER desapareceu para dar lugar a informação de negação da ação do verbo, reafirmando o pontuado Liddell (1997), quando apontou que parte dos sinais pode mudar ou desaparecer como resultado dos processos morfológicos de incorporação, sendo que o ponto de partida para os processos são morfemas livres. Apesar do fenômeno identificado aqui ser semelhante ao identificado na fala da participante 1, a Figura 22 abaixo nos mostra que o falante 3 não incorporou intensidade por meio da duplicação das mãos, porém essa intensidade pode ser percebida pelo fonema expressão facial.

Figura 22 - Contexto de sinalização de NÃO –TER



Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2014)

6.2.2.1 Categorização e análise – Vídeo 2: Fenômeno 9

a) Fenômeno: Sinal: PESSOAS

Figura 23 - Contexto de sinalização de PESSOAS



Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2014)

b) Categoria: Incorporação de classificador - PESSOA/PLURAL

c) Quadro descritivo/analítico-Incorporação de classificador - PESSOA/PLURAL

Quadro 12 - descritivo/ analítico aplicado - Incorporação de classificador - PESSOA/PLURAL

Aspectos	Descrição dos processos de incorporação
Sentença	- PESSOAS LIBRAS NÃO SABER
Morfema raiz ou sinal-base	- Pessoa – substantivo
Morfema vinculado (item gramatical incorporado)	- Eles/elas- pronome
Formação final	- Eles/elas
Definição de acordo com o contexto	- Representação de pessoas que não sabem Libras

Descrição	- Mão direita em g, palma para trás, dedo indicador apontando para baixo, movimento circular indicando plural.
Categoria de incorporação	- Incorporação de construções classificadoras – classificador de pessoa/plural
Regras de combinação	- Incorporação de classificador de pessoa –CM em g- plural - Mudança na orientação /direção da palma da mão que seria para frente, dedo indicador apontando para cima e movimento para frente e passa a ser feita palma da mão para trás dedo indicador apontando para baixo e movimento circular

Fonte: Elaborado pela autora

d) Análise

A incorporação de construções classificadoras - pessoa foi identificada na sentença: [PESSOAS LIBRAS NÃO SABER]. O participante 3 se refere às pessoas ouvintes, maioria no modelo de escola inclusiva, que não sabem Libras. A incorporação aconteceu a partir da mudança da direção/orientação da palma da mão que seria para frente, dedo indicador apontando para cima e movimento para frente no espaço neutro, substituída pela palma da mão para trás, dedo indicador apontando para baixo e movimento circular. Esse movimento remete à ideia de flexão de número, considerada dentro da classe dos substantivos como uma das possibilidades de variação e que na Libras pode ser classificado como singular, dual, plural e múltiplo (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.110). Nesse caso, de acordo com o contexto analisado, podemos dizer que essa flexão é uma flexão de número indicador de múltiplo.

O item lexical g que, em princípio seria um fonema, mas ganha status de morfema devido sua característica de incorporador em construção classificadora, nesse caso específico, classificador de pessoa é apontado por Ferreira (2010), como já mencionado nessa pesquisa, como um item bastante utilizado no processo de classificador, inclusive de pessoas. Ainda no quadro instrumental temos em Liddel (1997) que o processo de formação de sinal por meio do fenômeno de incorporação apresenta como possibilidade a ocorrência por meio da modificação de parte dos sinais ou até mesmo a anulação, sendo o ponto de partida um morfema livre. De acordo com a análise feita, o fenômeno identificado acima corresponde ao abordado por Lidell (1997), pois o morfema PESSOA é um morfema livre e foi incorporado no morfema preso g, sendo, para tanto, anulado.

Berenz (1996) trata da relação de pessoa e dêixis da Libras, identificando três possibilidades para fazer referência à flexão de número. Para a autora, em relação aos pronomes pessoais existem três possibilidades: primeira, segunda e terceira e três números para essas pessoas: singular, dual e múltiplo/mais de dois. Desse modo, a incorporação de construções classificadoras- pessoa identificada na fala do participante corresponde, então, a

incorporação de classificador- pessoa- múltiplo, pois, o movimento realizado pelo falante demonstra que essa marcação se refere a mais de duas pessoas.

6.2.2.2 Categorização e análise – Vídeo 2: Fenômeno 10

a) Fenômeno: Sinal: NÃO SABER

Figura 24 - Contexto de sinalização de NÃO-SABER.



Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2014)

b) Categoria: Incorporação de negação no verbo SABER

c) Quadro descritivo/ analítico- Incorporação de negação no verbo SABER

Quadro 13 - descritivo/ analítico aplicado - Incorporação de negação no verbo SABER

Aspectos	Descrição dos processos de incorporação
Sentença	- PESSOAS LIBRAS NÃO SABER
Morfema raiz ou sinal-base	- Saber- verbo
Morfema vinculado (item gramatical incorporado)	- NÃO - Advérbio que expressa negação
Formação final	- Não saber
Definição de acordo com o contexto	- Ausência, falta de conhecimento
Descrição	- Mão vertical aberta, palma para a esquerda, ponta do dedo médio tocando o lado direito da testa, movendo a mão para frente e para a direita Expressão facial negativa, balançar cabeça na direção direita e esquerda como representação dessa negação.
Categoria de incorporação	Incorporação de negação
Regras de combinação	- Morfema SABER - Incorporação do morfema de negação no verbo saber - Mudança de configuração de mão - Mudança no movimento - Incorporação de expressão facial negativa com eventual movimento de cabeça

Fonte: Elaborado pela autora

d) Análise

Na sentença: [PESSOAS LIBRAS NÃO SABER], o morfema livre SABER (Mão vertical aberta, palma para a esquerda, pontas dos dedos tocando o lado direito da testa. Mover a mão para frente e para a direita, fechando-a em A) tem incorporado a sua base o morfema de negação NÃO. Desse modo, ocorreu mudança de configuração de mão, que era a ponta dos dedos e passou a ser realizada apenas com o dedo médio encostado na testa. Também houve mudança na configuração de mão final que era mão em “a” e foi alterada para mão aberta no espaço neutro. No entanto, notamos que o ponto de articulação permaneceu o mesmo: lado direito da testa, logo, o sinal realizado foi mão vertical aberta, palma para a esquerda, ponta do dedo médio tocando o lado direito da testa, movimento para frente, virando a palma para frente enquanto gira a cabeça para os lados, com expressão negativa (expressão facial contraída e eventual movimento negativo de cabeça para direita e para a esquerda).

O fenômeno de incorporação de negação descrito e analisado acima, referente ao verbo SABER, pode ser assim reconhecido de acordo com Liddel (1997), já apontado na descrição e análise feita em outros fenômenos de incorporação, como no caso da incorporação de construções classificadoras - Pessoa. Para o autor, a modificação de partes do sinal pode ser considerada um fenômeno de incorporação desde que o sinal base seja um morfema livre. Nesse sentido, considerando que o morfema SABER é um morfema livre e que houve mudança na configuração de mão para sua realização na forma negativa, temos aqui o fenômeno de incorporação de negação no verbo SABER.

Em relação a fala do participante 3, esses foram os fenômenos de incorporação identificados no processo de formação de sinais. A seguir apresentamos, descrevemos e analisamos os fenômenos de incorporação presentes no processo de formação de sinal na fala do participante 4.

Participante 4

O primeiro fenômeno de incorporação identificado na fala do participante 4 é o de incorporação de intensidade identificado na sentença [INTÉRPRETE AJUDAR MUITO]. Nesse trecho, o participante refere-se ao profissional que o auxiliou e contribuiu para que ele conseguisse acompanhar as aulas. O mesmo fenômeno já foi descrito e analisado na fala da participante 2, do vídeo 1. O morfema livre AJUDAR teve incorporado, em sua base, o

morfema preso Me provocando a mudança na orientação de mão, da base da palma a ser tocada e a repetição do movimento acompanhado de expressão facial, apontando-nos esse fenômeno de intensidade como nos mostra a Figura 25 abaixo:

Figura 25 - Contexto de sinalização de AJUDAR MUITO



Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2014)

6.2.2.3 Categorização e análise – Vídeo 2: Fenômeno 11

a) Fenômeno: Sinal: ESCREVER

Figura 26: Contexto de sinalização de ESCREVER



Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2014)

b) Categoria: Incorporação de instrumento

c) Quadro descritivo/analítico-Incorporação de instrumento

Quadro 14 - descritivo/ analítico aplicado - Incorporação de instrumento

Aspectos	Descrição dos processos de incorporação
Sentença	- ÀS VEZES EXPRESSAR ESCREVER
Morfema raiz ou sinal-base	- Escrever – verbo
Morfema vinculado (item gramatical incorporado)	- Caneta/lápis – substantivo – instrumento
Formação final	- Escrevia-verbo

Definição de acordo com o contexto	- Ação de escrever sobre o papel com o instrumento caneta/ lápis
Descrição	- Mão esquerda aberta, palma para cima; mão direita fechada, palma para baixo, dedos indicador e polegar unido pelas pontas, movendo a mão direita em direção às pontas dos dedos esquerdos e balançando-a.
Categoria de incorporação	- Incorporação de instrumento
Regras de combinação	- Morfema ESCREVER - Incorporação instrumento caneta/ lápis - Mão esquerda representando o objeto caderno /folha

Fonte: Elaborado pela autora

d) Análise

A sentença [TENTAR ÀS VEZES EXPRESSAR ESCREVER] refere-se às angústias do participante ao tentar entender a Língua Portuguesa e se expressar por meio da escrita. Nessa sentença, identificamos o fenômeno de incorporação de construções classificadoras, nesse caso de complemento. O morfema dependente ESCREVER (Mão esquerda aberta, palma para cima; mão direita fechada, palma para baixo, dedos indicador e polegar unidos pelas pontas, mover a mão direita em direção às pontas dos dedos esquerdos e balançando-a) que, em princípio, nos remete a ideia de morfema livre, por ter um sinal específico, é considerado dependente, porque o uso ou não da mão passiva vai depender do complemento, ou seja, quem escreve, escreve em algum lugar. Nesse caso, esse lugar chamado de complemento é o papel representado por essa mão não dominante.

Veloso (2008) afirma que os fenômenos de incorporação podem ocorrer por meio da combinação de dois itens lexicais que resulta em um item lexical completo, o predicado, que nesse caso é o complemento verbal CADERNO. Um exemplo citado pela autora para ocorrência da incorporação é a modificação das características morfológicas e sintáticas dos itens lexicais, envolvendo em alguns casos mudança nas características sintáticas, nesse caso se houver ausência da mão não dominante haverá mudança do complemento e a mudança no ponto de articulação, por exemplo, também interfere no sentido/significado da sentença. Escrever no papel é diferente de escreve no quadro, que é diferente de escrever no chão, nesse contexto há a relevância de se saber onde se escreve e como se escreve e essas alterações interferem diretamente nos níveis morfossintáticos e semânticos.

Ferreira e Naves (2014) também apontam que o fenômeno de incorporação ocorre por meio de combinação (morfossintática ou semântica) de dois itens lexicais – o nome + o verbo. Para as autoras dentro da oração, a incorporação possui função sintática, por isso, é

importante entendê-la a partir de dois campos: o morfológico e o sintático. Na descrição e análise apresentada temos o nome PAPEL que é o complemento + o nome CANETA que é instrumento incorporado e o verbo ESCREVER.

Na fala dos participantes 3 e 4 do vídeo 2, os fenômenos discorridos acima foram os identificados. A partir de agora apresentamos, descrevemos e analisamos os fenômenos de incorporação nos processos de formação de sinais nas falas dos participantes 5 e 6, do vídeo 3.

6.2.3 Contextualização vídeo 3

O vídeo 3 tem 2:46 segundos e os participantes foram: Alan Agenário Espíndola e Marcelo Brustolin, identificados como participantes 5 e 6, respectivamente. A Figura 27 apresenta o cenário da entrevista entre os participantes 5 e 6.

Figura 27 - Cenário da entrevista: Interface do inventário-Vídeo 3



Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2014)

Os participantes do vídeo 3, assim como os participantes dos outros dois vídeos, conversam sobre a escola inclusiva e apontam suas opiniões sobre a temática. Eles mencionam a importância de se avaliar o modelo de escola inclusiva, principalmente pelas questões da língua e da cultura serem diferentes entre surdos e ouvintes e que o professor precisa auxiliar nesse processo de interação, que é algo bem demorado. O professor precisa

apresentar propostas para facilitar a interação. O participante 5 acredita que a inclusão não é tão boa e que o melhor seria que os grupos aprendessem separados. O participante 6 concorda e aponta o *bullying* e o preconceito como possibilidades negativas nesse contexto de inclusão e ainda lembra o período que estudou junto com o participante 5 e o quanto os dois se ajudavam, interagiam entre si e que isso era bom porque se comunicavam em Libras.

Após contextualizar o diálogo entre os amigos, apontamos, descrevemos e analisamos a seguir os sinais que apresentaram o fenômeno de incorporação coletado no vídeo 3, participante 5 e 6.

Participante 5

6.2.3.1 Categorização e análise – Vídeo 3: Fenômeno 12

a) Fenômeno: Sinal: NÃO-COMBINAR

Figura 28: Contexto de sinalização de NÃO-COMBINAR



Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2014)

b) Categoria: Incorporação de negação no verbo COMBINAR

c) Quadro descritivo/ analítico-Incorporação de negação no verbo COMBINAR

Quadro 15 - descritivo/ analítico aplicado - Incorporação de negação no verbo COMBINAR

Aspectos	Descrição dos processos de incorporação
Sentença	- INCLUSÃO COMBINAR NÃO COMBINAR
Morfema raiz ou sinal-base	- Combinar- verbo
Morfema vinculado (item gramatical incorporado)	- Não- adverbio de negação
Formação final	- Não combinar
Definição de acordo com o contexto	- Ideia contrária, discordar

Descrição	- Mãos em 1 horizontal, palmas para trás, tocando-se pelas pontas dos indicadores, movendo a mão direita para baixo, inclinando o indicador para baixo.
Categoria de incorporação	- Incorporação de negação
Regras de combinação	- Morfema base combinar - Incorporação de negação por meio do movimento da mão direita para baixo - Incorporação de expressão facial negativa com eventual movimento de cabeça

Fonte: Elaborado pela autora

d) Análise

O fenômeno de incorporação descrito e analisado na fala do participante 5 foi identificado na sentença [OUVINTE SURDO INCLUSÃO COMBINAR NÃO COMBINAR] e se trata do fenômeno de incorporação de negação. Embora esse fenômeno já tenha sido bastante explorado nessa pesquisa, o caso apresentado aqui possui características diferentes. A sentença descrita acima se refere à dúvida do participante 5 em relação ao ensino inclusivo e, diante disso, ele pergunta ao colega qual a sua opinião: Essa modalidade de ensino combina ou não combina?! Nesse caso, a negação se deu por meio da incorporação do fonema MOVIMENTO na configuração da mão direita, logo o morfema COMBINAR (Mãos em 1 horizontal, palmas para trás, tocando-se pelas pontas dos indicadores), teve incorporado a sua raiz o movimento da mão direita para baixo, inclinando o indicador para baixo e expressão facial negativa (expressão facial contraída e eventual movimento negativo de cabeça para direita e para a esquerda)

Liddell (1997) aponta que nos processos de formação de sinais por meio do fenômeno de incorporação ocorre quando parte dos sinais pode mudar ou desaparecer como resultado dos processos morfológicos de incorporação, sendo que o ponto de partida para os processos são morfemas livres. Essa definição já foi utilizada nessa pesquisa, mas reiteramos aqui como forma de confirmar que o fenômeno identificado acima é possível. Nesse sentido, temos o morfema COMBINAR como ponto de partida, sendo esse morfema livre, e mudança no fonema movimento da mão direita no qual o dedo indicador distende para baixo, acrescido da expressão facial negativa (expressão facial contraída e eventual movimento negativo de cabeça para direita e para a esquerda).

Em relação à fala do participante 5, identificamos apenas o fenômeno de incorporação de negação descrito e analisado acima, sendo assim, passamos para apresentação, descrição e análise dos fenômenos de incorporação identificados na fala do participante 6.

Participante 6

Na fala do participante 6, foram identificados apenas 2 fenômenos de incorporação no processo de formação de sinais, sendo eles: incorporação de numeral e incorporação de instrumento em construções classificadoras. Os dois fenômenos já foram descritos e analisados nessa pesquisa. O primeiro fenômeno, muito presente nos três vídeos, refere-se às menções a períodos escolares e foi identificado na fala do participante 6 na seguinte sentença [ESTUDAR QUINTA SÉRIE]. Nesse contexto, o participante se refere a um período que estudou com o colega e, assim como nos demais casos, ele incorpora o numeral cardinal 5 no numeral ordinal 5 que, por sua vez, incorpora o morfema ENSINO FUNDAMENTAL como mostra a Figura 29 abaixo:

Figura 29 - Contexto de sinalização de QUINTA SÉRIE



Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2014)

O segundo fenômeno foi identificado na sentença [EU ESTUDAR ESCREVER] se referindo aos momentos em que o participante tinha que ficar estudando, escrevendo, enquanto outros colegas brincavam de futebol. Nesse caso, assim como no analisado na fala do participante 4, pudemos perceber que o morfema ESCREVER (Mão esquerda aberta, palma para cima; mão direita fechada, palma para baixo, dedos indicador e polegar unidos pelas pontas, mover a mão direita em direção às pontas dos dedos esquerdos e balançando-a) passou por um processo de incorporação de construções classificadoras de complemento sendo esse completo o substantivo PAPEL (Mão esquerda aberta, palma para cima, dedos para frente; mão direita em L horizontal, palma para a esquerda. Bater a mão direita na palma esquerda, duas vezes.).

Nesse caso, para se referir a escrever no papel, a função ocupada pela mão direita para realização do sinal de ESCREVER, conforme Figura 30, é incorporada ao instrumento caneta/lápis e o modo como se utiliza esse instrumento para escrever no papel. Em uma análise morfossintática temos aqui a junção de substantivo + verbo + substantivo (caneta/lápis + escrever + papel) e o complemento do verbo é o nome papel, pois, como já

mencionado, quem escreve, escreve em alguma coisa e entendemos que a configuração da mão não dominante, com palma para cima, representa esse papel.

Figura 30: Contexto de sinalização de ESCREVER



Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2014)

Enfim, a partir da coleta de dados foram identificados 12 tipos de incorporação distintos, sendo 4 estão relacionados a verbo; 2 relacionados a classificador de pessoa singular e plural; 2 relacionadas à incorporação de intensidade, sendo o primeiro caso por duplicação do movimento e o segundo caso por repetição. Os demais fenômenos identificados apresentaram apenas uma ocorrência, sendo eles 1 de incorporação nominal em verbo, 1 de incorporação de numeral, 1 de incorporação de numeral em numeral e 1 de incorporação de instrumento. Os vídeos analisados nos mostraram que, na língua em uso, os fenômenos são mais evidentes e possuem particularidades de falante para falante, como por exemplo, no caso do fenômeno de incorporação de intensidade no verbo AJUDAR, realizado pelos participantes 2 e 4. No primeiro caso, a intensidade ficou mais evidente pela repetição do sinal. Já no caso do participante 4, a intensidade foi marcada não só pela repetição do movimento, mas pela expressão facial do participante.

No subitem a seguir, apresentaremos o registro e a categorização dos mecanismos gramaticais e lexicais e as regras que regeram os tipos de incorporação identificados no processo de formação de sinais na fala dos surdos, considerando os aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos, níveis distintos, mas que se relacionam e por isso são interdependentes.

6.3 Registro e categorização dos mecanismos gramaticais da Libras: aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos no fenômeno da incorporação

Após a identificação dos fenômenos de incorporação ocorridos nos vídeos analisados, as respectivas descrições e análises de cada um dos tipos de incorporação identificados,

partimos para o registro e categorização dos mecanismos gramaticais da Libras que foram observados nesse processo de formação de sinais, por meio da incorporação. Esse processo de registro e categorização se pautou nos aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos e a explanação ocorreu dos fenômenos com maior aparição para os fenômenos de menor aparição.

Ao descrevermos e analisarmos os dados, identificamos 12 ocorrências distintas do fenômeno de incorporação nas formações dos sinais aos quais foram identificados. O primeiro desses fenômenos foi o de incorporação de negação identificado nos verbos TER, APRENDER, SABER e COMBINAR, somando 4 aparições. Na sequência identificamos uma aparição do fenômeno de incorporação de intensidade por duplicação e uma aparição do fenômeno de incorporação de intensidade por repetição do movimento. Ainda houve a identificação de um fenômeno de incorporação de classificador de pessoa/singular e outro de pessoa/plural; um de incorporação nominal em verbo de ação; um de incorporação de numeral, um de incorporação de numeral em numeral e, por último, uma aparição do fenômeno de incorporação de instrumento.

Nas análises feitas, identificamos que um mesmo fenômeno pode ocorrer de maneira distinta, embora ocorra em uma mesma classe gramatical, como nos casos dos verbos TER, APRENDER, SABER e COMBINAR. O fenômeno de incorporação identificado nesses verbos foi o de negação, mas cada descrição nos permitiu uma análise individual. Para a ocorrência de incorporação de negação no morfema TER houve a troca do ponto de articulação, passando da região peitoral para o espaço neutro. No caso do morfema APRENDER, houve apenas a incorporação da negação por meio da expressão facial e movimento da cabeça da esquerda para direita. Em SABER, houve mudança na configuração de mão, no movimento e houve deslocamento do ponto de articulação para o espaço neutro. E no morfema COMBINAR, a incorporação de negação ocorreu por meio da alteração do movimento da mão direita, que, nesse caso, se deslocou para baixo, acrescido da expressão facial negativa (expressão facial contraída e eventual movimento negativo de cabeça para direita e para a esquerda).

Ao descrever o sinal NÃO-TER, nos contextos analisados, com Finau e Mazzuchetti (2015), entendemos que, da mesma forma que as línguas orais, a Libras possui unidades linguísticas mínimas que isoladamente não carregam significado, mas se unem a outras unidades (também mínimas ou maiores) para atribuir ou alterar significados. Nesse sentido, notamos que a organização fonológica realizada para compor essa expressão NÃO-TER apresentou um processo complexo de troca/empréstimo/substituição de fonemas, cuja

combinação se estabeleceu, reafirmando o *status* das estruturas classificadoras como subsistema morfológico, sendo composto por diversos segmentos (FINAU; MAZZUCHETTI, 2015).

Na descrição e análise do sinal NÃO-APRENDER, entendemos que a mudança de um dos fonemas para que ocorra o fenômeno de incorporação de negação não é uma regra geral. O caso da forma negativa do morfema APRENDER nos mostrou isso claramente. Para incorporar o sufixo de negação, houve apenas a incorporação do fonema expressão facial negativa (expressão facial contraída e eventual movimento negativo de cabeça para direita e para a esquerda) e movimento da cabeça da esquerda para direita, apresentando-nos um processo de acréscimo. Nesse sentido, Liddell (1997) respalda o identificado na análise dos dados, pois, para o autor, morfemas vinculados (isto é, unidades significativas que não podem ocorrer sozinhas) podem se combinar para se criarem novos significados. Nesse caso, entendemos o sufixo de negação como um morfema vinculado.

Em NÃO-SABER, temos a incorporação de negação identificada por meio de mudança no fonema configuração de mão e deslocamento do ponto de articulação para o espaço neutro. Para justificar o identificado na análise, temos, ainda em Lidell (1997), que parte dos sinais pode mudar ou desaparecer como resultado dos processos morfológicos de incorporação e o ponto de partida para a ocorrência desse fenômeno são morfemas livres. No caso apontado aqui, o morfema base ou raiz seria o verbo SABER. A formação do sinal NÃO-SABER nos apresenta um processo de troca/empréstimo/substituição de fonemas.

E, por último, temos o fenômeno de incorporação de negação, identificado no morfema base ou raiz COMBINAR. Nesse caso, a única mudança ocorrida para que a forma negativa desse morfema fosse identificada foi a mudança no fonema movimento no qual a configuração de mão da mão direita se desloca para baixo nos apresentando um processo de acréscimo. Nesse contexto, para que o sufixo de negação fosse incorporado, o acréscimo do fonema expressão facial é opcional, pois, mesmo que ele não seja incorporado na realização do sinal, o deslocamento da mão direita para baixo marca essa negação. Percebemos então que houve um processo de troca/substituição.

O fenômeno de incorporação de intensidade ocorreu em duas situações distintas, com os participantes 2 e 4, mas em relação ao mesmo morfema AJUDAR. A incorporação de intensidade foi marcada pela repetição do movimento do sinal, o que nos faz entender que a intensidade não precisa ser necessariamente marcada pelo advérbio de intensidade “muito” que nesse caso apresentaria o sinal-base ou raiz acompanhada do advérbio, como por exemplo, [AJUDAR MUITO], em que haveria o sinal de AJUDAR e na sequência o sinal de

MUITO. Nos dados analisados, a incorporação ocorreu justamente por causa da anulação do advérbio e incorporação dessa intensidade no movimento. Percebemos então que houve um processo de anulação/substituição. Porém, na fala do participante 4, a marcação da intensidade pela expressão facial complementa o movimento repetitivo.

Ferreira e Naves (2014) também mencionam a incorporação de intensificador. Para as autoras, esse fenômeno acontece quando o infixo de intensificação reincorpora a raiz de alguns verbos por meio da aceleração do movimento como nos verbos TRABALHAR-DEMAIS, ESTUDAR-DEMAIS entre outros. Nos casos analisados, nessa pesquisa foi exatamente o que ocorreu: o infixo de intensificação substituiu o advérbio MUITO e reincorporou à raiz com movimento acelerado e repetitivo.

Ainda podemos mencionar a incorporação de intensidade, por meio da duplicação do sinal, identificado na fala da participante 1 ao realizar o sinal de NÃO- TER com as duas mãos. A duplicação do sinal para expressar intensidade, também é uma possibilidade na Libras e sua ocorrência pode ser percebida na realização de outros sinais como DIFÍCIL e QUERER, por exemplo, que são sinais realizados apenas com uma das mãos, mas, ao acrescentar informações gramaticais no caso de intensidade, incorpora a duplicação do sinal. Temos, portanto, em Xavier (2014), a confirmação dessa possibilidade, pois o autor aponta que, para representar intensidade, um sinal realizado apenas com uma das mãos, passa a ser realizado com as duas como forma de intensificar seu significado.

No fenômeno de incorporação de classificador-pessoa, identificamos que um fonema, no caso configuração de mão em g, ganha status de morfema ao ser utilizado como classificador. Nesse sentido, a configuração de mão em g pode ser considerada morfema, pois atua como classificador de pessoas. Podemos pontuar ainda que esse classificador pode se referir ao singular ou plural, a depender da orientação/direção da mão e o movimento. Nos casos analisados aqui, temos na fala da participante 1, que esse fenômeno se deu por meio do uso do classificador de pessoa mão em g singular, representando apenas uma pessoa, que no caso era o colega surdo que ingressou na escola e, posteriormente, o mesmo sinal foi realizado para representar o profissional intérprete contratado pela escola (Mão direita em g, palma para frente em direção esquerda em direção ao corpo do enunciador).

Já a outra aparição do fenômeno de incorporação classificador-Pessoa, identificado na fala do participante 3, nos mostra um classificador de plural. A orientação/direção da palma da mão é dedo indicador para baixo e o movimento circular nos remetendo a ideia de várias pessoas e o contexto nos afirma isso, pois, pelo contexto, sabemos que se refere a uma quantidade maior que um de pessoas que não sabem Libras. Quadros e Karnopp (2004)

afirmam que na Libras a flexão pode ser singular, dual, plural e múltiplo. Nesse caso, de acordo com o contexto analisado, podemos dizer que essa flexão é uma flexão de número indicador de múltiplo.

O fenômeno de incorporação nominal em verbo nos chamou bastante a atenção, haja vista que ainda não identificamos esse fenômeno nessa relação nome + verbo+ nome- ESCOLA + ESTUDAR + PARTICULAR em nenhuma de nossas leituras. Nesse caso, percebemos esse fenômeno devido a realização do sinal PARTICULAR realizado na fala da participante 2, uma vez que o sinal ESCOLA é um sinal composto feito por justaposição dos sinais de CASA + ESTUDAR. A realização do sinal de PARTICULAR deixou subtendida, pelo contexto, que a participante se referia à escola, pois particular é um nome adjetivo que caracteriza outro nome e, portanto, ao ser realizado posteriormente ao verbo ESTUDAR, evidenciou essa incorporação nominal.

O morfema ESTUDAR trata-se de um verbo, logo observamos que o sinal base ou raiz de ESCOLA (CASA) foi anulado e o sinal secundário ESTUDAR foi incorporado no próprio verbo e o morfema PARTICULAR fez referência à escola. Ao contrário do que observamos no estado da arte, que nos mostra possibilidades de incorporação nominal em verbos de deslocamentos, tais como: ANDAR, COLOCAR e CAIR, nesta pesquisa identificamos, a partir das análises, a possibilidade de ocorrência de incorporação nominal, também em verbos de ação, combinando nome + verbo. Indo ao encontro de nossa percepção, temos em Ferreira e Naves (2014) a afirmação de que o fenômeno de incorporação pode ocorrer pela combinação (morfofossintática ou semântica) de dois itens lexicais – o nome + o verbo.

A ocorrência do fenômeno de incorporação de numeral foi bem frequente nos vídeos analisados e isso se deve ao fato de que os diálogos estão inseridos em uma mesma categoria “escola-surdo-ouvinte”, um contexto em que as menções de períodos escolares são frequentes. A análise feita correspondeu ao disponibilizado no estado da arte em reação as ocorrências e descrições. Há ainda uma relação que perpassa em meio a morfemas presos e dependentes como observamos em SÉRIE que é um morfema preso e, dessa forma, realizado a partir do sinal de ENSINO FUNDAMENTAL e o morfema ENSINO que, embora seja um morfema livre para se referir a ENSINO FUNDAMENTAL, estabelece uma relação de dependência com o morfema preso FUNDAMENTAL e é realizado a partir da Configuração de Mão de 1 para 9 realizada no antebraço da mão não dominante.

Ao analisar o fenômeno de incorporação de numeral, percebemos ainda que, ao se referir aos períodos escolares todos os participantes, ao realizar o sinal correspondente a série em questão no momento da fala/sinalização incorporaram o numeral cardinal ao numeral

ordinal, desse modo entendemos que na maioria dos casos ocorreu incorporação de numeral em numeral. Esse fenômeno foi identificado pelas trocas dos fonemas como configuração de mão referente a números cardinais para representar números ordinais, como, por exemplo, TERCEIRA-SÉRIE e OITAVA-SÉRIE, em que os sinais perdem o movimento existente na representação de números ordinais e sua realização passa a ser feita mantendo todos os outros fonemas, exceto o movimento.

Por fim, o fenômeno de incorporação de instrumento foi identificado em dois momentos: na fala do participante 4 e, posteriormente, na fala do participante 5, relacionados ao mesmo instrumento caneta/lápis incorporado ao morfema ESCREVER. Nessa análise, identificamos que o morfema base ESCREVER refere-se a um verbo de ação e, por isso, precisa de um complemento, pois quem escreve, escreve algo ou em algum lugar/objeto, com algum instrumento. Esse complemento será o objeto, nesse caso o papel, no qual o sujeito escreverá. Desse modo, o instrumento utilizado incorpora o objeto a ser escrito e o movimento marca o verbo. Ferreira (2010, p. 25) confirma o apresentado nessa análise, ao afirmar que “a incorporação de informação léxico-sintática se dá pela superposição da informação lexical somada à informação de ordem sintática (objeto direto, locativo, sujeito)”. Nesse caso a relação é com o complemento verbal papel. Na seção seguinte, traçamos as considerações finais de nossa pesquisa.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos nessa seção da dissertação nossas considerações finais, juntamente com os resultados obtidos na pesquisa. Além disso, discorreremos sobre a relevância do estudo descritivo considerando o contexto comunicativo e a produtividade do fenômeno de incorporação nos processos de formação de sinais da Libras, bem como, apresentamos algumas possibilidades de estudos a partir da temática dessa pesquisa e sua relevância para a manutenção e propagação da língua.

Considerando o objetivo primeiro dessa pesquisa que é o de descrever e analisar como se realizam os processos de incorporação de diversos elementos linguísticos na Libras em contexto comunicativo e, tendo como base os resultados apresentados nas seções anteriores, buscamos responder, a seguir, as perguntas de pesquisa apontadas no início deste estudo em que procuramos compreender: Quais são os tipos de incorporação que aparecem na fala dos surdos e quais são os mecanismos gramaticais e lexicais que são subjacentes às formas de incorporação? Como o fenômeno da incorporação se realiza na fala dos surdos e quais são as regras que regem a união dessas unidades?

De maneira geral, os dados descritos e analisados nos vídeos selecionados nos mostraram que os fenômenos de incorporação são bastante frequentes na fala do surdo usuário da Libras. Na análise dos dados identificamos 12 tipos de incorporação distintos, dentre os quais 4 estão relacionados a verbo; 2 relacionados a classificador de pessoa singular e plural; 2 relacionadas à incorporação de intensidade, sendo o primeiro caso por duplicação do movimento e o segundo caso por repetição. Os demais fenômenos identificados apresentaram apenas uma ocorrência, sendo elas: nominal em verbo, numeral, numeral em numeral e instrumento.

Em relação aos mecanismos gramaticais e lexicais e as regras que regeram os fenômenos, pudemos identificar, por exemplo, que as ocorrências de incorporação de negação se deram a partir de um mesmo grupo gramatical, os verbos, mas, apesar disso, os mecanismos gramaticais e lexicais observados e as regras que regeram as uniões dessas unidades não foram os mesmos, logo não há uma única regra a ser considerada para cada tipo de incorporação. Nesse sentido, entendemos que as regras que regem os mecanismos gramaticais e lexicais de incorporação variarão de acordo com o verbo ao qual essa negação estiver incorporada, como foram analisados nas incorporações de negação identificadas nos verbos TER, APRENDER, SABER, COMBINAR.

Na ocorrência da forma negativa do verbo TER, por exemplo, o fenômeno sucedeu por meio de três mecanismos lexicais e gramaticais: a incorporação dos fonemas movimento, girando a palma da mão para baixo; a mudança do ponto de articulação para o espaço neutro; e adição da expressão facial de negação. Para a negação no verbo APRENDER, os mecanismos subjacentes para a forma negativa do verbo ocorreram por meio da expressão de negação adicionada ao movimento da cabeça da esquerda para direita. No verbo SABER, a incorporação do morfema de negação no verbo SABER ocorreu devido à mudança de configuração de mão e no movimento e adição da expressão facial de negação. E na ocorrência da forma negativa para o verbo COMBINAR, a alteração para marcação dessa negação foi o movimento da mão direita para baixo acrescido de expressão facial de negação.

Nesse sentido, podemos afirmar que os resultados nos levaram a entender que o fenômeno de incorporação de negação em verbos tem em comum a expressão facial de negação e, às vezes, o movimento da cabeça da esquerda para a direita, porém não necessariamente há a necessidade de que esses mecanismos ocorram sempre que houver a negação, por vezes, a mudança, em pelo menos um dos fonemas, marca essa negação, como caso do verbo COMBINAR que só houve alteração no movimento da mão e que, mesmo não havendo a marcação dessa negativa por meio da expressão facial, a própria alteração no fonema movimento aponta o fenômeno de incorporação de negação.

Também observamos que a incorporação nominal em verbo não acontece apenas em verbos de deslocamentos, mas pode ocorrer em verbos que expressam ação como identificamos na ocorrência do nome ESCOLA incorporado no verbo ESTUDAR. Os dados nos mostraram que as combinações lexicais podem conter informações pertinentes que nos levam a identificação de fenômenos, os quais poderiam não ser identificados caso optássemos por uma análise morfológica e não morfossintática. Desse modo, identificamos que o nome PARTICULAR que sucedeu a realização verbo se referia a uma qualidade, um caracterizador, logo havia ali um morfema incorporado e, pelo contexto, percebemos que esse morfema se tratava do nome ESCOLA.

A análise da ocorrência da incorporação de numeral nos apresentou mecanismos e regras gramaticais similares ao proposto no estado da arte, porém pudemos perceber que, para além do fenômeno de incorporação de numeral há, ainda, a possibilidade de ocorrência de incorporação de numeral em numeral quando, por exemplo, para a realização dos morfemas numeral ordinal utilizado para representar períodos escolares o fonema movimento é anulado e o morfema numeral cardinal é incorporado nessa realização. Nas leituras feitas, não observamos nenhum material que tratasse desse fenômeno de incorporação de numeral em

numeral e ele ocorre com bastante frequência em temáticas envolvendo períodos escolares, como foi o proposto nos vídeos analisados.

Em relação à incorporação de classificador de pessoa, identificamos duas ocorrências, uma utilizada para flexão de número singular e outra utilizada para flexão de número plural. Embora o nome PESSOA tenha um sinal específico, o uso de classificador de pessoas é bem comum e apresenta mais de uma possibilidade. No caso analisado, nesta pesquisa, identificamos o classificador de pessoa feito a partir do fonema g que por conter vários traços como movimento, ponto de articulação, orientação/direção ganha status de morfema.

De acordo com as análises, o que diferiu para categorizar a incorporação de classificador como singular ou plural foi a mudança na orientação e no movimento da mão, sendo que, para a primeira ocorrência a mão estava com a configuração em g para cima e o movimento foi realizado incorporando esse classificador ao morfema ANDAR. Nesse sentido, podemos dizer que a incorporação de classificador está associada a verbo de movimento ANDAR. O segundo caso nos apresentou um fenômeno marcador de plural por meio de um movimento circular e a configuração de mão para baixo, marcando um número maior que 3 de pessoas. O estado da arte nos apresentou esse fenômeno como flexão de número indicador de múltiplo.

A partir das leituras feitas, compreendemos que, nas construções classificadoras, o movimento surge como um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções seja os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso e os movimentos direcionais no espaço. No que se refere à incorporação de intensidade, pudemos entender que o morfema MUITO, categorizado com o advérbio de intensidade, pode ser incorporado ao morfema base por meio da repetição do movimento como ocorreu no morfema verbo AJUDAR, e não necessariamente por meio da composição de dois itens lexicais como, por exemplo, MUITO + AJUDAR que é percebido na fala de alguns usuários da Libras. Também identificamos que a incorporação de intensidade pode ocorrer por meio da duplicação do sinal como o observado na fala da participante 1 ao realizar a forma negativa do morfema NÃO-TER utilizando as duas mãos.

E, por último, a análise nos permitiu identificar o fenômeno da incorporação de instrumento, um fenômeno bastante complexo, pois há de se separar a ideia de instrumento da ideia de objeto e, por vezes, embora tenham conceitos diferentes, eles são postos como sinônimos, no entanto, o instrumento se refere ao objeto simples ou constituído por várias peças, que serve para executar um trabalho, fazer uma medição ou observação, por outro lado, o objeto é coisa material que pode ser percebida pelos sentidos.

No processo de análise, identificamos a ocorrência da incorporação do morfema CANETA/LÁPIS, considerado um instrumento que utilizamos para escrever, no morfema ESCREVER. Na sequência, há a necessidade de um complemento, pois quem escreve, escreve algo em alguma coisa, em algum lugar ou superfície e mesmo, que essa informação não esteja disposta, ela fica implícita pelo contexto de fala. No caso dessa análise, a mão esquerda aberta, palma para cima, dedos para frente, indicou que essa coisa/lugar/superfície se tratava do nome PAPEL que, no entanto, foi dado como complemento.

Ainda sobre a análise do fenômeno de incorporação de instrumento identificamos que, para a ocorrência desse fenômeno, o morfema ESCREVER foi incorporado ao modo como se escreve utilizando o LÁPIS/CANETA no complemento PAPEL. Diante disso, podemos reiterar aqui a complexidade de uma análise feita para fenômenos de incorporação de instrumento. Uma análise, nessa perspectiva, requer perpassar por conceitos, sentido e significado, como o caso apontado aqui sobre a diferença entre os nomes objeto e instrumento, para posteriormente distinguir as regras do fenômeno.

Os resultados obtidos nessa pesquisa confirmaram a hipótese levantada por nós no início desse estudo de que o surdo, ao se comunicar em Libras, utiliza processos de incorporação de diversas informações gramaticais, lexicais e de construções classificadoras da Libras em sinais-base ou raiz. Ao considerar o contexto comunicativo, pudemos perceber a ocorrência de diversos tipos de incorporação, inclusive alguns desses tipos foram identificados mais de uma vez na fala do mesmo participante. Diante disso, acatamos o apontado no estado da arte em relação fenômeno de incorporação que nos apresenta esse fenômeno inserido no campo da morfologia como uma possibilidade de formação de sinal.

De acordo com nossas leituras pudemos perceber que autores como Quadros e Karnopp (2004) entendem a incorporação como um fenômeno subjacente ao fenômeno de derivação, reconhecido pela criação de um novo sinal a partir de um já existente. Se considerarmos essa afirmativa, o fenômeno de incorporação precisa ser visto como um morfema base que origina outro morfema por meio da mudança de um dos fonemas/ou parâmetros. O que observamos é que, às vezes, o referente não possui um sinal e por isso precisa ser representado por meio de construções classificadoras, de datilologia ou até mesmo de soletração rítmica, confirmando o apontado por Ferreira e Naves (2014) ao tratar da diferença entre derivação e incorporação.

As autoras consideram que o fenômeno de incorporação precisa ser visto como algo independente do fenômeno de derivação, haja vista que alguns referentes nem ao menos possuem sinal e para serem realizados precisam ser incorporados às construções

classificadoras. Desse modo, o fenômeno de incorporação deve ser entendido como parte do processo de formação, porém sem ser vinculado ao fenômeno de derivação. Nesse sentido, entendemos que o fenômeno de incorporação é sim uma possibilidade de formação de sinais na Libras dentro do nível morfológico, inclusive com bastante ocorrência em contexto comunicativo, porém independente do fenômeno de derivação.

Outro ponto relevante da nossa pesquisa foi o fato de considerarmos esse estudo pelo viés dos aspectos morfofonológicos e morfossintáticos. Considerando que os níveis linguísticos de uma língua são basicamente cinco: fonético, fonológico, morfológico, sintático e semântico e que podem ser analisados de forma isolada. Estudos nos mostram que esses níveis estão interligados uns aos outros e, portanto possuem uma relação de interdependência. Nesta perspectiva, a análise por meio dessa relação morfofonológica e morfossintática contribuiu para que pudéssemos categorizar outros fenômenos que se mostraram de incorporação, além das formas bastante analisadas tais como a incorporação de numeral e de negação.

Nesse caso, a pesquisa nos permitiu alcançar também resultados mais precisos, devido ao fato de considerarmos o contexto comunicativo. Pudemos concluir, por exemplo, que uma descrição analítica feita a partir de contexto comunicativo contempla uma amplitude de informação que, por vezes, não temos acesso em materiais transcritos. Diante disso, percebemos que os fenômenos de incorporação transcendem o apresentado no estado da arte, pois, ao desenvolvermos essa pesquisa, identificamos outros tipos de incorporação como foi o caso da incorporação nominal em verbo de ação, de numeral em numeral e de negação variando entre verbos. A análise, feita por meio dos vídeos registrados a partir da língua em uso, nos possibilitou observar como, de fato, os mecanismos gramaticais e lexicais se organizaram para a formação de sinais e a ordem com que as sentenças se apresentaram na fala dos participantes.

Com o desenvolvimento desta pesquisa percebemos a importância e, ao mesmo tempo, a carência de estudos descritivos da Libras, inclusive, no que tange sua morfologia, em específico os processos de formação de sinais por meio do fenômeno de incorporação. Como já discorrido, o estado da arte nos apresentou uma lacuna em relação a outros tipos de incorporação para além da incorporação de negação e de numeral, cuja categorização e descrição já foram realizadas de modo exaustivo por inúmeros pesquisadores. Existem diversas produções na área da linguística de outras línguas de sinais e até mesmo nos foram sugeridos vários materiais que tratam desses fenômenos em outras línguas de sinais, em especial a ASL. Todavia, na Libras, o fenômeno, os materiais e publicações se apresentaram

de modo tímido e em quantidade insatisfatória, nos permitindo concluir a relevância dessa pesquisa para a área da linguística da Libras, inclusive, que aborde a descrição da língua em contexto comunicativo, pois, embora tenhamos importantes contribuições na pesquisa em cenário nacional, ainda se faz necessário pesquisas na perspectiva descritiva da Libras, sobretudo, na área da sua morfologia.

Ao descrever os fenômenos de incorporação realizados na fala do surdo, foi possível verificar a necessidade de pesquisas que tratam de modo mais aprofundado sobre a função dos classificadores na composição e na formação de sinais da Libras, assim como a sua função na organização sintática. Ao analisar os processos de formação de sinais, sentimos falta também de pesquisas que abrangessem os processos descritivos dos princípios da economia linguística da Libras quando na sua realização em contexto de uso, como também estudos que tratassem das regras de combinação entre elementos mínimos e entre morfemas livres e presos na composição de sinais e/ou de expressões na fala dos surdos. Essas temáticas, dentre várias outras, a respeito da descrição dos fenômenos de formação de sinais da Libras, no entanto poderão ser tratadas em outros estudos e em momentos outros, para os quais esse estudo poderá servir de fonte inspiradora.

Em suma, esta pesquisa nos mostrou que a temática escolhida possui relevância no que se refere aos estudos descritivos/analíticos da Libras, em especial, considerando o contexto comunicativo da Libras em uso, pois podem contribuir para sistematização e também recorte de conteúdo, auxiliando no processo de ensino-aprendizagem dessa língua, bem como para a produção de materiais didáticos que servirão de suporte nesse processo. Ademais, ainda pode contribuir para perenização, registro, difusão da língua e de aporte para futuras pesquisas na área, afinal, como já mencionado, os dados identificados, descritos e analisados nessa pesquisa foram assim feitos sem a pretensão de esgotar as análises e sem que nossas conclusões fossem tomadas como definitivas. Nesse sentido, entendendo que esta pesquisa não está pronta e acabada, acreditamos que este material possa nortear pesquisas futuras na área de descrição e análise e da Libras e de outras línguas de sinais que se proponham à mesma temática ou áreas a fins.

REFERÊNCIAS

- Albres, N. A. **Relações dialógicas entre professores surdos sobre o ensino de Libras**. 2014. 305 f. Teses (Doutorado em Educação Especial). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.
- BAKER, M. C. **Incorporation**: a theory of grammatical function changing. Chicago: University of Chicago Press, 1988.
- BASÍLIO, M. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 1987.
- BERENZ, N. **Person and Deixis in Brazilian Sign Language**. Dissertação (Mestrado) - University of California, Berkeley. 1996. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/7x34h8f0>. Acesso em: 15 mar. 2020
- BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida. O uso de classificadores na língua de sinais brasileira. **ReVEL**, [s.l.],v. 10, n.19, 2012.Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 25 set. 2020.
- BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **A educação dos surdos**. Brasília: MEC/SEESP, 1997. V. II. – (série Atualidades Pedagógicas; n. 4). 361p
- BRASIL. **Decreto 5.626, de 23 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei 10. 436, de 24 de abril de 2002. Brasília, DF: Presidência da República, 2002. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURÍCIO, A. C. L. **Novo Deit-Libras**: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2009.
- CHOI, D. *et al.* **Libras**: conhecimento além dos sinais. São Paulo: Person, 2011.
- CHOMSKY, N. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Coimbra: Armênia Amado, 1975.
- DUBOIS, J. *et. al.* **Dicionário de Linguística**. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 2014.
- FARIA-NASCIMENTO, S. P; CORREIA, M. **Um olhar sobre a morfologia dos gestos**. Lisboa: UCP, 2011.
- FELIPE, T. A. **LIBRAS em contexto**: curso básico. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2001. (Livro do estudante).
- FELIPE, T. A; MONTEIRO, M. **Libras em Contexto**: Curso Básico. 6. ed. 6. Brasília/DF: MEC, 2007. (Livro do Professor).
- FELIPE, T. A. A estrutura frasal na LSCB. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 4., 1998. Recife. **Anais** [...]. Recife: ANPOLL, 1998.
- FELIPE, T. A. Os processos de formação de palavra na Libras. **Estudos**

Linguísticos: grupos de estudos e subjetividade, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, jun. 2006.
<https://doi.org/10.20396/etd.v7i2.803>

FERREIRA, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FERREIRA, G.A; NAVES, R. R. Um estudo sobre os verbos manuais da Língua de Sinais Brasileira (LSB). **VEREDAS on-line: sintaxe das línguas brasileiras**, Juiz de Fora, v.8, 2014.

FINAU, R. A.; MAZZUCHETTI, V. A incorporação de numeral em estruturas classificadoras de língua brasileira de sinais. **ReVEL**, [s.l.], v. 13, n. 24, 2015.

FIORIN, J. L. **Introdução à Linguística II: princípios de análise**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FISCHER, S. **Verb inflections in American Sign Language and their acquisition by the deaf child**: Paper presented at the Winter Meeting of the Linguistic Society of America. [s.l.: s.n.], 1973.

FUENTES, M., M. I. *et. al.* Numeral-Incorporating Roots in Numeral Systems: A Comparative Analysis of Two Sign Languages. **Sign Language Studies**, p. 55-75, 2010.
<https://doi.org/10.1353/sls.2010.0000>

GREENBERG, J. H. **Universals of Human Language**: sintaxe. California: Stanford University Press, 1978. v. 4.

LEITE, T.A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras)**: um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. 2008. 280 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Departamento de Departamento de Letras Modernas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LIDDELL, S. Numeral incorporating roots and non-incorporating prefixes in American Sign Language. **Sign language studies**, 1997. <https://doi.org/10.1353/sls.1996.0008>

KOJIMA, C.K; SEGALA, S. R. **Libras: língua brasileira de sinais: a imagem do pensamento**. São Paulo: Editora Escala, 2008.

MARINHO, M. L. **Língua de sinais brasileira: proposta de análise articulatória com base no banco de dados LSB – DF**. Brasília, DF: [s.n.], 2014.

MEIR, I. Word classes and word formation. *In*: PFAU, R.; STEINBACH, M; WOLL, BENCIE (ed.). **Sign Language: an international handbook**. Berlin: Walter de Gruyter GmbH, 2012. p. 77-111. <https://doi.org/10.1515/9783110261325.77>

PASSOS, R. **Parâmetros físicos do movimento em libras**: um estudo sobre intensificadores. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1997.

PERLIN, Gládis. História dos Surdos. **Caderno Pedagogia para Surdos**, Florianópolis, CEAD, 2002.

PETTER, M. Linguagem, língua, linguística. *In*: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à linguística**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: ARTMED, 2004. <https://doi.org/10.18309/anp.v1i16.560>

QUADROS, R. M.; PIMENTA, N. **Curso de Libras**. 1. Rio de Janeiro: LIBRAS Vídeo, 2006.

QUADROS, R. M.; QUER, J. **Back to back (wards) and moving on**: on agreement, auxiliaries and verb classes in sign languages. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul. 2008. Disponível em: https://pure.uva.nl/ws/files/4347468/63558_296935.pdf. Acesso em: 15 mar. 2020.

QUADROS, R. M.; SCHMITT, D.; LOHN, J.T.; LEITE, T. A. **Corpus de Libras**. 2019. Portal: Corpus Libras. Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>. Acesso em: 20 out. 2019.

QUADRO, R. M.; STUMPF, M. R.; LEITE, T. A. (org.). **Estudos da língua brasileira de sinais**. Florianópolis: Insular, 2013. (Série Estudos de Língua de Sinais).

SAUTCHUK, I. **Prática de morfologia**: como e por que aprender análise (morfo) sintática. Barueri: Manole, 2004.

SILVA, M. P. M. **A Semântica como negociação dos significados em libras**.

Unicamp, 2006. Disponível em:

<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/tla/article/view/1954>. Acesso em: 20 jul. 2020

SKLIAR, C. (org.) **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

STOKOE, W. C. **Sign Language Structure**: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf. Gallaudet University, [1960]. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, [s.l.], v. 10, n. 1, 2005. <https://doi.org/10.1093/deafed/eni001>

SUPALLA, T. The classifier system in American Sign Language. *In*: CRAIG, Colette. (ed.) **Typological studies in language**: noun classes and categorization. 7. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1986. P. 181-214. <https://doi.org/10.1075/tsl.7.13sup>

TAKAHIRA, A. G. R. **Incorporação de numeral na Libras**. Juiz de Fora: Conference Paper, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Corpus Libras**. Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

VALLI, C, LUCAS, C. **Linguistics of American Sign Language: an introduction.** Washington, DC: Gallaudet University Press, 2001.

SCHUIT, J. **The typological classification of sign language morphology.** Tese (Doutorado) - Master's Thesis, Research MA Linguistics, Universiteit van Amsterdam, 2007

SOUZA, T. A. F.; MONTEIRO, M. S. **Libras em contexto: curso básico: livro do professor.** 6. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006.

VELOSO, B.S. **Construções classificadoras e verbo de deslocamento, existência e localização na Língua de Sinais Brasileira.** 2008. Teses (Doutorado)- Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2008

XAVIER, A. N. **Uma ou duas? Eis a questão! Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais (Libras).** 2014. Tese (Doutorado) - Unicamp, Campinas, 2014.